



WP2 – Desinvestimento e seus impactos territoriais
Margarida Queirós
Eduardo Brito Henriques
Heitor Gomes
Pedro Soares



DIVEST – DESINVESTIMENTO E IMPACTOS ECONÓMICOS, SOCIAIS E TERRITORIAIS

Projecto POCTI/GEO/34037/2000

LISBOA - 2002

DIVEST – DESINVESTIMENTO E IMPACTOS ECONÓMICOS, SOCIAIS E TERRITORIAIS

Projecto POCTI/GEO/34037/2000

Investigador Responsável: Mário Vale

Ficha Técnica:

Título: Desinvestimento e seus impactos territoriais. WP2, Projecto DivesT.

Autores: Margarida Queirós, Eduardo Brito Henriques, Heitor Gomes, Pedro Soares.

Composição / Revisão Texto: Rui Dias.

ÍNDICE

	Pág.
Capítulo 1. Desinvestimento e reestruturação industrial. Impactos económicos, sociais e territoriais	4
Introdução	4
1. A crise económica e a passagem para os sistemas pós-fordistas de produção flexível: políticas de desinvestimento industrial e impactos económicos, sociais e territoriais	5
2. Desinvestimento industrial e processos de reestruturação e reorganização do espaço produtivo	8
Capítulo 2. Reconversão de áreas desindustrializadas. Da crise às estratégias de renovação	16
Introdução	16
1. Dinâmicas recentes nas políticas e práticas para a reestruturação de antigas áreas industriais	19
1) <i>De recursos naturais a capital natural</i>	19
2) <i>De paisagem da produção a paisagem de consumo</i>	21
3) <i>Da rigidez do capitalismo industrial à flexibilidade da fase pós-industrial do capitalismo</i>	22
4) <i>Do papel empreendedor do sector público ao envolvimento entre os sectores público e privado</i>	24
2. As políticas de reconversão e <i>redevelopment</i> : uma visão de síntese	25
3. As políticas de reconversão sob uma perspectiva crítica	27
Capítulo 3. As respostas institucionais da União Europeia para as regiões em crise	29
1. Um espaço europeu das regiões em redefinição	29
2. Fundos Estruturais e Objectivos	30
3. Programas das regiões Objectivo n.º 2	33
4. Conclusão	35
Síntese conclusiva	39
Bibliografia	40
Anexo 1 – Fichas de casos de intervenção em áreas em crise	45
Anexo 2 – Síntese dos Programas das áreas elegíveis para o Objectivo 2 / UE15 (Período 2000 - 2006)	80

CAPÍTULO 1

DESINVESTIMENTO E REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL. IMPACTOS ECONÓMICOS, SOCIAIS E TERRITORIAIS

INTRODUÇÃO

As últimas décadas caracterizaram-se por um intenso processo de reestruturação produtiva, com consequências no tipo de abordagem e nas referências teóricas em geografia económica. Na verdade, a crise económica dos anos setenta, que acelerou fortemente a erosão do modelo fordista e contribuiu para o desenvolvimento de sistemas de produção mais flexíveis, provocou uma reestruturação no sistema económico vigente e levou a novas formas de acumulação do capital.

Os regimes de produção flexível tendem para a configuração de uma nova ordem territorial da produção, não só através do surgimento de novos espaços industriais, mas também da reconfiguração e reestruturação dos territórios fortemente industrializados, questões profundamente relacionadas com processos de desinvestimento.

Como resultado, as perspectivas teóricas relacionadas com a temática industrial e com os processos de desinvestimento e reestruturação económica e industrial têm conhecido uma importante evolução epistemológica, procurando responder às novas questões e paradigmas e gerando novos conceitos e enfoques.

Neste capítulo, procura-se efectuar uma reflexão teórica a respeito do processo de desinvestimento industrial e da reestruturação económica que têm vindo a fazer sentir-se no território, articulando várias tipologias de impactos resultantes desse conjunto de alterações recentes.

1. A CRISE ECONÓMICA E A PASSAGEM PARA OS SISTEMAS PÓS-FORDISTAS DE PRODUÇÃO FLEXÍVEL: POLÍTICAS DE DESINVESTIMENTO INDUSTRIAL E IMPACTOS ECONÓMICOS, SOCIAIS E TERRITORIAIS

Dos ciclos económicos de expansão e recessão que caracterizam a evolução histórica do capitalismo, pelas suas características muito particulares (ruptura face às estratégias de organização da produção precedentes, colocando os países desenvolvidos industrializados numa fase de rápido crescimento, com uma significativa estabilidade monetária, ausência de inflação e próximos do pleno emprego, etc.), o fordismo¹ marcou claramente o período que se segue à II Guerra Mundial.

Quadro 1 – Desaceleração da produtividade do trabalho em alguns países ocidentais

Países	Taxa de crescimento da produtividade	
	Antes de 1973	Depois de 1973
EUA	0,9	0,4
Japão	8,2	2,9
Alemanha	4,4	2,1
Reino Unido	3,3	1,5
França	4,4	2,3
Itália	5,0	1,7
Suécia	2,8	1,0
Áustria	5,4	2,1

Adaptado de BOYER, 1994

Quando em inícios da década de setenta, o esgotamento do modelo fordista começa a ganhar expressão, devido sobretudo ao processo de acumulação intensiva atingir os seus próprios limites, como consequência do declínio da relação produção/capital, do abrandamento real da produtividade aparente do factor trabalho² e do gigantismo das unidades de produção, numa economia de escala (BOYER, 1994), as políticas de desinvestimento industrial vão tornar-se uma realidade com consequências económicas, sociais e territoriais marcantes (VALE, 2001). A produtividade começa a apresentar um crescimento mais lento, particularmente nos países onde o fordismo se implantara de forma dominante (quadro 1). Esta foi uma época de profundas transformações, que iriam ter como

¹ O termo fordismo foi utilizado pela primeira vez na década de trinta pelo marxista italiano GRAMSCI (1971) - *Americanism and Fordism*, in Q. HOARE e G. NOWELL SMITH (Eds), *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci*. Lawrence and Wishart, London. Actualmente, é usual utilizar-se a mesma expressão para se referenciar o processo de desenvolvimento dos países capitalistas (que encontra origem nos EUA) que ocorreu após o final da segunda guerra mundial e que prevaleceu até sensivelmente meados da década de setenta, período denominado de "trinta gloriosos" (BOYER, 1994).

² Para BOYER (1994), entre outros aspectos, os métodos fordistas perderam parte da sua eficácia em virtude de deixarem de corresponder às expectativas dos trabalhadores mais bem formados e exigentes.

resultados mais visíveis o desmantelamento, pelo menos parcial, do sistema económico prevaiente, dando lugar a novos modelos produtivos que por sua vez produziram profundas transformações sociais e territoriais.

Já no que respeita ao consumo de massa centrado nos espaços urbanos, começa a instalar-se na mesma altura uma situação de saturação parcial, principalmente na aquisição de habitação, automóveis e de bens de equipamento doméstico. Daí resultou que no início da década de setenta, as economias mais desenvolvidas dos países capitalistas, principalmente na Europa, tenham começado a apresentar sintomas de arrefecimento económico e desemprego em crescente número (SCOTT, 1988a; CASTELLS, 1996) (quadro 2). A decisão da OPEP em quadruplicar o preço do petróleo em 1973 seria então um factor decisivo no despoletar da crise, considerada como a de maior impacte em todo o século XX.

Quadro 2 – Evolução das taxas de desemprego em alguns países ocidentais (%)

Países	1970 (1)	1980 (2)	1970-1980 (2-1)
EUA	4,9	7,1	2,2
Japão	1,2	1,0	-0,2
Alemanha	0,7	3,8	3,1
Reino Unido	2,6	7,4	4,8
França	1,9	6,9	5,0
Itália	3,1	7,6	4,5
Bélgica	3,0	9,4	6,4
Dinamarca	1,1	6,9	5,8
Países Baixos	1,1	5,8	4,7
Espanha	2,2	11,7	9,5
Finlândia	1,9	4,8	2,9
Portugal	1,8	7,8	6,0

ONU

Para alguns autores (LIPIETZ e LEBOGORNE, 1987, 1994; HEIM, 1997), as origens da crise do fordismo assentam na rigidez empresarial e na lógica de produção maciça de bens estandardizados, que curiosamente estiveram na base do seu crescimento. Na verdade, os anos setenta marcam um período de crescente procura de produtos diferenciados, resultando, assim, na diminuição do seu “tempo de vida”. Pelo facto da procura surgir cada vez mais segmentada e diversificada, esse encurtamento do ciclo de vida dos produtos acabaria por determinar a substituição progressiva de modelos rígidos por modelos flexíveis de produção.

A crise económica é acompanhada depois por outras mudanças articuladas, como a crise do Estado-Providência³, a emergência de deseconomias de escala e de aglomeração em áreas fortemente industrializadas e urbanizadas e o aumento de conflitos laborais nas empresas (LIPIETZ e LBOGORNE, 1987; VALE, 1999), contribuindo significativamente para uma importante tendência de desinvestimento industrial nestes territórios.

As instituições dos países da velha industrialização reconhecem em finais dos anos setenta, perante o avolumar da crise, que as políticas *keynesianas* de apoio à procura, implementadas nos anos anteriores, deixaram de ser eficazes para responder à crise da oferta. Assim, na sequência do segundo choque petrolífero (1979), generalizam-se as ideias "monetaristas" de redução dos salários e do crédito, e a tese de que deveria ser menor a intervenção do Estado no plano sócio-económico. Entre 1979 e 1983, as consequências da crise agudizam-se e a recessão mundial, desencadeada nos países inicialmente convertidos ao monetarismo (os EUA e o Reino Unido), generaliza-se rapidamente ao restante mundo capitalista, mas também aos países mais pobres, se bem que menos visivelmente. A crise da procura sobrepõe-se à crise da oferta, colocando assim em destaque a quebra de regulação internacional.

Já no início dos anos oitenta, lançar-se-iam as bases de um novo modelo de desenvolvimento. Os seus contornos são, porém, ambíguos e o surgimento de situações "intermédias" caracteriza-se por algumas das tendências serem múltiplas, intrincadas e, por vezes, até mesmo contraditórias. De um amplo debate com o intuito de interpretar a natureza da crise económica dos anos oitenta, resultam novas formas de organização industrial denominadas por vários autores de *Pós-Fordismo*⁴ ou *Modelo de Produção Flexível*⁵.

SCOTT e STORPER (1986) consideram que a emergência de um novo regime de acumulação flexível tem por base, principalmente, o conceito da desintegração vertical industrial (em que o processo produtivo não se concentra exclusivamente numa unidade de produção, dando lugar à segmentação da produção entre empresas, o que vai resultar na diminuição da importância que as economias integradas desempenhavam). Segundo

³ É comum referir-se a crescente ineficácia social do Estado-Providência, facto que resulta fundamentalmente do mesmo se encontrar num impasse financeiro. As despesas sociais aumentam, acelerando-se, entre outros aspectos, o ritmo do subsídio de desemprego, enquanto que a produção e as receitas são reduzidas drasticamente (MARTIN e SUNLEY, 1997).

⁴ Alguns autores, entre os quais se inclui um dos pioneiros da Teoria da Regulação, (AGLIETTA, 1979), preferem o conceito de *Neo-Fordismo* para caracterizar este novo período, argumentando que o novo modelo é um claro desenvolvimento do sistema fordista, em vez de uma transformação verdadeiramente visível do mesmo, opinião partilhada por JESSOP (1992). É amplamente reconhecida a complexidade do novo modelo de desenvolvimento, que possui, simultaneamente, características distintas do sistema fordista, mas reintroduz, todavia, algumas das suas virtualidades, transformando, assim, a sua designação num conceito ambíguo. DUNDFORD e BENKO (1991) ampliam a problemática da discussão em torno dos dois conceitos, na publicação *Neo-Fordism or Post-Fordism? Some conclusions and further remarks*, in G. BENKO e M. DUNDFORD (Eds) (1994), *Industrial Change & Regional Development*. Belhaven Press, London.

⁵ Os autores que maior contributo deram à compreensão dos novos espaços industriais de acumulação flexível, foram SCOTT e STORPER (1986); BOYER (1986 e 1994); PIRE e SABEL (1984) e A. J. SCOTT (1988).

FISCHER (1994), esta situação originou uma modificação progressiva da Divisão Internacional do Trabalho. BECATTINI (1987) acrescenta que estes territórios se caracterizam por uma massificação de redes de produtores e por uma economia rica em transacções.

O novo modelo assenta, segundo PIORE e SABEL (1984), no dinamismo da pequena empresa e na especialização flexível, com significativas implicações na localização espacial das empresas. Este sistema não se salienta unicamente pelas alterações sociais e económicas incutidas no processo de produção. De acordo com PIORE e SABEL (1984), a tendência para o surgimento de “uma nova geografia da acumulação flexível”, reflecte um processo de externalização progressiva da estrutura do sistema produtivo em condições de crescente flexibilidade – tal como também HUDSON (1997) havia constatado.

Como síntese, poder-se-á referir que a transição do modelo fordista para os denominados “sistemas de produção flexível pós-fordistas” originou, para além dos significativos impactos territoriais, um conjunto de transformações sociais e económicas que se podem caracterizar, simultaneamente, por políticas de desinvestimento industrial marcantes, mas também pelo aflorar de modelos de organização produtiva que possibilitaram o ressurgimento do sistema capitalista, sob novas formas económicas e sociais (GOMES, 2001a).

2. DESINVESTIMENTO INDUSTRIAL E PROCESSOS DE REESTRUTURAÇÃO E REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PRODUTIVO

Como referido, as três últimas décadas caracterizam-se por um intenso processo de reestruturação da produção nas economias capitalistas, marcadas por novos modelos de acumulação do capital. Uma das tendências mais notórias deste conjunto de alterações prende-se com os mecanismos de desinvestimento industrial que se implementam nestas economias no período pós-crise de 73, visíveis particularmente no emprego (VALE, 2001).

O processo de desindustrialização observado, que afecta sobretudo os países da velha industrialização (BLUESTONE e HARRISON, 1982), tem como uma das grandes consequências o desinvestimento industrial em determinados territórios e a reorganização do espaço produtivo. A reestruturação industrial assume dimensões territoriais nunca antes observadas, incidindo em todos os espaços da produção⁶ (GOMES, 1998; SOARES, 2001; entre outros). Nos países cujo modelo de desenvolvimento assentava fortemente na indústria,

⁶ Para uma análise mais profunda da problemática da desconcentração e surgimento de novos espaços industriais, cf. SCOTT (1988b).

observa-se não só uma significativa perda de emprego no sector (quadro 3), como também um decréscimo generalizado no *output* do produto industrial.

Quadro 3 – Indicadores de desindustrialização em alguns países de economia capitalista

Países	Crescimento Emprego Industrial (%)		Emprego Industrial (%)			Crescimento do <i>Output</i> Industrial (%)	
	Anos 60	Anos 80	1960	1973	1988	Anos 60	Anos 80
EUA	1,9	0,0	35,3	32,5	26,9	4,4	1,8
Japão	4,0	0,8	28,5	37,0	34,1	13,7	5,3
Alemanha	-0,2	-0,9	47,0	46,7	39,8	4,3	0,4
França	1,1	-2,0	37,6	39,4	30,3	6,9	0,5
R. Unido	-0,3	-2,7	47,7	42,0	29,8	2,7	3,7
Itália	0,8	-1,2	33,9	39,3	32,4	7,1	1,9
P. Baixos	0,7	-1,0	40,5	35,9	26,4	6,5	0,8
Dinamarca	1,7	-1,0	36,9	32,3	27,2	5,1	2,3
Bélgica	0,2	-2,5	45,0	40,2	28,0	4,6	1,3
Áustria	0,4	0,0	40,3	42,3	37,4	5,0	1,4
Suécia	0,7	-0,5	40,3	37,0	29,5	5,1	2,1
Noruega	1,0	-0,3	35,6	34,3	26,4	4,7	4,5
Suíça	1,5	-0,2	46,4	44,3	35,1	-	-
Canadá	2,5	0,5	32,7	30,5	25,6	5,9	2,7
Austrália	2,1	0,3	38,9	35,1	26,4	5,3 *	3,1

* 1968-1973

CORIAT e PETIT (1995)

Neste contexto, a resposta à crise da década de setenta vai apresentar características claramente distintas do modelo territorial que se generaliza após a crise dos anos trinta, baseado essencialmente na centralização do capital e num processo de concentração produtiva (economias de escala e de aglomeração). O novo modelo de reorganização do espaço produtivo distingue-se por uma forte tendência para o desinvestimento e desconcentração produtiva (quadro 4), não sendo, contudo, antagónico com o processo de centralização do capital; este é um modelo de desconcentração territorial, com repercussões nos territórios urbanos dos países capitalistas (SCOTT, 1988a; MÉRENE-SCHOUMAKER, 1991; HEIM, 1997).

Quadro 4 – Evolução do emprego industrial nas áreas metropolitanas e áreas não metropolitanas nos EUA (%)

Unidade Territorial	1962-1967 (Δ)	1967-1970 (Δ)	1970-1974 (Δ)	1974-1978 (Δ)
Áreas Metropolitanas	14,3	0,7	-2,3	-1,3
Áreas Não Metropolitanas	24,1	5,3	10,8	1,2

HAREN e HOLLING (1979)

Com efeito, a crise económica, com o objectivo de procurar alternativas aos territórios tradicionais, cria o ambiente favorável ao surgimento de processos de reestruturação produtiva. As modificações sentidas no comportamento produtivo alteram profundamente a lógica espacial, dando lugar a intensos processos de periferização de um segmento do sector industrial directamente ligado à produção física, que se operacionaliza em diferentes escalas (SCOTT, 1988b). A emergência e progressiva industrialização de numerosos espaços periurbanos e rurais, em detrimento do emprego produtivo em muitas cidades de grande dimensão (quadro 5) iniciou, de alguma forma, se não uma ruptura, pelo menos uma descontinuidade com o modelo de acumulação espacial até então dominante.

Quadro 5 – Importância do emprego industrial em algumas das grandes áreas metropolitanas europeias, no respectivo país (%)

Área Metropolitana	1980	1990	1980-1990 (Δ)
Grande Londres	18,8	12,1	-6,7
Paris e 1ª Coroa	24,2	19,7	-4,5
Bruxelas	13,2	11,8	-1,4
Roma	14,7	9,6	-5,1
Madrid	21,4	18,1	-3,3
Viena	25,7	21,3	-4,4
Atenas	21,5	21,7	0,2
Regiões Metropolitanas da Europa Central ⁷	31,5	28,5	-3,0

VANDERMOTTEN (1994)

Esta nova lógica territorial resulta, entre outros aspectos, em desinvestimento e desconcentração dos territórios tradicionais de indústria, em que se procura claramente ultrapassar as desvantagens decorrentes das deseconomias de escala e aglomeração (SASSEN, 1991; GOMES, 2001b). O processo de desconcentração directa caracteriza-se, fundamentalmente, pela realocização de unidades empresariais e segmentação interna do processo produtivo e empresarial. De facto, ao abandonarem as áreas urbanizadas e tradicionalmente industrializadas para territórios mais periféricos (tanto no espaço nacional, como internacional⁸), as grandes empresas não só superam o conjunto de inconvenientes resultantes da aglomeração, como retiram outras vantagens decorrentes da realocização, mormente o aproveitamento da especulação imobiliária (venda de terrenos onde se

⁷ Hamburgo, Berlim -Occidental-, Bremen, Colónia, Frankfurt, Darmsatd, Munique, Zurique e Milão.

⁸ Neste contexto, importa relevar que o desinvestimento industrial nos países capitalistas é muitas vezes marcado por processos de desconcentração produtiva para países do "terceiro mundo" ou economias em vias de desenvolvimento.

localizavam), explorando também a possibilidade de conseguir uma mão-de-obra menos onerosa e menos exigente e reivindicativa (FERRÃO, 1987a; MÉRENE-SCHOUMAKER, 1991), mas compatível com as poucas exigências técnicas do processo de produção. - Estes são então os territórios mais afectados neste período pelos efeitos das transformações analisadas, originando, inclusive, uma (re)discussão de conceitos teóricos no seio da geografia económica no que se refere às questões de desinvestimento e reorganização industrial. De facto, o conjunto de modificações sentidas na generalidade das áreas metropolitanas dos países de economia capitalista incrementa no seio da geografia industrial a discussão de temáticas como a “crise metropolitana”, “desinvestimento produtivo metropolitano”, “processos de descentralização e desconcentração da produção”, crescimento do “desenvolvimento difuso” ou “contraurbanização” (CARAVACA e MÉNDEZ, 1993 e 1994) ⁹.

Vários autores consideram a problemática da reestruturação metropolitana como uma consequência inevitável do processo de terciarização da economia, na chamada “sociedade pós-industrial”¹⁰, colocando definitivamente um fim ao período em que o desenvolvimento industrial era claramente o elemento principal do crescimento económico e urbano (ANDERSSON, 1985; CHAMPION, 1989).

Considerando a conjuntura económica mundial, generaliza-se com alguma preponderância no seio da geografia industrial a ideia de que a interrupção do crescimento da indústria metropolitana e a consequente realocação de algumas actividades e sectores em áreas periféricas, tais como países em vias de desenvolvimento, áreas periurbanas e espaços rurais, levaria à emergência de uma nova tendência que invalidaria o processo de crescimento desigual, assumido pelo modelo centro-periferia, originando consequentemente uma redução das desigualdades territoriais (ARBONA, 1988; MARTINEZ, 1988; FERRER, 1991; SCOTT, 1982 e 1994; BAPTISTA, 1997)¹¹. O ambiente vivido no contexto das perspectivas teóricas na geografia industrial é demonstrado da seguinte forma:

«Las áreas metropolitanas que fueron la expresión territorial característica de la expansión económica, se han visto fuertemente cuestionadas en función

⁹ A quebra do “crescimento imparável” que as áreas metropolitanas das sociedades capitalistas desenvolvidas registaram até então, fez emergir um elevado número de pesquisas, tanto de cariz teórico, como empírico, que insistiam no aprofundamento de uma efectiva crise metropolitana. Exemplos como o da Grande Londres, onde a diminuição do emprego industrial foi verdadeiramente significativa, representando em 1983 apenas cerca de 40% do existente em 1961 (MASSEY, 1987) e o de Nova Iorque, Chicago, Filadélfia e Detroit, que em conjunto perderam cerca de 700 000 postos de trabalho entre 1970 e 1980 (SOJA, MORALES, WOLF, 1987) serviram de apoio a estas teses.

¹⁰ A este propósito, veja-se GALBRAITH (1972).

¹¹ Tal como BAPTISTA (1997) refere, esperou-se em finais da década de 80, que “...o potencial descentralizador das novas tecnologias e os novos paradigmas da organização dos processos produtivos pudessem traduzir-se em dinâmicas de desconcentração económica”. Esta situação ganhou particular ênfase em algumas áreas metropolitanas do norte da Europa, que se ressentem de uma significativa perda de população, associada a profundas reestruturações na estrutura económica, tais como, o declínio das indústrias tradicionais e a expansão da indústria ligeira e do sector de serviços, que estiveram na origem das preferências manifestadas pelos subúrbios e por áreas urbanas de menores dimensões.

de la crisis que afecta al sistema económico capitalista, que se ha manifestado esencialmente como crisis estructural.

Actualmente, la estrategia generalizada de cambio tecnológico y organizativo se combina con la relocalización espacial de las actividades productivas, materializada en una huída hacia áreas periféricas.

Este proceso de periferialización, entendido fundamentalmente como trasvase de la capacidad productiva, es el resultado de la reorganización del sistema dentro de la lógica del capital, y, en el ámbito regional, se traduce en un nuevo uso de los recursos espaciales y humanos de las zonas rurales.» (MARTINEZ, 1988: 107).

O estudo de CARAVACA e MÉNDEZ (1994) sobre as áreas metropolitanas espanholas pode ser entendido, com algumas variações, como uma situação que se generalizou a outras áreas metropolitanas da Europa, pelo que não deixa de ser interessante e exemplificativo do que acontece em muitos espaços industriais nos países capitalistas. De acordo com o ensaio apresentado¹², a evolução industrial nas áreas metropolitanas é marcada por dois períodos distintos.

Após a crise da década de setenta, observa-se nestes espaços um decréscimo considerável do emprego e do VAB industrial. O contexto metropolitano industrial espanhol não difere do panorama internacional relativo ao processo de declínio industrial, sentido nos espaços metropolitanos e grandes cidades. Os autores evidenciam dois argumentos como os mais comuns para explicar a relocalização de algumas indústrias metropolitanas em outras áreas de cariz mais periférico. Primeiro, a perspectiva subjacente às alterações do ciclo de vida urbano. O processo de centralização e rápido crescimento urbano é substituído por processos predominantes de desurbanização, mudança profundamente relacionada com o incremento das deseconomias externas, o que contribuiu para o aparecimento das denominadas “*mature metropolis*”. As novas tecnologias permitiram toda uma sequência de desconcentração territorial, revelando-se uma importante causa da dispersão geográfica das actividades de produção¹³. Segundo, a existência de uma forte resistência dos trabalhadores das maiores fábricas de produção fordista e nas maiores cidades, que geram

¹² CARAVACA, I.; MÉNDEZ, R. (1994) – Industrial Revitalization of the Metropolitan Areas in Spain, *International Journal Urban and Regional Research*, 18, 2: 220-233.

¹³ FONSECA (1998) vai no mesmo sentido, ao referir que “as novas tecnologias de informação (...) permitiram a segmentação da produção e a deslocação de determinados ramos ou fases do processo de produção para regiões (...) onde fosse possível produzir com menores custos”. FERRÃO (1987b) refere que “face às desvantagens decorrentes das deseconomias de aglomeração, algumas unidades de média (...) e grande dimensão transferem a sua anterior localização, em áreas metropolitanas (...) para regiões mais rurais”.

importantes conflitos laborais (*structural strenght*), revela-se como um factor social de significativa importância na origem da desconcentração produtiva do pós-fordismo¹⁴.

Tal como é referido, a desconcentração produtiva, a segmentação dos mercados de trabalho e a localização periférica das unidades de produção são encaradas como as principais estratégias definidas com o intuito de reduzir custos e incrementar, conjuntamente, a prática da flexibilidade nas empresas, particularmente nas de maior dimensão e nas indústrias intensivas em mão-de-obra.

Segundo CARAVACA e MÉNDEZ, ainda após a segunda metade da década de oitenta, assiste-se a um fenómeno de renovação industrial nos espaços metropolitanos espanhóis, intimamente relacionado com profundas alterações ao nível da organização dos processos de produção e estruturação territorial. As transformações ocorridas são marcadas por significativas modificações da estrutura industrial e pelo surgimento de novos contrastes territoriais. As áreas metropolitanas tornam-se espaços de especialização produtiva, nomeadamente em actividades não directamente relacionadas com a produção (serviços de apoio à produção), onde se vão localizar as empresas mais importantes, onde são aplicados os níveis mais elevados de capital, onde a inovação é predominante e onde as grandes empresas multinacionais vão implementar novas unidades.

Ainda de acordo com os referidos autores, a actual tendência de progressiva concentração do capital encontra-se cada vez mais relacionada com a concentração geográfica, incrementando o nível de controlo que as "regiões dominadoras" exercem sobre a produção desconcentrada em outras áreas. Esta conjuntura, associada ao reforço dos sistemas de decisão e inovação (*decision-making*) e suportada pelas novas possibilidades das tecnologias de informação, resultam na "requalificação industrial" das áreas metropolitanas.

A problemática relacionada com o facto das grandes cidades se encontrarem numa fase de transição de um modelo de crescimento extensivo para um modelo de crescimento intensivo ganha uma nova relevância, baseada no aumento da especialização em determinadas actividades, como as indústrias que se suportam na inovação e actividades do terciário avançado. Deste modo, as actividades de produção relacionadas com a indústria tradicional são paulatinamente substituídas por empresas inovadoras (directa ou indirectamente produtoras ou consumidoras do factor inovação), contribuindo, deste modo, para o incremento do emprego industrial qualificado, não directamente ligado à produção.

¹⁴ Tal como referido por MÉRENE-SCHOUMAKER (1991), a própria sociedade, assim como os seus valores, modificam-se significativamente com o fim do fordismo e as atitudes face ao trabalho não são excepção. Os trabalhadores, mais qualificados procuram melhores condições salariais, mas também melhores condições de trabalho, tornando-se esta uma questão de grande sensibilidade e impacto social.

As transformações ocorridas nas regiões em estudo são igualmente muito marcantes no que concerne ao emprego industrial não directamente relacionado com a produção “física”. Este é um aspecto fundamental para a compreensão das alterações ocorridas nestes espaços, particularmente no que diz respeito às transformações territoriais e novos padrões de localização industrial. Com efeito, observa-se um aumento do emprego industrial ligado a actividades de pré-produção (administração, *design*, I&D) e pós-produção (controlo de qualidade, vendas, publicidade e *marketing*, gestão, assessoria jurídica e fiscal) e trabalhadores vulgarmente denominados de *white-collar workers* (quadros directivos, especialistas e técnicos), em detrimento de um considerável decréscimo dos *blue-collar workers* (empregados manuais)¹⁵. Investiu-se, portanto, em determinados sectores e desinvestiu-se, por outro lado, nos sectores mais ligados à produção física, o que resultou em despedimentos maciços, na suspensão ou atraso no pagamento de salários e na descapitalização de grandes empresas, com os consequentes problemas sociais resultantes destas situações¹⁶. Acentuou-se, em muitos casos, o antagonismo entre o capital e o trabalho, que conduziu ao surgimento de greves e paralisações por parte dos trabalhadores.

A necessidade crescente de inovação implicou um aumento considerável da componente “conhecimento dos produtos”, do qual derivou um importante acréscimo das actividades não produtivas, quer dentro, quer fora das empresas. O desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias, fazendo parte integrante dos novos sistemas de produção, passaram a ser factores produtivos cruciais, tendo incentivado a emergência de novos serviços de produção.

Uma das consequências mais visíveis deste processo relaciona-se com a progressiva especialização nas tarefas de produção, em que as fábricas (unidades de produção “física”), os laboratórios e centros de investigação vão ter localizações distintas no território, intra e supra-metropolitano. Tal como AYDALOT (1985) refere, determinados tipos de indústria convertem-se em centros de decisão no novo sistema, enquanto algumas áreas periféricas se transformam em espaços de localização industrial. Para Ó HUALLACHÁIN (1993), esta é uma característica que se generaliza à globalidade dos grandes espaços urbanos. O emprego industrial não relacionado com a produção tende a crescer nestes territórios, enquanto o emprego directamente ligado à produção se expande, de uma forma geral, em áreas menos urbanizadas, observando-se assim uma nítida tendência para a proliferação de

¹⁵ O forte crescimento do número de *white-collar workers* nas áreas metropolitanas, em simultâneo com o decréscimo dos *blue-collar workers* nas actividades de produção, é detectado por SCOTT (1988a), no caso dos Estados Unidos, já na década de 80.

¹⁶ Os surtos de desemprego verificados em muitos territórios, com forte componente estrutural, vai afectar por vezes o potencial económico da população, constituindo obstáculo maior à revitalização dos tecidos económicos locais e/ou regionais, visto que a uma certa tendência de desinvestimento industrial de carácter estrutural ao nível do emprego, acrescem os impactos negativos nas actividades do comércio e serviços, como resultado da redução do nível de consumo (VALE, 1999).

políticas de desinvestimento em unidades com estas características nos grandes espaços urbanos (CORADO SIMÕES, 2001).

O aumento do número de escritórios e de mão-de-obra qualificada, assim como o incremento de profissões não directamente relacionadas com a produção "física", contribuíram para o surgimento de uma nova morfologia e funcionalidade das indústrias metropolitanas no contexto da divisão espacial do trabalho, em que o desenvolvimento da flexibilidade espacial e crescimento da segmentação da produção e mercados são uma realidade. Verifica-se um fraccionamento dos encadeamentos da actividade industrial em unidades especializadas independentes, evidenciando-se, deste modo, a implementação da desintegração vertical da produção.

CAPÍTULO 2

RECONVERSÃO DE ÁREAS DESINDUSTRIALIZADAS.

DA CRISE ÀS ESTRATÉGIAS DE RENOVAÇÃO

INTRODUÇÃO

As cidades desempenham um papel fundamental na evolução da economia global e em momentos de recessão económica representam o “barómetro” da capacidade nacional de recuperação económica (OATLEY, 1998). Não constituindo apenas locais de acumulação de capital e de geração de riqueza, as cidades actuam também como factores de diferenciação cultural e são frequentemente palco de práticas sociais e políticas inovadoras. Símbolos da prosperidade encerram, todavia, áreas de degradação física e de desvantagem económica e social.

Os problemas do declínio económico, da pobreza e da exclusão social não se confinam às áreas urbanas; alastram-se à grande maioria das antigas regiões industriais que, alicerçadas num modelo de acumulação de capital que entretanto se esgotou, foram no passado prósperas. Com a aceleração da globalização da actividade económica e as mudanças nos processos de produção industrial, viram declinar o seu papel na economia mundial. Assim, uma mudança nas prioridades da política para as áreas urbanas e industriais em crise tornou-se inevitável e, com ela, a transição no sentido do capitalismo avançado, do pós-industrialismo ou pós-fordismo (OATLEY, 1998).

De uma forma geral, as cidades e regiões tornaram-se agentes críticos do desenvolvimento económico e este papel revela que os processos de regeneração urbana não são mais do que uma adaptação às rápidas alterações dos mercados, da tecnologia e da cultura. É das respostas perante os novos desafios do desenvolvimento que emerge a capacidade competitiva, fonte de inovação e eficiência para (re)criar novos locais onde viver e trabalhar. Neste contexto, a regeneração de antigos territórios industriais pressupõe estratégias alternativas ao declínio económico, social e territorial, correspondendo portanto à

reacção possível diante da necessidade de competitividade das economias. Reflecte, também por isso, uma crescente competição entre regiões e cidades para atrair o investimento.

Muitas das propostas para reverter o declínio das áreas de industrialização antiga – isto nos países desenvolvidos afectados por processos de reestruturação económica e consequente recomposição social – enfatizam as dimensões histórico-cultural e ecológico-ambiental como elementos-chave das novas estratégias de desenvolvimento. O leque de opções disponíveis para as localidades e regiões que experimentaram um processo de declínio económico revelam, na maioria dos casos, possibilidades restritas de reversão, mas, em contrapartida, transformações substanciais na estrutura da base económica, no tamanho e composição da força de trabalho, bem como na paisagem e no ambiente em geral. No que respeita a antigas cidades e regiões industriais, a construção de uma imagem nova e positiva implica um *marketing* competitivo, inclui a reorientação da relação da cidade com o seu ambiente físico, envolve a cooperação entre um número alargado de actores (públicos e privados), cria novos empregos e estimula o investimento.

Estas mudanças – registadas através de relatos empíricos – levantam um conjunto de reflexões teóricas, que este capítulo procura equacionar, nomeadamente:

- 1) no que respeita à redefinição dos recursos naturais que deixaram de ser *inputs* da produção industrial, antes um “capital natural” que reflecte a herança cultural das comunidades;
- 2) a emergência de algo que se pode resumir numa alteração da paisagem da produção que se torna paisagem de consumo;
- 3) a flexibilidade (o estilo, a arquitectura, a arte e o *design* urbano) e a noção de “global” substituem a rigidez, a uniformidade, a especificidade e os atributos utilitários, típicos do capitalismo industrial;
- 4) no processo de reconstrução do mundo pós-industrial, observa-se a alteração substancial do papel empreendedor do sector público pelo forte envolvimento entre os sectores público e privado.

Em suma, trata-se aqui de compreender que a reconversão dos antigos espaços industriais, iniciada nos anos 80 e que se estende pela década de 90, rescreve o sentido da cidade e das regiões, implicando a substituição do discurso da modernidade e da industrialização (negativo) pelo pós-industrial e o pós-moderno (positivo). Neste sentido, este capítulo oferece algumas reflexões sobre o papel da identidade/cultura e do ambiente na redefinição de alternativas para o (re)desenvolvimento de áreas industriais em crise. Com base nos casos de estudo relatados na bibliografia disponível (ver Anexo 1), a abordagem

para compreender a transição económica de muitas áreas urbano-industriais beneficiou do contributo teórico da escola de regulação francesa.

As teorizações em torno da transição do modo de produção fordista, isto é, o modo dominante de regulação social e económica nos países industrializados do Ocidente desde o final da II Guerra até à crise económica dos anos 70, para um modo de produção designado de pós-fordista, configuram um enquadramento conceptual adequado às transformações operadas nos anos 90 nas áreas de industrialização antiga. Estas mudanças referem-se a uma nova fase que enceta transformações profundas nos valores, princípios e objectivos de política, bem como nos agentes intervenientes e processos de financiamento.

É inegável que as pressões competitivas decorrentes do processo de globalização conduzem a ajustamentos na gestão económica e na reestruturação do papel do Estado e da governância local e estes sinais são interpretados com base em mudanças operadas no modelo de regulação social. O empreendedorismo urbano, emblemático desta nova fase da política urbana, evidencia a resposta das comunidades à necessidade de se tornarem mais competitivas num quadro de globalização da economia.

1. DINÂMICAS RECENTES NAS POLÍTICAS E PRÁTICAS PARA A REESTRUTURAÇÃO DE ANTIGAS ÁREAS INDUSTRIAIS

Segundo as orientações da escola de regulação francesa, o capitalismo apresenta uma sucessão de regimes de acumulação, cada qual com níveis diferentes de intervenção na regulação da economia e sociedade. No seio do capitalismo, a reestruturação económica pode ser entendida como uma simples mudança entre modos de regulação. Nos últimos 30 anos, muitas das regiões do mundo, que reflectem padrões de desenvolvimento de acordo com as premissas da produção em massa e da utilização em larga escala de matérias-primas e de bens de consumo, sofreram sucessivas crises, que resultaram no fecho de fábricas, desemprego e declínio generalizado do património natural, construído, etc. Na óptica da escola da regulação estes sintomas são um sinal de uma profunda crise do modo de regulação – o fordismo – que sustentou o crescimento económico do mundo ocidental no período do pós-guerra, e que se baseou em taxas de elevada produtividade em quase todos os sectores da economia, emergente de um contrato social estabelecido com o Estado. Em meados dos anos 70, este modo de regulação entrou em declínio e o desenvolvimento capitalista inicia uma mudança para um novo regime de acumulação. A resposta à crise é conhecida como pós-fordismo ou, muitas vezes, definida como flexibilização. Com estas designações depreende-se que há mudanças nas configurações sociais e espaciais das regiões/cidades que resultam numa retracção do sector público em muitas actividades produtivas, em novas formas inovadoras de organização da produção e dos serviços, em novos produtos e serviços para um consumidor mais exigente, em mudanças na composição da força de trabalho e em novos modelos de organização territorial.

1) *De recursos naturais a capital natural*

As paisagens decadentes e poluídas de muitas das áreas de produção fordista (*brownfield*) opõem-se ao ambiente verde, limpo e agradável dos emblemáticos parques de ciência e tecnologia do pós-fordismo (*greenfield*). Nesta perspectiva, o relacionamento da actividade económica e da sociedade com a natureza alterou-se significativamente, evidenciando que diferentes modos de regulação podem criar relações distintas com o mundo natural. Comparativamente, o modo de acumulação pós-fordista sugere meios e estratégias políticas que promovem o desenvolvimento, mas enfatizando a abordagem

“sustentável” e, nesta perspectiva, o papel que os recursos naturais desempenham nos dois modos de regulação, é claramente diferente.

Na abordagem fordista, os recursos naturais têm um papel fundamental no crescimento económico já que constituem *stocks* de *inputs* físicos no processo de produção. Por outro lado, os recursos naturais têm outras funções, i.e. a da assimilação dos resíduos gerados nas arenas da produção e do consumo, para além dos serviços ambientais (suporte de vida) que providenciam. Estas são de facto características partilhadas por outros modos de regulação ou formas históricas de organização social e económica do capitalismo, mas já a maciça apropriação do ambiente (dos minérios à paisagem) como duplamente fornecedora de energia e matérias-primas e, simultaneamente, reservatório de resíduos, são aspectos que atingiram especial dimensão no fordismo. Naturalmente, o sucesso desta abordagem assentou na excessiva confiança na disponibilidade dos recursos naturais, o que provocou a sua exploração e aumentou a degradação ambiental a um ritmo sem paralelo na história da humanidade – trata-se da instrumentalização do ambiente. Deve ainda salientar-se que a apropriação do mundo natural se deve a uma atitude racional, no sentido de melhor servir os objectivos da produção e consumo de massa. Assim, os recursos naturais – com valor económico – foram privatizados, convertidos em bens de consumo, trocados no mercado de modo a extrair a sua “utilidade óptima”. É certo que o crescimento económico ocorrido de 1945 à década de 70 não pode ser responsabilizado como causa única dos problemas ambientais actuais, pois para isso também contribuíram o crescimento populacional nos países em desenvolvimento, a industrialização dos países socialistas, etc.

No mundo pós-fordista, uma relação mais equilibrada com o mundo natural pressupõe uma economia sustentável, na qual outras dimensões dos recursos (moral, estética...) não são ignoradas. De acordo com PROUGH *et al.* (2000), um tal modelo económico deverá assentar em três regras simples: não utilizar todos os recursos; não ameaçar a função de realização dos serviços ecológicos; e nunca ultrapassar a capacidade dos ecossistemas de absorção de desperdícios gerados pelas actividades económicas. É nesta perspectiva que se procura que os territórios da produção se tornem áreas com uma reputação de qualidade ambiental irrepreensível: a eles se associam elevados valores culturais e naturais que estão na base da ideia do *greenfield*. Estes espaços tornam-se simultaneamente de trabalho e lazer, onde os recursos naturais se harmonizam com o património construído – os novos corredores ecológicos criados a partir do capital natural regional tornam-se, assim, factor de renovado desenvolvimento.

2) De paisagem da produção a paisagem de consumo

As paisagens da produção típicas da acumulação fordista estão hoje marcadas por uma imagem muito negativa. Mesmo no passado, quando havia nelas manifestações visíveis de dinamismo e prosperidade económica, nunca se pautaram pelas suas qualidades estéticas; mas a fealdade desses locais era então compensada pela ilusão do domínio humano sobre a natureza...

Com o desinvestimento, em lugar da energia e vitalidade do passado, sobrepõem-se imagens de perda, abandono e contaminação. Para WYCKOFF (1995: 487) «na era pós-industrial, as paisagens orientadas para o consumo aumentaram e, em certa medida, redefiniram as antigas paisagens da produção». Esta mudança reflecte transformações na estrutura do capitalismo dos finais do séc. XX e nas respostas institucionais, sugerindo que os desafios da desindustrialização na arena da competitividade global, estimulam respostas locais específicas. As complexas operações de “limpeza” e “cosmética” da cena industrial parecem, todavia, constituir uma resposta apenas possível com a constituição de parcerias entre os sectores público e privado. A transformação das paisagens desindustrializadas associa-se habitualmente a dois tipos de atitude: o restauro do legado industrial e/ou a substituição das estruturas industriais herdadas. Em ambos os casos, o objectivo é o mesmo: em oposição à imagem *down and out*, a construção de uma imagem positiva pós-industrial; esta transformação, simultaneamente económica e cultural, depende de uma atitude “empresarial” que envolve uma simbiose na actuação das instituições públicas e privadas. Com efeito, este “empreendedorismo” consiste numa actuação orientadora dos poderes públicos (definição de objectivos e acções e maximização das vantagens do capital através de incentivos fiscais, subsídios ao investimento, etc.) e na dinâmica dos interesses privados que se manifestam no mercado. A reinterpretação destas paisagens em crise, sugere que o regime de acumulação pós-fordista providencia novos ambientes para consumo, em que os riscos do sector privado são subsidiados pelo apoio do sector público (WYCKOFF, 1995).

Num mundo em que um novo regime de acumulação do capital marca uma reorganização espacial da sociedade e em que no lugar dos antigos espaços da indústria transformadora se encontram novas áreas de expansão do terciário experimenta-se, também, uma mudança da estrutura do emprego assente na indústria tradicional, para uma base económica alargada, porém, muito dependente dos serviços. Sobre este aspecto, BENTON *et al.* (1993) sublinham os efeitos da mudança de regime: para além da diversificação da base do emprego, assiste-se a um alargamento do emprego feminino e em *part-time*, e ainda a uma acentuada divisão entre os grupos altamente qualificados e bem pagos e os outros em condições económicas menos apelativas. A nebulosa que é a

economia pós-industrial encerra, entre outras, actividades de recreação e turismo, como uma forma de redireccionar os impactos sociais e económicos da reestruturação. Outra importante consequência das mudanças económicas reflecte-se na intensificação da competitividade entre estas áreas pelo investimento, para a qual um “ambiente saudável” se torna um elemento fundamental.

Em oposição ao antagonismo do regime fordista, nas regiões/cidades pós-industriais a reciprocidade entre o património natural e humano é essencial à sobrevivência dos novos espaços da produção que, em parte, se tornam espaços de consumo. É assim que os esforços de reabilitação das antigas áreas industriais – associadas a um conjunto de imagens negativas: abandono industrial, base económica em declínio e exclusão social, fraca qualidade ambiental devido a recursos naturais ameaçados pelo sobreuso, contaminação e poluição, riscos para a saúde, etc. – procuram recapturar imagens positivas. Por isso, as estratégias de (re)desenvolvimento surgem associadas ao futuro, ao novo, ao limpo e ao socialmente progressivo.

As estratégias de reorientação económica das áreas industriais contemporâneas, impõem uma alteração no horizonte visual. Contra a onda de desinvestimento e desindustrialização, as regiões/cidades industriais procuram remodelar a sua imagem «substituindo o discurso de modernidade e indústria pelo pós-moderno e industrial» (BENTON *et al.*, 1993: 221). Tudo isto passa pela renegociação da relação dos territórios desindustrializados com o ambiente físico, económico e social envolvente, o que explica esta nova combinação entre a herança industrial e a economia dos serviços, onde o turismo e o lazer ocupam um lugar de destaque. Assim, a paisagem de consumo (com uma atmosfera ambientalmente saudável, culturalmente activa e divertida) ganha popularidade como um poderoso instrumento de política para regenerar a economia das antigas regiões/cidades industriais.

3) Da rigidez do capitalismo industrial à flexibilidade da fase pós-industrial do capitalismo

O discurso da modernidade foi conceptualizado em torno do desenvolvimento tecnológico, económico e social em associação com a industrialização e a racionalização. Este discurso ideológico introduziu-se também nos elementos arquitecturais, através de noções como “funcionalidade” e “estruturas mecânicas”. Muito embora o “arranha-céus” represente o expoente máximo da iconografia da modernidade, o edifício industrial projecta, também ele, a evolução tecnológica e o triunfo da ciência. Neste sentido, as antigas

paisagens da industrialização incorporaram significados particulares e construíram identidades locais, mas caracterizam-se por estruturas visuais demasiado prescritivas e rígidas, de volumetria imponente, relativamente estandardizadas e uniformes. Mas se os problemas são em parte físicos, eles também o são do ponto de vista financeiro e organizacional (HALL, 1993). Atrair o investimento implica a capacidade de providenciar pacotes atractivos para potenciais investidores. Por outro lado, nem todos partilham das mesmas ideias e projectos para a recuperação dos espaços industriais abandonados. Por isso, no mundo pós-industrial, as repostas à mudança alteram-se rapidamente: são fluidas, flexíveis e diversificadas, tanto nas formas construídas como nas práticas a elas associadas.

Longe vão os tempos em que a função definia a forma. Hoje, a forma tornou-se a essência e a exclusividade, a chave do sucesso da paisagem pós-industrial (WATSON, 1991). Com efeito, diversidade, flexibilidade, estilo e inovação são atributos da acumulação flexível. Estas paisagens do consumo destacam-se tanto pela aparência como pela produção e aqui a originalidade do *design* arquitectónico é essencial ao processo de regeneração económica. Neste contexto paisagístico, as indústrias *high tech* e outras actividades da nova economia substituem a indústria tradicional (associada a um “urbanismo de austeridade”) e constróem a imagem de progresso, com as suas sofisticadas fachadas translúcidas, materiais anodizados e, frequentemente, envoltas em ambientes relaxantes, limpos e “naturais”. Note-se que a invocação da referida envolvente “natural” se tornou tão central quanto as formas construídas, evidenciando os benefícios da combinação do ambiente, tecnologia e acessibilidades.

Característicos das operações de revitalização das antigas áreas industriais são os códigos e símbolos que cristalizam e estruturam, simultaneamente, ícones universais e referências locais/regionais (por exemplo, o património arquitectónico e industrial). Por isso, as paisagens do consumo, necessitam de elementos/símbolos de referência, reafirmando a memória colectiva dos lugares e simultaneamente projectando imagens de excelência, cosmopolitismo e internacionalização. Adivinha-se deste modo um percurso no sentido de uma nova dimensão ideológica e cultural, isto é, anuncia-se a entrada destes territórios na era pós-industrial. Todavia, a luta pelo restabelecimento de um clima de competitividade nas antigas áreas industriais não se confina a sofisticadas estratégias de *marketing* (no sentido de promover o que é único e, ao mesmo tempo, a procura do reconhecimento internacional), a novas aparências do *design* urbano, e a eventos cosmopolitas. Recriar as identidades implica, também, uma enorme flexibilidade de soluções ao nível das políticas, dos projectos, das acções, dos actores e até dos potenciais utilizadores.

4) *Do papel empreendedor do sector público ao envolvimento entre os sectores público e privado*

Para lá da gestão empresarial que fundamenta as estratégias apontadas, a evolução do quadro político administrativo testemunha transformações que tendem para o conceito de “governância local”. Esta engenharia institucional parece estar presente na maioria dos casos de reconversão de antigas áreas industriais. É da intervenção conjunta dos poderes públicos e do investimento do sector privado que os projectos de regeneração e recuperação se completam – expandindo-se as áreas de comércio, vendendo o património fundiário e construindo novos edifícios e acessibilidades, multiplicando o turismo, etc.

Nos cenários da desindustrialização as mudanças rápidas e muitas vezes drásticas no sentido de uma renegociação do contrato social entre estes territórios e o seu ambiente dependem de um forte envolvimento entre os interesses públicos e os privados, da dinâmica entre os líderes empresariais e as elites cívicas locais e da capacidade de negociação entre estes e os órgãos do poder central. As parcerias público-privadas para o financiamento e a dinamização de acções de revitalização são a chave do sucesso da reconstrução da região ou cidade pós-industrial. Em alguns casos, são as aspirações cívicas locais, juntamente com a visão privada da comunidade, que inventam pacotes selectivos, bem sucedidos e atractivos, que se sobrepõem ao passado industrial para atrair novos investidores. Noutros casos, a criação de entidades dotadas de personalidade jurídica própria serve de motor do desenvolvimento, normalmente empresas públicas de gestão privada ou sociedades de capitais mistos. Estas entidades detêm o controle total sobre o processo de revitalização (providenciar solos para o desenvolvimento empresarial, da habitação e recreação, tornar as acessibilidades eficientes, instalar equipamentos públicos, etc.) e as suas estratégias concentram-se no estímulo à iniciativa do sector privado para promover os projectos de desenvolvimento. São estruturas que asseguram a mediação entre parceiros e a transposição de bloqueios políticos, jurídicos e técnicos. Subjacentes a toda a acção de regeneração estão habitualmente planos estratégicos. Em qualquer das abordagens de reconversão física (e também social), privilegia-se o mercado e as iniciativas na base do desenvolvimento dividem-se em dois tipos dominantes: intervenções centralizadas (*top-down*) ou surgindo de um compromisso da comunidade (*from below*). Esta aliança/parceria para a revitalização de antigas áreas industriais, que nasce da iniciativa local (associações industriais, câmaras de comércio, organizações não governamentais e empresas privadas, universidades e centros de investigação aplicada, municipalidades e governos metropolitanos e órgãos da administração central, etc.) resulta frequentemente em associações com uma maior

flexibilidade e capacidade de adaptação do que as estruturas centralizadas, típicas do governo central.

Hoje, num cenário de competitividade global, encontra-se uma mistura de "compromisso, coligação e coordenação" entre os governos e o capital privado, em que o *know-how* administrativo das instituições públicas e a redução dos gastos públicos se combinam com as capacidades técnicas e financeiras das entidades privadas. Os actores das instituições públicas estão normalmente associadas à regulação política e coordenação dos planos e acções; os actores do sector privado multiplicam-se - indústrias de construção e de arquitectura, promotores imobiliários, companhias financeiras, proprietários, empresas de restauração e hotelaria, instituições de I&D, empresas de alta tecnologia, agências de marketing, etc. Esta evolução do sistema administrativo-político centrado no Estado para novas relações institucionais marcadas pelas parcerias que unem forças locais e nacionais, públicas e privadas, revela a força de um modelo de gestão e cultura empresarial. Esta transformação em direcção aos regimes de governância mais empresarializados encoraja políticas, simultaneamente fragmentadas e globais, de competitividade urbana e empresarial, emerge num mundo de regulação social pós-fordista.

2. AS POLÍTICAS DE RECONVERSÃO E REDEVELOPMENT: UMA VISÃO DE SÍNTESE

Através da interpretação das políticas de recuperação dos antigos espaços da industrialização e da comparação das acções desenvolvidas procura-se, neste capítulo, contribuir para o estudo comparativo dos espaços da desindustrialização. Espera-se identificar as forças da recomposição territorial e, eventualmente, os novos problemas relacionados com a reconversão de antigas áreas industriais. As mudanças registadas nos inúmeros casos de estudo (ver Anexo 1 e referências bibliográficas), revelaram alterações significativas nos padrões de uso do solo e na relação com os recursos locais, inverteram a imagem dos lugares, criaram impactos económicos e sociais (por exemplo, promoveram fluxos turísticos e criaram emprego) contribuindo, com maior ou menor sucesso, para gerar externalidades positivas nas economias das áreas industriais em crise.

Os esforços para ultrapassar o legado da desindustrialização foram identificados e os seus traços mais comuns estão sintetizados no Quadro 6. A análise das estratégias da reconversão reflecte uma mudança nos processos e revela que as novas práticas significam tentativas para ultrapassar e gerir a crise do fordismo.

Segundo GRIFFITHS (1998), o empreendedorismo como modo de governância surge como uma resposta das regiões e cidades desindustrializadas ao colapso do modelo de

acumulação do capital do pós-guerra. Esta forma de governância política está vocacionada para promover a competitividade e assim fazer face à crise da base industrial tradicional e à crescente internacionalização dos fluxos de investimento. Estes novos regimes de governância têm tipicamente implicado a formação de alianças e de parcerias entre instituições públicas e entidades privadas. A maior originalidade da estratégia empresarial presente em todos os casos analisados, é o apoio recorrente ao *marketing* urbano. As estratégias deste tipo de *marketing* promovem a reestruturação económica através de acções-tipo: *design* urbano, campanhas de publicidade, festivais e outros eventos. Os respectivos textos promocionais procuram mostrar como estes lugares são “centrais”, ou como constituem “o portal” para conexões com outras economias e regiões, ou como estão bem servidas de infra-estruturas físicas de comunicação. Bastante empregue é também a noção de qualidade de vida, no que respeita à oferta de lazeres e oportunidades recreativas e no que concerne às virtudes de um ambiente “limpo e saudável”.

Quadro 6 – Síntese das respostas ao declínio

Escala Localização geográfica	Uso industrial tradicional	Problemas sociais e ambientais	Condicionantes fundárias e do edificado	Actores da reconversão	Elementos de transform. espacial	Marketing Criadores da estética
Urbana: centro da cidade frente ribeirinha anel industrial	Indústria tradicional: minas siderurgia metalurgia química	Desemprego exclusão alcoolismo violência desmoralização	Baldios Enclaves de grandes dimensões (públicos ou privados)	Descentralizaç ão da intervenção Parcerias Entidades públicas (reguladoras)	Planos estratégicos Aposta no <i>Design</i> urbano	Arte e cultura: “vender o lugar” Recrir a relação com a Natureza
Cidade industrial	pesada e fina construção naval	Zonas críticas: poluição contaminação de solos vegetação água	Valor dos terrenos Edifícios e estruturas industriais obsoletas	(<i>task force</i>) Sector privado (investimento)	Revitalização ou criação de símbolos locais de reconheciment o internacional	Ambiente inovador Imagem de internacionalizaç ão
Regional <i>Ruhr, Nord Pas de Calais,...</i>	(especializaç ão industrial)	Degradação da paisagem		bancos seguradoras imobiliárias construção Elites empresariais e políticas locais	Logotipo Estruturas cosmopolitas futuristas pós-modernas multicêntricas polivalentes de consumo	Projectos articulando várias escalas Firmas e arquitectos e designers urbanos de renome internacional

A revitalização de símbolos do passado industrial, ou apenas a incorporação de ícones históricos que conferem significados aos locais, são outros dos materiais promocionais

frequentemente referidos pelos casos de estudo. O espectáculo urbano, como as celebrações e rituais culturais e religiosos, as feiras temáticas e os eventos artísticos, são recursos culturais que apoiam a reconquista e consolidação da imagem destes novos espaços. Por fim, o estilo do *design* e da arquitectura tem um importante papel a desempenhar na transformação física dos territórios da desindustrialização em centros de prazer e consumo. Desenhadas ou remodeladas por arquitectos consagrados internacionalmente, multiplicam-se iniciativas procurando tirar partido do património/herança industrial existente, ou outras, mais arrojadas, consagrando torres de escritórios, estações de caminho-de-ferro, museus e centros comerciais, que em diálogo com arrojados projectos de engenharia (arranha-céus, pontes, aeroportos) são os novos símbolos que projectam as vantagens competitivas destes locais pós-modernos.

3. AS POLÍTICAS DE RECONVERSÃO SOB UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

A discussão em torno das actuais estratégias de reestruturação das antigas áreas industriais não tem sido alvo de muitas críticas. Todavia, a discussão que emerge dos casos de estudo centra-se em dois temas: a sua natureza especulativa e, por isso, efémera; e as suas consequências sociais regressivas. GRIFFITHS (1998) alerta para o facto de os textos promocionais e os estilos arquitectónicos serem fonte de distração e de afastamento dos verdadeiros problemas sociais e económicos destes locais. As críticas (recorrentes nos casos de estudo) chamam também a atenção para estas fórmulas, baseadas em conceitos como o sucesso rápido e a superficialidade, que esquecem as reais desigualdades sociais e económicas.

As críticas centram-se assim nas estratégias políticas que colocam o enfoque nos grandes projectos empresariais, que para atrair o investimento privado, provocam efeitos laterais negativos e afastam as populações locais, necessitadas de intervenções/programas sociais. Isto ocorre porque as políticas empresariais procuram atingir os mercados-alvo (os segmentos mais qualificados do emprego) deixando em segundo plano os proprietários e outros agentes e as populações com menores recursos para poderem competir nestas arenas – até porque a especulação imobiliária acentua esta exclusão. Neste contexto, levantam-se barreiras psicológicas, financeiras e físicas para largos segmentos da população, excluídos de visitar, usufruir e participar em eventos e estruturas que foram criados para estratos sociais de elevados rendimentos.

A abordagem empresarial e a entrada maciça de capital privado dirigida primeiramente no sentido de atrair os investidores é, nesta perspectiva, uma base

extremamente frágil. Apesar das notáveis melhorias da qualidade urbanística e ambiental de vastas regiões e/ou áreas obsoletas das cidades, verifica-se que, em muitos casos, os processos de decisão não foram abertos à opinião pública, os pequenos investidores foram excluídos e os residentes “empurrados” para as periferias. A selectividade da oferta deixa em aberto questões sociais importantes, como por exemplo, a habitação social e as oportunidades decrescentes para os antigos operários. Destaca-se assim, por um lado, o problema do desemprego relativamente elevado que estas operações não resolvem na totalidade e, por outro, o facto das iniciativas ignorarem frequentemente as necessidades e os desejos da população local.

Outro dos aspectos problemáticos citados emerge da falta de articulação entre os instrumentos de planeamento e, por vezes, entre instituições. Para alguns autores, estes problemas resultam da ascendência da política neo-liberal, que ao acentuar a desregulação dos mercados e a “retirada” das responsabilidades do Estado Keynesiano no aprovisionamento colectivo, revela contradições ao nível da definição das políticas e do papel das instituições do passado.

Nos casos mais críticos, apesar da imagem revitalizada, o risco ambiental não desapareceu e o ordenamento das escórias e cinzas, bem como a limpeza e decantação não têm fácil resolução, pelo que a oportunidade económica pode não compensar o risco ambiental. Assim, chama-se a atenção para o contraste entre as ambições e as realizações: após pelo menos 20 anos de acção, muitas das antigas áreas da desindustrialização estão ainda longe de ser reafectadas.

CAPÍTULO 3

AS RESPOSTAS INSTITUCIONAIS DA UNIÃO EUROPEIA PARA AS REGIÕES EM CRISE

1. UM ESPAÇO EUROPEU DAS REGIÕES EM REDEFINIÇÃO

A intensa competição entre empresas e regiões desencadeada no seio da UE pelo Mercado Único, pode tender a acentuar o processo de acumulação centrado nos principais pólos europeus de inovação que gozam de um círculo virtuoso de crescimento, enquanto as regiões mais desfavorecidas correm o risco de continuarem bloqueadas em trajetórias de desenvolvimento dependente ou desprovidas de recursos necessários ao crescimento endógeno (AMIN e TOMANEY, 1995).

De facto, conforme sugere Ray HUDSON (2001), o espaço europeu redefine-se pelo próprio reajustamento das posições relativas entre regiões, sob pressão e impulsionado pelo processo da integração europeia:

«Processes of European political-economic integration and the creation of a homogenised European political-economic space are proximate causes of significant changes in the economic geographies of an enlarged Europe. (...) This re-definition of the European space is one moment in broader global processes, as new forms of capitalist uneven development encompass restructuring of the production, circulation and realization of surplus-value»

(HUDSON, 2001)

Precisamente, a reforma dos Fundos Estruturais, em 1988, visava aumentar a capacidade de resposta da UE face ao potencial agravamento das diferenças inter-regionais no desenvolvimento, tanto pelo crescimento dos valores a disponibilizar, como também por uma melhor especificação dos seus objectivos. Os eixos principais consistiam na redução dos desequilíbrios entre regiões, na ajuda à reconversão das zonas desindustrializadas, no acompanhamento da reforma da PAC e no apoio à luta contra o desemprego, nomeadamente através da inserção profissional dos jovens (WEYDERT e BÉROUD, 2002).

No entanto, não é despidendo que a progressiva consolidação de uma economia integrada e globalizada que restringe a capacidade dos governos nacionais para intervir efectivamente na orientação e desenvolvimento dos respectivos espaços económicos

internos, pode condicionar o desenvolvimento de políticas socio-económicas com repercussão efectiva no combate às disparidades regionais.

Efectivamente, o conceito de "Europa das Regiões" representa uma divisão de responsabilidades entre o nível das instituições supranacionais da UE e o das autoridades regionais, e um natural corolário político das mudanças no sentido de uma união económica e monetária e da diminuição do papel do estado-nação. Os estados passaram a instrumentos de ajustamento das economias nacionais às exigências da economia global. Ajustamento à competitividade global é o novo imperativo categórico (AMIN e TOMANEY 1995).

Num contexto de competitividade global e generalizada, com perda de papel dos estados-nação, a coerência dos objectivos de uma política europeia de solidariedade com as regiões comunitárias, no sentido de promover a aproximação em termos do desenvolvimento, pode ser questionada. Mesmo o ponto de vista daqueles que consideram que a diminuição dos custos médios de transporte poderia vir a causar um efeito de dispersão das actividades económicas, contribuindo para a convergência via especialização regional, ignora a evidência teórica e empírica que não apenas os agentes económicos em geral, mas em particular as grandes firmas, continuam a querer absorver as vantagens das economias de escala e de aglomeração.

Perante estas preocupações, e muitas outras que seria possível, de certo, ter em consideração, importa tentar perceber que respostas institucionais se encontram ao dispor das políticas de convergência da UE e de que mecanismos dispõem as autoridades comunitárias, nacionais e regionais para as executar.

2. FUNDOS ESTRUTURAIS E OBJECTIVOS

Com o objectivo político anunciado da redução das diferenças internas da UE entre regiões e grupos sociais, a União Europeia dispõe dos chamados Fundos Estruturais destinados ao apoio financeiro a planos e acções tendentes a resolverem problemas estruturais aos níveis económico e social. Os Fundos Estruturais contam com quatro tipos diversos de apoios financeiros: o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), o Fundo Social Europeu (FSE), o Fundo Europeu de Orientação e de Garantia Agrícola (FEOGA) e, finalmente, o Instrumento Financeiro de Orientação da Pesca (IFOP). Os quatro Estados-Membros cujo PIB é inferior ou igual a 90% da média comunitária – Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda – contam com uma ajuda estrutural suplementar proporcionada pelo chamado Fundo de Coesão que financia projectos ligados ao ambiente e às infra-estruturas de transporte.

Para o período 2000 - 2006, o conjunto dos Fundos Estruturais atingem 213 000 milhões de euros, atribuídos às regiões mediante candidaturas sujeitas a critérios pré-definidos, em função de três objectivos prioritários (quadro 7) e de quatro iniciativas comunitárias específicas – Interreg III, Urban II (ambos financiados pelo FEDER), Equal (FSE) e Leader+ (FEOGA “Orientação”).

Quadro 7 – Distribuição dos Fundos Estruturais por Objectivo e População Abrangida

2000 – 2006	Objectivo 1	Objectivo 2	Objectivo 3
Fundos Estruturais	FEDER FSE FEOGA-O IFOP	FEDER FSE	FSE
% população da UE abrangida	22	18	Regiões não abrangidas pelo Objectivo 1
% dotações dos Fundos Estruturais	70	11,5	12,3

INFOREGIO

As regiões da UE elegíveis para o Objectivo n.º 1 são as que possuem um valor do PIB por habitante inferior a 75% da média comunitária. As regiões finlandesas e suecas abrangidas pelo antigo Objectivo n.º 6 (desenvolvimento de zonas de fraca densidade populacional), assim como as regiões ultraperiféricas (departamentos ultramarinos franceses e arquipélagos das Canárias, Açores e Madeira), incluem-se directamente no grupo elegível para o Objectivo n.º 1. O propósito desta modalidade dos financiamentos estruturais visa o desenvolvimento e ajustamento estrutural das regiões com atrasos de desenvolvimento e conta com a maior fatia do orçamento dos Fundos.

Ainda no âmbito dos recursos atribuídos ao Objectivo n.º 1, encontra-se definido um regime de apoio transitório financiado pelo FEDER para as regiões que perderam a elegibilidade para o Objectivo n.º 1, em 2000-2006, onde se inclui, entre outros, o caso da região portuguesa de Lisboa e Vale do Tejo.

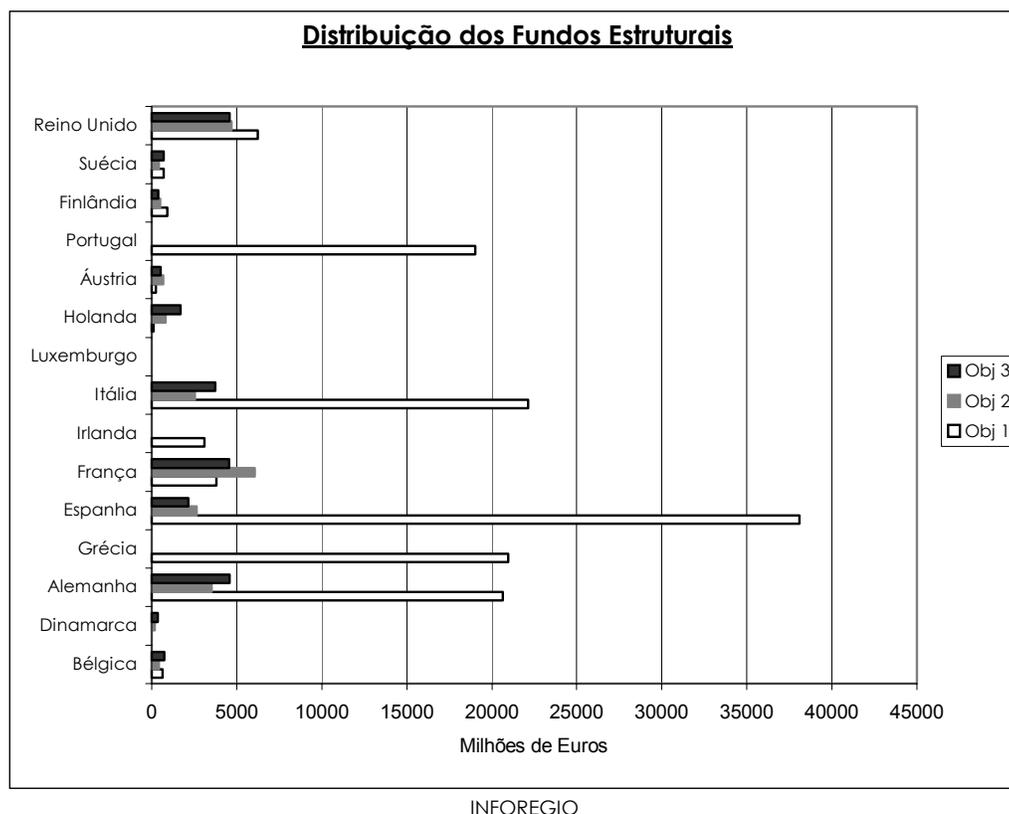
Quanto ao Objectivo n.º 2, abrange áreas industriais, rurais, urbanas e dependentes da pesca que atravessam processos de reconversão económica e social, segundo critérios de elegibilidade que compreendem uma assinalável diversidade de condições, em função do carácter da zona.

Nas áreas industriais, as zonas elegíveis (NUTS III) para o Objectivo n.º 2 respeitam as três condições seguintes: taxa de desemprego superior à média comunitária; percentagem de emprego na indústria superior à média comunitária; declínio do emprego no sector industrial. As zonas elegíveis (NUTS III) nas áreas rurais satisfazem um dos dois grupos de condições seguintes: densidade populacional inferior a 100 habitantes por km² ou percentagem de emprego na agricultura igual ou superior ao dobro da média comunitária; taxa de desemprego superior à média comunitária ou diminuição da população. No que concerne às áreas urbanas, os territórios elegíveis observam uma das cinco condições seguintes: taxa de desemprego de longa duração superior à média comunitária; nível elevado de pobreza; ambiente especialmente degradado; elevada taxa de criminalidade; baixo nível de instrução. Para as zonas dependentes da pesca, os critérios a cumprir são, em simultâneo, a verificação de uma taxa de emprego importante no sector das pescas e uma redução significativa do emprego nesse mesmo sector.

Para além dos quatro tipos de áreas que acabámos de referir, a elegibilidade para o Objectivo n.º 2 pode ser alargada a zonas contíguas elegíveis para o Objectivo n.º 1 ou Objectivo n.º 2 (neste caso, apenas zonas industriais e rurais), áreas rurais com graves problemas de envelhecimento ou de diminuição da população agrícola e áreas com processos de reestruturação nos sectores agrícola, industrial ou dos serviços que estejam a suscitar problemas estruturais ou elevado desemprego. No caso dos territórios que estiveram abrangidos pelo Objectivo n.º 2 e n.º 5b no período entre 1994-1999, mas que deixaram de o ser pelo Objectivo n.º 2 em 2000-2006, está previsto um sistema de apoio transitório, visando consolidar as intervenções cessantes, no âmbito do FEDER até 2005, assim como do FEOGA-Garantia, para o desenvolvimento rural, e do IFOP, para o caso das pescas.

No que se refere ao Objectivo n.º 3, os programas adoptados neste âmbito destinam-se a acções de valorização dos recursos humanos e dirigem-se à adaptação e modernização das políticas e sistemas de educação, formação e emprego, abrangendo o conjunto da UE. Nas regiões Objectivo n.º 1, estas medidas são integradas na programação em conjunto com as restantes acções de desenvolvimento e ajustamento estrutural.

Figura 1 – Distribuição dos Fundos Estruturais por Objectivo nos Países UE 15, para período 2000-2006



Os programas regionais aprovados em cada Estado-Membro, têm dotações orçamentais constituídas pelos contributos dos quatro Fundos Estruturais, em função dos objectivos específicos a que se destinam (figura 1). Assim, o FEDER concede ajudas financeiras no âmbito dos objectivos n.ºs 1 e 2, destinando-se a reduzir os desequilíbrios socio-económicos inter-regionais. Por seu lado, o FSE fornece apoios financeiros aos projectos incluídos nos objectivos n.ºs 1, 2 e 3, dirigidos à formação profissional, requalificação e criação de postos de trabalho. O financiamento das acções de desenvolvimento das áreas rurais cabe ao FEOGA que se divide na secção Orientação, para as regiões Objectivo n.º 1, e na secção Garantia, para as restantes áreas. No conjunto das regiões costeiras, é o IFOP que intervém no financiamento do reforço da competitividade das pescas.

3. PROGRAMAS DAS REGIÕES OBJECTIVO N.º 2

Com excepção da Grécia, Irlanda e Portugal, países totalmente abrangidos pelo Objectivo n.º 1, quer plenamente quer a título transitório, as áreas industriais nos restantes doze países da UE, objecto de processos de desinvestimento, de quebra acentuada no

emprego e de mudanças drásticas nos respectivos perfis económicos, vulgarmente chamadas “em crise” (ver critérios de elegibilidade no ponto anterior), são potenciais beneficiárias de financiamentos dos Fundos Estruturais mediante a sua integração no Objectivo n.º 2.

Nos doze Estados-membros que acolhem regiões com áreas elegíveis para o Objectivo n.º 2, foram elaborados e apresentados pelas autoridades nacionais e regionais 96 programas, para o período 2000 – 2006 (anexo 3), que abrangem os antigos objectivos n.ºs 2 – reconversão das áreas industriais em declínio – e 5b – desenvolvimento das áreas rurais – passando a incluir, igualmente, as áreas urbanas e as que se encontram dependentes das actividades piscatórias. Para a definição de área elegível, cada Estado-membro elabora as suas propostas que, em concertação com a Comissão Europeia, servirão para elaboração das listas finais das áreas beneficiárias.

As características dos territórios influenciam a repartição dos Fundos. As áreas industriais beneficiárias (8,5% da população da UE) predominam na Bélgica, Alemanha, Espanha, Reino Unido, Finlândia e Suécia. As regiões Objectivo n.º 2 com maior peso de áreas com características rurais (5,2% da população comunitária) encontram-se sobretudo na Dinamarca, França e Áustria. Quanto ao Luxemburgo, Bélgica e Países Baixos, as áreas urbanas com dificuldades (1,9% da população UE) são maioritárias na definição das regiões elegíveis (quadro 8).

No período anterior (1994 – 1999), a distribuição dos Fundos obteve uma evolução assinalável em termos dos objectivos, relativamente a 1989-93. De facto, verificou-se uma diminuição do financiamento de acções de regeneração dos solos e do ambiente, com grande peso até então, passando a ser as componentes do investimento nos recursos humanos e na produção a obterem a maior fatia dos Fundos para as regiões Objectivo n.º 2. Por exemplo, cresceram os financiamentos de centros tecnológicos, com efeitos na disseminação de *know-how* pelas PME's e com influência na reestruturação sustentada de algumas regiões, como no conhecido caso da Aquitaine, em França. Ao nível do ambiente, os programas mais inovadores dirigiram os financiamentos não só para a recuperação de áreas contaminadas por uma actividade industrial muito intensa, mas essencialmente para a mudança nos métodos de produção, transferência de *know-how*, formação e adopção de tecnologia mais limpas, como aconteceu em Berlim e em algumas regiões do Reino Unido. A promoção do emprego ganhou maior visibilidade e mobilizou maior quantidade de Fundos, apesar dos resultados limitados em termos da criação líquida de postos de trabalho (COMISSÃO EUROPEIA, 2001).

Quadro 8 – Financiamentos e população abrangida pelo Obj. 2 (2000-06)

Países UE	População Elegível x10 ⁶	% População Nacional	Fundos Objectivo 2 X10 ⁶ €	Apoios Transitórios X10 ⁶ €	Total X10 ⁶ €
Bélgica	1,27	12	368	65	433
Dinamarca	0,54	10	156	27	183
Alemanha	10,3	13	2984	526	3510
Espanha	8,81	22	2553	98	2651
França	18,77	31	5437	613	6050
Itália	7,4	13	2145	377	2522
Luxemburgo	0,11	28	34	6	40
Holanda	2,33	15	676	119	795
Áustria	1,99	25	578	102	680
Finlândia	1,58	31	459	30	489
Suécia	1,22	14	354	52	406
Reino Unido	13,84	24	3989	706	4695
UE	68,17	18	19733	2721	22454

INFOREGIO

Uma apreciação mais fina dos programas aprovados e em execução para o período 2000-06, considerando os eixos prioritários de acção e respectivas repartições financeiras (anexo 2), indica que prevalecem as políticas centradas nos seguintes aspectos:

- a) apoio à inovação e ao estímulo da capacidade competitiva das empresas a nível internacional (programas de formação, transferência de tecnologia, ajudas de capital às PME's, infra-estruturas de transportes e comunicação, redes de informação, etc.);
- b) recursos prioritariamente direccionados para tornar mais atractivo o investimento externo (ordenamento do território, condições ambientais, valorização do património, qualidade de vida urbana, melhor oferta de serviços, etc.);
- c) os mecanismos próprios do mercado constituem o principal meio de alcançar a reestruturação económica da região;
- d) procura de maior coesão social pelo reforço da dinâmica económica, nomeadamente mediante apoios às empresas para a criação de emprego, e menos por políticas dirigidas directamente aos desempregados e grupos carenciados e marginais.

4. CONCLUSÃO

Na perspectiva da economia global capitalista, o empenho em regular o comércio a favor da indústria nacional, de estimular o consumo através dos mecanismos conhecidos do *welfare-state* e da redistribuição da riqueza, é anulado. Trata-se, claramente, do abandono do *keynesianismo* que centrava o crescimento nacional sustentado nos aumentos de produtividade e da procura interna. Com a integração europeia – um episódio da globalização – as regiões de cada um dos Estados-membros encontram-se lançadas num contexto geral de competitividade, com forte diluição dos mecanismos reguladores até então proporcionados pelos Estados-nação.

Neste quadro, como poderão funcionar para as diferentes regiões as vantagens decorrentes dos programas apoiados financeiramente pelos Fundos Estruturais? Ou seja, como é que as lógicas discordantes da valorização do capital e do território, preocupantes para o desenvolvimento regional e para a vida das comunidades (VALE, 2001), podem ser resolvidas a favor de um ou de outro, sob influência dos Fundos Estruturais?

Os avanços na sociedade do conhecimento, a capacidade de inovação e circulação de informação, como factores de vantagem competitiva na economia global favorecerão as dez especiais “ilhas de inovação” que estão localizadas em torno das grandes cidades europeias das regiões centrais (AMIN e TOMANEY, 1995), num processo de crescimento cumulativo das firmas e das regiões que já contavam com capital competitivo.

Na política tecnológica da UE a situação parece ser idêntica. Estas grandes firmas das regiões centrais recebem uma grande e desproporcional fatia de Fundos Estruturais, que reforça objectivamente as capacidades em I&D das regiões mais avançadas (quadro 9), onde estão as sedes das firmas de maior potencial tecnológico.

Por outro lado, nem sempre a captação de investimento externo significa uma nova oportunidade de desenvolvimento para a região (HUDSON, 2001):

«Territoriality (nationality or regionality) of ownership is no longer seen as critical, especially if investment is in the form of 'embedded performance plants' rather than as 'global outposts', branch plants that are marginalised at the end of corporate command and control networks. (...) the key developmental issues are the capacity of regions to become or to remain as relevant spaces within significant circuits of capital, as locations for value creation and/or capture irrespective of territoriality of ownership, and of the most appropriate architecture of multi-level governance and regulation and mix of state policies to secure this. This implies as a necessary minimum condition a degree of perceived correspondence between regional and corporate interests. However, the attraction of inward investment may be seen more as a mechanism of regional deformation and destruction rather than one of development»

Quadro 9 – Fundos Estruturais atribuídos a I&D (1994 – 99)

Países UE	Objectivos 1 e 6	Objectivo 2
	x10 ⁶ €	x10 ⁶ €
Bélgica	0	38
Dinamarca	-	15
Alemanha	545,6	134
Grécia	694,5	-
Espanha	789	258
França	65,7	322
Itália	337,2	-
Irlanda	891,6	61
Luxemburgo	-	0
Holanda	-	0
Áustria	13	20
Portugal	948,6	-
Finlândia	22,5	35
Suécia	24,7	28
Reino Unido	142,6	322

COMISSÃO EUROPEIA, 2001

De facto, não será garantido que o progresso na qualificação da mão-de-obra local ou nas infra-estruturas, para referir apenas dois dos aspectos mais presentes nos eixos prioritários dos programas Objectivo n.º 2, implique necessariamente benefícios para a indústria local; poderá acabar por favorecer apenas investidores interessados em localizações com mão-de-obra barata e minimamente qualificada, servidas por boas redes de comunicações, por exemplo. A ênfase da iniciativa empresarial local através das PME's (como política regional da UE) também é problemática. Frequentemente, são iniciativas de baixa qualificação, caracterizadas por taxas de falência elevadas e índices de crescimento muito baixos, situados frequentemente em núcleos de mercado local sem exposição internacional, pouco defendidas relativamente a um processo de desinvestimento, geralmente dramático para a região onde se localiza, conforme refere CORADO SIMÕES (2001).

«With regard to policy making, the matter is not just to attract new investments nor mourning irreversible divestments (attenuating, however, its social consequences). A key factor of inward investment policy making is to prevent divestments, by promoting the upgrading and modernisation of existing subsidiaries, in the context of co-evolutionary processes, and providing them the territorial leverage to accumulate the capacities and competences needed to enhance their relevance for MNC network.»

Deste modo e sem prejuízo de análise mais detalhada da informação proporcionada pelos programas Objectivo n.º 2 (anexo 2), percebem-se importantes limitações nos instrumentos da União Europeia para apoio às regiões "em crise", nomeadamente na obtenção de condições territorializadas – numa perspectiva holística das inter-relações entre desinvestimento e território (VALE, 2001) - para obviar processos geralmente negativos em termos sociais, de abandono de actividades económicas, encerramento de empresas, sub-aproveitamento de recursos e declínio económico (PIKE, 2001).

SÍNTESE CONCLUSIVA

O processo de reestruturação produtiva observado nas regiões de industrialização mais antiga na sequência da crise do fordista é, como vimos, caracterizado não apenas por alterações nos modelos de produção, mas também por transformações sociais e mudanças territoriais, na medida em que novas exigências locativas se colocaram às empresas e novas formas de organização espacial emergiram. A transição do modelo fordista para os denominados “sistemas de produção flexível pós-fordistas” levou para além disso a que muitos dos velhos espaços de produção caíssem em situações de crise profunda, acentuando-se neles os sinais de desinvestimento.

Neste relatório, procurámos prestar especial atenção aos impactes territoriais do desinvestimento produtivo e às políticas que se têm prosseguido com vista à reconversão dos antigos espaços industrializados em crise. Com base nas situações descritas na bibliografia internacional, pudemos então concluir ser comum encontrar nesses casos de desinvestimento padrões semelhantes em que se combina o declínio económico com a perda de emprego, a desmoralização social, a contaminação dos recursos naturais, a degradação da paisagem e a decadência e abandono do edificado. Mas também as tentativas de recuperação económica e reestruturação territorial desses velhos espaços industriais manifestam metas comuns e, em muitos casos, estratégias coincidentes, nelas dominando a vontade de regenerar os locais, redefinir as suas vocações e formar novas identidades.

As estratégias de reconversão desses antigos espaços produtivos entretanto sujeitos a processos de desinvestimento insistem num conjunto de soluções mais ou menos comuns que podemos tentar descrever do seguinte modo: estratégias de promoção que se estruturam sobre elementos onde se articulam simultaneamente referências culturais locais e globais. Estão entre estas, por exemplo, a criação de grandes equipamentos e espaços de consumo que apostam num design inventivo e de alta qualidade, de parques empresariais *light* (sobretudo empresas intensivas em tecnologia e conhecimento) e pólos tecnológicos, ou ainda novos empreendimentos imobiliários destinados a procurar sociais de elevada capacidade económica.

Dos casos de estudo analisados retiram-se por fim algumas conclusões que apontam para novas formas de governação dos lugares e de condução das suas políticas de *redevelopment*. Fulcrais para o bom sucesso destas acções parecem então ser a estreita articulação entre actores públicos e privados e o prosseguir de estratégias para os lugares de tipo empresarialista .

BIBLIOGRAFIA

- ALLAIN, Rémy (1988) – “Fougères, la reconversion économique d'une ville industrielle sinistrée”, *Noréis*, 35, 139, pp. 349-356.
- AMIN, A.; TOMANEY, J. (1995) – “The Regional Dilemma in a Neo-liberal Europe”, *European Urban and Regional Studies*, 1995, 2 (2), London, pp. 171 – 188.
- ANDERSSON, A. (1985) – *The Fourth Logistical Revolution*. Regional Science Association, Philadelphia.
- AGLIETTA, M. (1979) – *A Theory of Capitalist Regulation: the US Experience*. Verso, London.
- ARBONA, A.; Barreda, B.; MARTINEZ, M. (1988) – “Villarejo de Salvanes: entre la descentralización productiva y la industrialización endógena” in *Actas de La II Reunión de Geografía Industrial*. Grupo de Geografía Industrial, Santiago de Compostela, pp. 67-77.
- AYDALOT, Ph. (1985) – *Economie Régionale et Urbaine*. Economica, Paris.
- BAPTISTA, M. (1997) – *Comentário ao Painel “Áreas Urbanas: Funções e Organização*, apresentado pela Professora Raquel Soeiro de Brito no Colóquio “A Política das Cidades”, organizado pelo Conselho Económico e Social, Lisboa, pp. 231-240.
- BEARD, N. (1979) – “London Docklands: an Example of Inner city Renewal”, *Geography*, 64, 284, pp. 190-195.
- BECATTINI, G. (1987) – “Introduzione. Il distretto industriale marshalliano: cronaca di un ritrovamento” in G. Beccattini (org.), *Mercato e Forze Locali: Il Distretto Industriale*. Il Mulino, Bolonha, pp. 7-34.
- BENKO, G.; DUNDFORD, M. (1991) – “Neo-Fordism or Post-Fordism? Some Conclusions and Further Remarks” in G. Benko e M. Dundford (Eds.), *Industrial Change & Regional Development*. Belhaven Press, London, pp. 287-305.
- BENKO, G.; LIPIETZ, A. (Eds.) (1994) – *As Regiões Ganhadoras. Distritos e Redes. Os Novos Paradigmas da Geografia Económica*. Celta Editores, Oeiras.
- BENTON, L. M.; LUCE, W. B.; SHORT, J. R.; WALTON, J. (1993) – “Reconstructing the Image of an Industrial City”, *Annals of the Association of American Geographers*, 83, 2, pp. 207-224.
- BÉROUD, S.; WEYDERT, J. (2002) – *O Futuro da Europa*. Ed. Ambar. Porto.
- BLACKABY, F. (Ed.) (1978) – *De-Industrialisation*. Heinemann, Londres.
- BLUESTONE, B.; HARRINSON, B. (1982) – *The Desindustrialization of America*. Basic Books, Nova Iorque.
- BOYER, R. (1986) – *La Théorie de la Régulation: Une Analyse Critique*. Éditions la Découverte, Paris.
- BOYER, R. (1994) – “As Alternativas ao Fordismo - Dos anos 80 ao século XXI”, in G. Benko e A. Lipietz (Eds.), *As Regiões Ganhadoras. Distritos e Redes. Os Novos Paradigmas da Geografia Económica*. Celta Editores, Oeiras, pp. 121-144.
- BRUYELLE, Pierre (1987) – “Un cas particulier de désindustrialisation: les villes à centrales électriques”, *Hommes et Terres du Nord*, 1, pp. 51-59.
- BRYSON, J. R. (1997) “Obsolescence and the process of creative reconstruction”, *Urban Studies*, 34 (9): 1439-58.
- CARAVACA, I.; MÉNDEZ, R. (Coord.) (1993) – *Procesos de Reestructuración Industrial en las Aglomeraciones Metropolitanas Españolas*. Ministerio de Obras Públicas y Transportes, Madrid.
- CARAVACA, I.; MÉNDEZ, R. (1994) – “Industrial revitalization of the metropolitan areas in Spain”, *International Journal Urban and Regional Research*, 18, 2, pp. 220-233.

CASTELLS, M. (1996) – *The Rise of Network Society*. Blackwell Publishers, London.

CHAMPION, A. (Ed) (1989) – *Counterurbanization: The Changing Pace and Nature of Population Deconcentration*. Edward Arnold, London.

COMISSÃO EUROPEIA (2001) – *Unity, solidarity and diversity for Europe, its people and its territory - the Second Report on Economic and Social Cohesion*. Comissão Europeia, Bruxelas.

CORADO SIMÕES, V. (2001) – “Divestment by Foreign-Based Firms: Endogenous versus Contextual Factors” in M. Vale (Ed.), *DivesT – Desinvestimento e Impactos Económicos, Sociais e Territoriais*. EPRU n.º 54, Lisboa, pp. 93-120.

EDGINGTON, D. W. (1990) – “Managing Industrial Restructuring in the Kansai Region of Japan”, *Geoforum*, 21, 1, pp. 1-22.

FERRÃO, J. (1987a) – “Indústria e território: breve história de uma união feliz”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 22, pp. 55-68.

FERRÃO, J. (1987b) – *Indústria e Valorização do Capital – Uma Análise Geográfica*. CEG, Lisboa.

FERRER, M. (1991) – “Urbanización, industrialización y ambiente”, *Situacion*, 2, pp. 17-39.

FISCHER, A. (1994) – *Industrie et Espace Géographique*. Masson, Paris.

FONSECA, M. L. (1998) – “Lisboa: reestruturação produtiva e transformações urbanísticas numa capital periférica” in J. Gaspar; M. Vale (Eds.) - *Desenvolvimento Industrial e Território*. Comissão de Coordenação da Região Centro e Centro de Estudos Geográficos, Coimbra, pp. 151-176.

GACHELIN, Charles (1991) – “Réflexions sur les friches industrielles dans la region Nord – Pas-de-Calais”, *Hommes et Terres du Nord*, 4, pp. 245-250.

GALBRAITH, J. (1972) – *A Crise das Sociedades Industriais*. Moraes, Lisboa.

GOMES, H. (1998) – *Reestruturação e Diversificação Industrial em Regiões Periféricas: o Caso do Nordeste de Inglaterra*. Trabalho de Estágio do Mestrado em Geografia Humana e Regional e Local, Universidade de Lisboa (não publicado).

GOMES, H. (2001a) – *Reestruturação e Expansão Industrial da Área Metropolitana de Lisboa. A Emergência de Novos Territórios: os casos de Sintra e Alenquer*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana e Regional e Local, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GOMES, H. (2001b) – “Reestruturação Industrial na Área Metropolitana de Lisboa. Desinvestimento e Deslocalização Empresarial”, in M. Vale (Ed.) - *DivesT – Desinvestimento e Impactos Económicos, Sociais e Territoriais*, EPRU, n.º 54, Lisboa, pp. 125-142.

GÓMEZ, María V. (1998) – “Reflective Images: The Case of Urban Regeneration in Glasgow and Bilbao”, *International Journal of Urban and Regional Research*, 22, 1, pp. 106-121.

GRAMSCI (1971) – “Americanism and Fordism”, in Q. Hoare e G. Nowell Smith (Eds.), *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci*. Lawrence and Wishart, London.

HALL, P. (1993) – “Forces shaping urban Europe”, *Urban Studies*, 30, 6, pp. 883-898.

HAREN, C.; HOLLING, R. (1979) – “Industrial Development in Nonmetropolitan America: A Locational Perspective.” in R. Lonsdale e H. Seyler (Eds.), *Nonmetropolitan Industrialization*. VH Winston, Washington D.C., pp. 13-45.

HEIM, C. (1997) – “Dimensions of decline: industrial regions in the United States and Europe, 1970-1990”, *International Regional Science Review*, 20, 3, pp. 211-238.

- HENNINGS, G.; ZIEGLER-HENNINGS, C. (1995) – "Tentativas de Ordenacion Ecologica de Terrenos Industriales", in *Territorios de Europa*, Programa Comunitário RECITE «Universidades Regionales», vol. I, La Problemática de los Espacios Industriales Degradados. Junta Castilla y Leon, CEDRE e FEDER, pp. 97-115.
- HUDSON, R. (1997) - Regional futures: industrial restructuring, new high volume production concepts and spatial development strategies in new Europe, *Regional Studies*, 31, 5: 467-478.
- HUDSON, R. (2001) – "Commodity Chains and Flows of Value: Exploring the Links Between Corporate Strategies, Governance Processes and Regional Economic Development in Europe" in M. Vale (Ed.), *DivesT – Desinvestimento e Impactos Económicos, Sociais e Territoriais*, EPRU, nº 54, Lisboa, pp. 11-49.
- JESSOP, B. (1992) – "Fordism and Post-Fordism: a Critical Reformulation" in A. Scott; M. Storper; (Eds.), *Pathways to Industrialization and Regional Development*. Routledge, London.
- LEBOGORNE, D.; LIPIETZ, A. (1987) – *L'apres-Fordisme et son Espace*. Leppremap, Paris.
- LEBOGORNE, D.; LIPIETZ, A. (1994) – "Flexibilidade ofensiva, flexibilidade defensiva" in G. Benko; A. Lipietz (Eds.), *As Regiões Ganhadoras. Distritos e Redes. Os Novos Paradigmas da Geografia Económica*. Celta Editores, Oeiras, pp. 223-246.
- LLURDÉS-COIT, Joan Carles; SAURÍ-PUJOL, David (1995) – "Embellishing Nature: the Case of the Salt Mountain Project of Cardona, Catalonia, Spain", *Geoforum*, 26, pp. 35-48.
- MACHIMURA, Takashi (1992) – "The Urban Restructuring Process in Tokyo in the 1980s: Transforming Tokyo into a World City", *International Journal of Urban and Regional Research*, 16, 1, pp. 114-128.
- MALTA, Rachel Rodriguès (1999) – "Villes d'Espagne en régénération urbaine. Les exemples de Barcelone, Bilbao et Madrid", *Annales de Géographie*, 608, pp. 397-419.
- MARTIN, R.; SUNLEY, P. (1997) – "The post-keynesian state and the space economy" in R. Lee; J. Wills (Eds.), *Geographies of Economies*. Arnold, London, pp. 278-289.
- MARTINEZ, M. (1988) – "La industria en una periferia metropolitana: el caso de Madrid" in *Actas de La II Reunion de Geografia Industrial*. Grupo de Geografia Industrial, Santiago de Compostela, pp. 107-115.
- MASSEY, D. (1987) – "The shape of things to come" in R. Peet (Ed.), *International Capitalism and Industrial Restructuring*. Allen & Unwin, London, pp. 105-122.
- MCCRONE, G. (1991) "Urban renewal: the scottish experience", *Urban Studies*, 28 (6): 919-938.
- MERENNE-SCHOUMAKER, B. (1989) – "La réhabilitation des anciens sites industriels: l' experience wallone", *Hommes et Terres du Nord*, 4, pp. 353-357.
- MÉRENE-SCHOUMAKER, B. (1991) – *La Localisation des Industries*. Nathan Université, Liège.
- MORALES, R.; SOJA, E.; WOLF, G. (1987) – "Industrial restructuring: an analysis of social and spatial change in Los Angeles", in R. Peet (Ed.), *International Capitalism and Industrial Restructuring*. Allen & Unwin, London, pp. 145-176.
- OATLEY, N. (1998) – *Cities, economic competition and urban policy*. Paul Chapman Publishing, London.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (vários anos) – *Statistical Yearbook*. New York, United Nations.
- Ó HUALLACHÁIN, B. (1993) – "Industrial Geography", *Progress in Human Geography*, 17, 4, pp. 548-555.
- PAGE, S. (1987) – "The London Docklands - Redevelopment Schemes in the 1980s", *Geography*, 72, 314, pp. 59-63.
- PAGE, S.; FIDGEON, P. (1989) – "London Docklands - a Tourism Perspective", *Geography*, 74, 322, pp. 66-68.

- PIKE, A. (2001) – *A Political Economy of the Geography of Closure*. Comunicação apresentada ao Workshop DivesT - Desinvestimento e Impactos Económicos, Sociais e Territoriais, Universidade de Lisboa, Lisboa (polic.).
- PIORE, M.; SABEL, C. (1984) – *The Second Industrial Divide*. Basic Books, New York.
- POLLARD, J.; STORPER, M. (1996) – "A tale of twelve cities: metropolitan employment change in dynamic industries in the 1980s", *Economic Geography*, 72, 1, pp. 1-20.
- PROUGH et al. (2000) – *The Local Politics of Global Sustainability*. Island Press, Washington, D.C..
- SASSEN, S. (1991) – *The Global City*. Princeton University Press, New Jersey.
- SCOTT, A. (1982) – "Production system dynamics and metropolitan development", *Annals of Association of American Geographers*, 72, 2, pp. 185-200.
- SCOTT, A. (1988a) – *Metropolis, From the Division of Labour to Urban Form*. University of California Press, Berkeley and Los Angeles.
- SCOTT, A. (1988b) – *New Industrial Spaces*. Pion Limited, London.
- SCOTT, A. (1994) – "A economia metropolitana – organização industrial e crescimento urbano" in G. Benko e A. Lipietz (Eds.), *As Regiões Ganhadoras. Distritos e Redes. Os Novos Paradigmas da Geografia Económica*. Celta Editores, Oeiras, pp. 63-73.
- SCOTT, A.; STORPER, M. (1986) (Eds.) – *Production, Work, Territory - The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism*. Allen and Unwin, Boston.
- SCOTT, A.; STORPER, M. (1989) – "The geographical foundations and social regulation of flexible production complexes" in M. Dear e J. Wolch (Orgs.), *The Power of Geography: How Territory Shapes Social Life*, Boston, Unwin Hyman, pp. 21-40.
- SOARES, P. (2001) – "Declínio do Emprego na Siderurgia Portuguesa: Estratégias Empresariais e Características Regionais" in M. Vale (Ed.), *DivesT – Desinvestimento e Impactos Económicos, Sociais e Territoriais*. EPRU, nº 54, Lisboa, pp. 51-72.
- SOUSA, Christopher de (2000) – "Brownfield Redevelopment versus Greenfield Development: A Private Sector Perspective on the Costs and Risks Associated with Brownfield Redevelopment in the Greater Toronto Area", *Journal of Environmental Planning and Management*, 43, 6, pp. 831-853.
- VALE, M. (1999) – *Geografia da Indústria Automóvel num Contexto de Globalização. Imbricação Espacial do Sistema AutoEuropa*. Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- VALE, M. (2001) – "Desinvestimento e Território: Um Quadro Conceptual de Análise" in M. Vale (Ed.), *DivesT – Desinvestimento e Impactos Económicos, Sociais e Territoriais*. EPRU, nº 54, Lisboa, pp. 251-289.
- VANDERMOTTEN, C. (1994) – *Planification et Stratégies de Développement dans les Capitales Européennes*. Université de Bruxelles, Bruxelles.
- VICARI, S. (2001) – "Naples: Urban regeneration and exclusion in the Italian south", *European Urban and Regional Studies*, 8, 2, pp. 103-115.
- WATSON, S. (1991) – "Gilding the Smokestacks : the new symbolic representations of deindustrialised regions", *Environment and Planning D: Society and Space*, 9, pp. 59-70.
- WYCKOFF, W. (1995) – "Postindustrial butte", *The Geographical Review*, 85, 4, pp. 478-496.

SITES CONSULTADOS

http://europa.eu.int/comm/regional_policy/index_en.htm

http://europa.eu.int/comm/regional_policy/country/prordn/index_en.cfm

http://europa.eu.int/comm/employment_social/empl&esf/index_en.htm

Anexo 1 – Fichas de casos de intervenção em áreas em crise

NOME DO ARTIGO

Reflective images: the case of urban regeneration in **Glasgow** and Bilbao

CASO DE ESTUDO (áreas)

Cidade de Glasgow, Escócia

ESCALA

Urbano

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Centro da cidade e frente ribeirinha

USO INDUSTRIAL

Indústria pesada: siderurgia, construção naval

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Meados dos anos 70

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Pobreza, alcoolismo, violência

Desemprego masculino elevado (trabalhadores semi-qualificados), desmoralização

Perda de importância como centro industrial, vastas áreas abandonadas

Operações de regeneração devido ao declínio e mutação dos sectores de actividade tradicionais que têm como corolário o desaparecimento de numerosos postos de trabalho e a acentuação de fenómenos de exclusão social. Donde, a reconversão funcional torna-se o suporte de uma estratégia de reorientação económica

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não específica

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não específica

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não específica

ACTORES DA RECONVERSÃO

Caso de intervenção centralizada do governo crescente: no início a *Scottish Development Agency* (agência de desenvolvimento económico) encomenda um relatório à empresa privada *McKinsey & Comp.* (dá ideias para a recuperação) → 1985: *Glasgow Action* (grupo independente, maioritariamente elites empresariais locais) → substituído em 1991 pela *Glasgow Development Agency* (sob a tutela do Governo Central)

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Da cidade industrial → para a cidade pós-industrial

Reconstruir a imagem: tornar a cidade mais atractiva para trabalhar e viver

Recrutar o espírito empresarial

Atrair as sedes das grandes empresas

Construir uma ind. local de software

Encorajar os serviços locais

Novas experiências no campo da habitação

Melhorar a imagem ambiental

"Vender o lugar" (*selling places*): dinamização de eventos culturais, elementos arte e cultura

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Gordon Cullen (*designer* urbano) projecta um plano de melhoria da imagem ambiental para a cidade (a rua pedonal torna-se um ponto focal da cidade associada a uma praça pública)

Slogans: *There is a lot of Glasgowing on, Glasgow's alive*; "*Glasgow is business; Glasgow's Miles Better (Glasgow can do it)*" – novo papel dos serviços empresariais, edição avançada, editoras e artes

ASPECTOS CRÍTICOS

Ausência de uma política do *Scottish Office* para que a entrada de investimento estrangeiro tivesse como destinatária a cidade de Glasgow

Poucas iniciativas de política económica para dinamizar as áreas (ind. do séc. XIX) da cidade abandonadas

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Promoção do centro da cidade através de centros comerciais, rua central pedestre, apartamentos de luxo, galeria nacional de arte escocesa

Dinamização da área ribeirinha desenvolvida à semelhança de uma cadeia de casas e blocos de negócios

Construção de uma auto-estrada circundando a cidade, desenvolvendo a metáfora da "cidade muralhada"

NOME DO ARTIGO

Reflective images: the case of urban regeneration in Glasgow and Bilbao
Villes d'Espagne en régénération urbaine. Les exemples de Barcelone, Bilbao et Madrid

CASO DE ESTUDO (áreas)

Cidade de Bilbao, País Basco, Espanha

ESCALA

Urbana, sobretudo ao nível do porto de Bilbao,

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

O centro da Bilbao industrial (junto do estuário profundo do rio Nervión) para relançar a economia metropolitana

USO INDUSTRIAL

Minas
Metalurgia
Construção naval

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Finais dos anos 70

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Desemprego elevado
Vastas áreas abandonadas
Desmoralização
Operações de regeneração devido ao declínio e mutação dos sectores de actividade tradicionais que têm como corolário o desaparecimento de numerosos postos de trabalho e a acentuação de fenómenos de exclusão social. Donde, a reconversão funcional torna-se o suporte de uma estratégia de reorientação económica

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Coexistência sobreposta de vários instrumentos de planeamento: plano geral de urbanização, guia metropolitano, plano estratégico, Bilbao Ria 2000

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não específica

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Delerict land

ACTORES DA RECONVERSÃO

Plano Geral de Urbanização de Bilbao: prerrogativas da responsabilidade do governo regional basco e da província da Biscaia: - enquadramento geral das propostas de intervenção no sentido de aumentar o nível de rendimento da população e melhorar a qualidade do ambiente urbano
Municipalidade de Bilbao (Câmara Municipal): responsabiliza-se pela elaboração do Plano Geral de Urbanização de Bilbao e cede terrenos para o museu Guggenheim. Este e o Palácio Euskalduna assim como o metropolitano serão financiados pelo governo regional basco e província da Biscaia
1991, *Bilbao Metròpoli 30*: Associação para a revitalização da área metropolitana de Bilbao → criada pela iniciativa local; constituída pela assoc. industrial, universidades, empresas e org. privadas, municipalidade e governo Basco (associação público-privado no processo de revitalização). Principais funções: promover acções de comunicação (fóruns, publicação de jornais e revistas informativas) e prever a evolução da operação de regeneração de Bilbao através de estudos socio-económicos prospectivos
1992, Plano Estratégico (modelo SWOT) da iniciativa do governo regional e da municipalidade: procura equacionar os meios, as acções, os custos e a regulação temporal dos projectos (fixa as orientações do desenvolvimento até 2005). Classifica por ordem de prioridades as grandes operações para a área metropolitana
1993, *Bilbao Ria 2000*: uma parceria – empresa pública de gestão privada – criada pelo Ministro das Obras Públicas; é composta em partes iguais pelos governos central e regional; estrutura que evidencia a tendência para a descentralização do poder de actuação; tem como função coordenar os processos de revitalização, planificar e ordenar os solos, assegurar a mediação entre parceiros e ultrapassar bloqueios políticos, jurídicos e técnicos
Guia Metropolitano (não completamente aprovado)

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Renovar a estética com base no *design* urbano (ambiente inovador empresarial, serviços avançados e comércio especializado): reconquista de espaços portuários e ferroviários centrais através de construções arquitectónicas prodigiosas, como o museu Guggenheim (em vidro e titânio), palácio das artes, revitalização do antigo mercado e estação intermodal, centro comercial,... - Sector de Abandoibarra, a vitrine da "nova Bilbao internacional" (onde se localiza o museu)
Tornar Bilbao um ponto de referência na região Atlântica

Promoção da identidade cultural, estímulo à criatividade e expressão artística: iniciativas culturais no centro das estratégias de desenvolvimento

Relançar a economia metropolitana com base na construção de novos usos na desembocadura do rio Nervión

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Frank O. Gehry concebe o museu Guggenheim (edifício futurista para acomodar arte moderna e contemporânea)

Santiago Calatrava (re) desenha o aeroporto internacional e a Ponte La Salve (pedonal)

Cesar Pelhi define as grandes linhas orientadoras para a área junto do rio, com passagens diversas sobre o rio

Sir Norman Foster desenha as novas estações do metropolitano (operação de recomposição do sistema metropolitano)

F. Soriano e D. Palacios projectam o Palácio Euskalduna (palácio das artes)

Slogan: “*Bilbao puede hacerlo*”

ASPECTOS CRÍTICOS

Falta de coordenação institucional ao nível das diversas iniciativas locais: sobreposição de planos

Estrutura institucional complexa

A transformação/oferta é da iniciativa pública, o sector privado é convidado a intervir num segundo tempo

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Criação de um símbolo de Bilbao centrado no museu que é parte estruturante do esquema de regeneração urbana lançado em 1989 e que inclui um centro de congressos, um aeroporto internacional desenhado por Santiago Calatrava, uma nova estação de metro de Norman Foster e um programa de renovação da frente ribeirinha do rio Nervión de Cesar Pelli

- museu Guggenheim e ponte La Salve

- estação de metropolitano

- revitalização do antigo mercado

- estação intermodal

- centro de congressos

- modernização do aeroporto

Flexibilidade e adaptação aos novos dados do ambiente – articulação entre as escalas de intervenção, correspondendo a uma ossatura urbanística “imponente”:

projecto arquitectural: o museu e palácio (projectos de arquitectura) estruturam temporalmente e fisicamente a regeneração da frente ribeirinha do rio Nervión (projecto urbano), mas são também, os elementos que anunciam a entrada de Bilbao na era pós-industrial (projecto metropolitano)

NOME DO ARTIGO

Managing Industrial Restructuring in the Kansai Region of Japan

CASO DE ESTUDO (áreas)

Região de Kansai, o centro histórico, cultural e comercial do Japão (Osaka, Japão)

ESCALA

Regional, estrutura urbana policêntrica, constituída por 3 cidades: Kyoto, Kobe e Osaka

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Intervenção que incide sobre Osaka (centro e frente ribeirinha)

USO INDUSTRIAL

Indústrias de química fina, pasta de papel e aço (especialização industrial da região)
PMEs: têxteis e vestuário e material eléctrico

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Desde a crise do petróleo associada à queda do yen em 1985
Estagnação industrial e fraco crescimento dos serviços de apoio à indústria
Operações de regeneração associadas à competitividade de grandes metrópoles: desenvolvimento de um potencial de acolhimento do investimento estrangeiro

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Declínio do emprego masculino
Fuga das funções centrais para os subúrbios de Osaka e para outras cidades
Falta de espaço
Sistema rodoviário deficiente

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não específica

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não específica: porém refere PMEs e falta de espaço, redes ferro e rodoviárias desajustadas

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Smokestack image (paisagem de chaminés industriais)
Poluição ambiental

ACTORES DA RECONVERSÃO

Governo central e governo regional (dividido em 8 municípios)
Parcerias com os privados

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

1982: Plano de Osaka para o Século 21 (poder regional e urbano)
De âmbito mais vasto, o Plano Subaru (subaru: forma estrelar da região) para a região: apela para o estabelecimento de indústrias intensivas em tecnologia e I&D (institutos de investigação nas áreas da electrónica, farmacêutica, têxtil e moda (poder regional)
4º Plano Nacional de Desenvolvimento até 2000 (poder central/governo)
Desde 1986:

- Aeroporto Internacional de Kansai, consórcio público-privado
- Estradas de acesso: poder central – autoridade de estradas
- Plano *Cosmopolis*, da responsabilidade do poder local para gerir os efeitos multiplicadores do aeroporto internacional de Osaka
- Projecto *Aeropolis*: da responsabilidade do poder local, suporte comercial ao aeroporto
- Ilha artificial de Rokko (empresas privadas)
- Cidade da Ciência: instituto de investigação de Kansai
- Projectos *Naniwa Necklace* (rede de transporte ferroviário em forma de colar): consórcio público-privado
- Parque empresarial de Osaka: várias empresas privadas
- Tecnoporto: auto-estradas, comboios expresso, terminal de carga e de passageiros... → cidade de Osaka (poder local/urbano) e poder regional
- Parque cultural internacional: complementar à cidade da ciência para estimular a investigação associada à biotecnologia, consórcio público-privado

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Imagem de cosmopolitismo → comércio e actividades culturais internacionais
A Região de Kansai deveria construir uma imagem de internacionalização assente na ideia da *tecnopolis* onde se situam centros especializados em alta tecnologia e investigação e onde eventos, como conferências, feiras, moda são globais
Slogans: "cidade sobre água" e "cidade da ciência": slogans apelando para a força da tecnologia e da ciência

ASPECTOS CRÍTICOS

Não refere

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

KIA Corporation (*Kansai International Airport*): a maior plataforma aérea *off-shore* do mundo apoiada numa rede intermodal de transportes

KSC (*Kansai Science City*): a cidade da ciência de Kansai com privilégios fiscais para as empresas, centros de investigação, universidades e habitação

NOME DO ARTIGO

The urban restructuring process in Tokyo in the 1980s: transforming Tokyo into a world city

CASO DE ESTUDO (áreas)

Tóquio, cidade global

ESCALA

Urbana/metropolitana

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Área metropolitana de Tóquio

USO INDUSTRIAL

Não explícita

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Finais dos anos 70 (crise fiscal do estado japonês)

Operações de regeneração associadas à competitividade de grandes metrópoles: desenvolvimento de um potencial de acolhimento do investimento estrangeiro

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Más condições físicas, institucionais e sociais: anos 80, início do processo de reestruturação urbana de Tóquio

Operações de regeneração associadas à competitividade da capital e desenvolvimento de um potencial de acolhimento do investimento estrangeiro

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

No pós-guerra, os padrões básicos do uso do solo das áreas metropolitanas não foi controlado – apenas os das áreas não metropolitanas; necessidade de espaço para acolher as funções centrais (centros financeiros,...)

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

O governo japonês, através do seu papel regulador, impôs restrições na construção e desenvolvimento urbano e muitos solos públicos no centro de Tóquio foram vendidos a empresas imobiliárias privadas. O espaço urbano de Tóquio tornou-se uma arena para a acumulação de capital em larga escala

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não menciona

ACTORES DA RECONVERSÃO

No início dos anos 80, o motor foi o governo central, posteriormente, formam-se parcerias público-privadas para o desenvolvimento urbano (introdução de capital privado na esfera pública através de incentivos fiscais, grandes subsídios...)

Nos anos 80, organizações formais e informais de coordenação: entidades de aconselhamento *ad hoc*: mais de 150 organizações relacionadas com a reestruturação urbana de Tóquio estabeleceram-se entre 1983 e 1988. Eram instituições de coordenação e de cooperação que combinavam a o *know-how* administrativo das entidades públicas com as capacidades técnicas e profissionais das instituições privadas

Hoje, encontramos uma mistura de compromisso, coligação e coordenação complexas entre o governo central, a administração metropolitana e o capital privado, assim, as coligações do sector público fizeram-se entre o governo central, o metropolitano e várias corporações públicas

Os actores do sector privado dividiram-se em grupos: 1) indústrias transformadoras de materiais necessários à construção (cimento e aço); empresas de construção civil e de arquitectura; promotores e empresas imobiliárias que compraram os solos e os desenvolveram para venda/arrendamento; companhias financeiras que realizaram os empréstimos; proprietários que venderam solos ou que funcionaram como promotores imobiliários; 2) alta finança, empresas de electrónica e de computadores, hotéis e serviços de recreio; 3) "directores do espaço" - agências de *marketing* e de comunicação social - procurando influenciar a estrutura simbólica e semiótica do espaço urbano e difundir a ideologia urbana

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Estabelecimento de infra-estruturas para facilitar as redes de informação – tornar Tóquio uma cidade global dependente das redes de informação; Telefoto de Tóquio

Produção do espaço urbano: com início num processo de mudança económica, depois espacial e social e mais tarde, evolui no sentido de uma nova dimensão ideológica e cultural (uma nova identidade para os habitantes de Tóquio)

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Sociedade pós-industrial, sociedade de informação; cidade global, cidade *high-tech*

Criação de imagens: reafirmação da identidade histórica e comparação com outras metrópoles de referência (política metropolitana apelidada de *Tokyo Renaissance* ou *Tokyo Frontier*); construção de *memorials* simbólicos, eventos atractivos, publicação de livros, jornais, etc.

ASPECTOS CRÍTICOS

Os processos de decisão não foram abertos à opinião pública; muitos agentes urbanos foram excluídos dos processos de reestruturação urbana – os pequenos proprietários foram excluídos das coligações
Alteração da composição étnica da população de Tóquio (aumento dos residentes estrangeiros)
Os residentes tradicionais das áreas centrais de Tóquio foram empurrados para a periferia devido aos elevados preços do solo

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Expansão das funções globais de Tóquio e das suas formas espaciais: desconcentração do centro para uma dispersão multicêntrica
Aumento substancial da produção de espaço urbano (horizontal, vertical e renovação de espaços industriais)
Frente ribeirinha de Tóquio: centro financeiro e de acolhimento das TNCs
Desenvolvimento das áreas periféricas (sub-centros) através da localização de serviços sofisticados, de indústrias de I&D e de alta tecnologia

NOME DO ARTIGO

*Villes d'Espagne en régénération urbaine. Les exemples de Barcelone, Bilbao et **Madrid***

CASO DE ESTUDO (áreas)

Madrid

ESCALA

Urbana/Local (cerca de 150 ha)

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Sector da zona sul da cidade: transformação de um traçado ferroviário do séc. XIX em Madrid

USO INDUSTRIAL

Antigo traçado ferroviário com edifícios industriais obsoletos

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Não menciona. Apenas refere a primeira proposta da operação de recuperação em 1986. Em 1989 o projecto é revisto e ampliado para uma perímetro de intervenção de 158ha
Operações de regeneração associadas à competitividade da capital e desenvolvimento de um potencial de acolhimento do investimento estrangeiro

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Área ferroviária inadaptada às necessidades actuais

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Proprietário fundiário principal: RENFE (organismo público)

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não menciona

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não menciona

ACTORES DA RECONVERSÃO

Novas figuras jurídicas permitem certos agentes económicos – tais como portos autónomos e companhias de caminhos-de-ferro –, pertencentes a organismos do Estado, desenvolver uma verdadeira lógica de promoção imobiliária. Nesta perspectiva, é com a iniciativa de um agente económico público, a RENFE, que se iniciou em 1986 a operação *Pasillo Verde Ferroviario*.

Em 1989, a RENFE associa-se à cidade através de um consórcio, o *Consorcio Pasillo Verde Ferroviario*, organismo especificamente criado para conduzir e financiar a operação PVF

A RENFE financia a modernização da sua rede metropolitana na base das mais-valias geradas com as vendas das suas empresas obsoletas. A cidade, com os benefícios das vendas dos solos congelados aos promotores privados e da oferta de terrenos oferecidos pela RENFE, pode desenvolver numerosos espaços públicos e dotar a zona de novos equipamento públicos

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Pasillo Verde Ferroviario (PVF): melhoria dos interfaces do centro da cidade com as periferias

Para evitar as oscilações do mercado, construção e transformação, em tempo único e simultâneo, das zonas de intervenção urbana (apenas as destinadas às funções residenciais e terciárias), correspondentes a 4 sectores do perímetro da operação PVF:

Zona Príncipe Pio – gare, escritórios, parques, equipamentos desportivos

Zona Imperial – equipamentos desportivos, auditório, escritórios, residências

Zona Penuelas – parques de equipamentos desportivos, residências, centro de idosos

Zona Delicias – museu ferroviário, parque da ciência, residências

Reprogramação em face das vendas apenas em 50% às actividades terciárias: aumento do coeficiente de ocupação do solo e programação de habitação social

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

A operação PVF é “um produto acabado”: oferece uma realização urbanística com um calendário e um programa definidos à partida

ASPECTOS CRÍTICOS

Dinâmica do sector privado (actividades terciárias) baixa e conseqüente necessidade de revisão da operação – fragilidade do sector económico e uma certa rigidez inicial do projecto. Porém, as motivações de um agente económico são o suporte de toda a operação de notável melhoria da qualidade urbanística de uma vasta área obsoleta da cidade

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (redevelopment project)

Recuperação de linhas ferroviárias inadaptadas e de edifícios industriais para completar a rede de transportes metropolitanos e desenvolver empresas ferroviárias e industriais associadas, uma série de equipamentos públicos e zonas residenciais de qualidade

Capacidade para rever a estratégia de intervenção e contornar a aparente rigidez do projecto; soluções originais e operação que procura fugir de um "urbanismo de austeridade"

NOME DO ARTIGO

Villes d'Espagne en régénération urbaine. Les exemples de **Barcelone**, Bilbao et Madrid

CASO DE ESTUDO (áreas)

Barcelona

ESCALA

Urbana/local

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Friche industrial portuária, ligada ao declínio ou à mutação dos sectores de actividade tradicionais e que tem por corolário o desaparecimento de postos de trabalho e a acentuação de fenómenos de exclusão social - a reconversão funcional torna-se o suporte de uma estratégia de reestruturação económica

USO INDUSTRIAL

Área portuária, espaços de actividades obsoletas, caos urbanístico

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Início dos anos 80

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Não refere

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Porto de Barcelona: trama complexa ligada à cidade velha

Terrenos públicos que excluem todo o uso exclusivamente privado (função residencial) – criação de sociedades de capital misto para a concessão das áreas recreativas nas quais o porto se envolveu bastante

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Edifícios industriais semi-obsoletos (150ha), espaço fragmentado composto por vias-férreas e estruturas inadequadas

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não são referidos

ACTORES DA RECONVERSÃO

Parcerias público-privadas na operação *Port Vell*: *Vila Olímpica S.A.* (VOSA) e *Nova Icaria S.A.* (NISA)

VOSA: 40% capital público, 40% promotores privados e 20% bancos

O sucesso da operação parte de um enquadramento público do projecto que é assegurado pelo capital privado

O instrumento decisório é verdadeiramente operacional na definição de objectivos comuns consensuais juntando as forças locais e nacionais. Para lá da gestão empresarial da cidade, a evolução do quadro político-administrativo urbanístico testemunha transformações contemporâneas que tendem para o conceito de governância local. Esta engenharia institucional parece responder às necessidades do território urbano contemporâneo.

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

"Abrir a cidade ao mar": destruição da cintura portuária e construção de um passeio marítimo pedonal → criação de um balcão sobre o mar e hierarquização subterrânea do tráfego automóvel (operação *Port Vell*)

Construção da Vila Olímpica 1992, conceito de "reconstrução de cidade interior". Recuperação da fachada litoral de Barcelona: transformação da zona do *Poble Nou* em novo quarteirão marítimo (Vila Olímpica) e distribuição das instalações olímpicas em quatro sectores distintos da cidade no sentido de associar os benefícios sociais ao conjunto dos cidadãos: colina de *Montjuich*, parque marítimo, *Diagonal* e *Vall d'Hebron*. Exige duas intervenções pesadas: recompor a rede de vias-férreas e enterrar a *Ronda de Mar*, secção de auto-estrada e peça fundamental do projecto global de regeneração.

Transformação de sectores na *Diagonal* e *Besos*, na continuidade oriental da zona olímpica.

Plano de Ordenamento em 1989, para a transformação de 55,6ha do porto que teria um uso cultural e recreativo, marinas, centro comercial do tipo "festival market", *World Trade Center*, centro comercial *Maremagnum*, cinema *Imax*, complexo cinematográfico, aquário, *Rambla de Mar*.

Plano Estratégico *Horizon 2000*: define os princípios fundadores do reforço do papel de Barcelona na Europa: desenvolver o projecto TGV e estruturas de transporte do porto e do aeroporto; acções em favor do ambiente e da qualidade de vida; garantir o reconhecimento internacional de Barcelona; impulsionar os sectores da produção *high tech* e do terciário avançado.

Promoção comercial da operação a cargo e uma estrutura dotada de personalidade jurídica própria: *Gerencia Urbanística Port 2000*.

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

"Abrir a cidade ao mar"

Interface cidade-porto

Atitude empresarial

M. Solà-Morales

ASPECTOS CRÍTICOS

Implicação maciça de capital privado na regeneração urbana

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Apesar de apoiadas no modelo norte-americano de há 40 anos (aposta nas actividades culturais e recreativas, actividades comerciais, edifícios para acolher o terciário, espaços públicos e passeios públicos), a regeneração da franja litoral e portuária foi realmente catalizadora da transformação global da cidade.

É um projecto de e para a cidade: revela um “saber fazer” e constitui um modelo possível para as metrópoles da Europa mediterrânica.

NOME DO ARTIGO

Postindustrial Butte

CASO DE ESTUDO (áreas)

Cidade de Butte, no Estado de Montana (EUA)

ESCALA

Urbana

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Centro da cidade e anel industrial

USO INDUSTRIAL

Minas de cobre (inicialmente de ouro e prata)

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Paisagem de desindustrialização: após 1920 dá-se um colapso das minas. A partir de finais de 1970 iniciaram-se as respostas à crise

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Decadência económica e paisagística após um longo período de prosperidade
Desemprego

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Forte presença de edifícios históricos relacionados com a actividade mineira

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Cunho espacial-extensivo típico das paisagens industriais mineiras: poços abertos, chaminés e torres de extracção misturadas com casas de operários, esporões das linhas de caminho de ferro, edifícios históricos relacionados com a actividade mineira, o negro dominante, a sujidade e a presença de contaminantes (arsénico e zinco)
Acumulação dos poços com água contaminada com metais pesados

ACTORES DA RECONVERSÃO

As elites políticas e económicas locais

Caso em que os riscos assumidos pelo sector privado são subsidiados pelo suporte do sector público

Abordagem empresarial na qual as instituições públicas e privadas se unem para criar uma "máquina de crescimento" estimulando novos investimentos com base nos atributos únicos da cidade

Por exemplo, o *U.S. High Altitude Sports Center* (1987) resulta de uma parceria público-privada entre a Companhia de Electricidade de Montana e o poder local

No início dos anos 80, quando o cenário de crise económica acelerou, formou-se uma *task-force* (Economic Futures Task Force) para revitalizar a economia local. O nº de participantes públicos nesta tarefa foi aumentando: Câmara do Comércio, município, departamento de conservação de edifícios históricos, a instituição *Local Development Corporation*

Uma empresa privada de designers urbanos italianos (PROMO) e uma empresa de consultoria da Pensilvânia contribuíram para os planos de desenvolvimento local

O apoio estatal e federal para a revitalização urbana entrou na coligação para a revitalização da cidade: o Estado do Montana declarou Butte como uma área de património histórico e os dinheiros federais, contribuíram para preservação das estruturas históricas. Neste empreendimento entraram também a Comp.ª de Electricidade do Montana (ARCO) e a *Montana Standard*

As igrejas locais, sindicatos e ONGs (Heritage Park and Partners) também contribuíram para a revitalização do sector Uptown.

A criação da unidade do parque nacional, como uma área de património americano (*American Heritage Area*) e que inclui muita da paisagem mineira da região, seria administrada conjuntamente pelo Serviço Nacional de Parques e as autoridades administrativas da área. Nesta iniciativa, o investimento privado jogou um importante papel – o parque inclui uma experiência mineira, um centro de interpretação mineiro procurando deste modo atrair o turismo. Este é um parque temático, público-privado e com um enorme potencial turístico.

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Estimular a economia local a partir da memória colectiva cultural do lugar – redefinição de símbolos proeminentes, colocados em locais-chave da paisagem de Butte:

Os que reflectem a paisagem industrial (remodelação e recriação do cenário industrial):

Old Uptown Butte

Berkeley Pit

Os que reflectem a sobrevivência à crise e se afirmam numa paisagem pós-industrial (construídos de raiz):

Our Lady of the Rockies

U.S. High Altitude Sports Center
Wal-Mart

Dado o forte sentido de lugar de Butte, a imagem urbana torna-se uma actividade económica crucial e os significados da paisagem são usados para estimular o mercado

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Renascimento da cidade através da celebração do passado próspero ligado à actividade mineira, quer ao nível da memória colectiva, quer ao nível da própria paisagem.

A paisagem da produção torna-se a assinatura icónica da paisagem de consumo. Os velhos símbolos associados às minas surgem como os novos elementos visuais da paisagem celebrando a memória colectiva orgulhosa do passado, incluída nos nomes das ruas, de estabelecimentos comerciais, nos neons de publicidade, etc. – dualidade que procura afirmar-se na paisagem de Butte
Butte “Can do City”

ASPECTOS CRÍTICOS

Nem todos partilharam a parceria para a revitalização de Butte (sobretudo o sector Uptown). A EPA a quem competia o esforço de limpeza e descontaminação da paisagem, entrou em conflito com os conservacionistas históricos que não queriam que as escórias mineiras fossem transformadas em paisagens agradáveis e limpas.

Investigadores da Universidade do Montana dizem que a ideia do parque temático histórico favorece a típica versão “disneylana” do passado mineiro

O risco ambiental de longo prazo não desapareceu. Água tóxica continua nos poços artificiais e estes níveis aumentam lentamente. Não existe dinheiro suficiente para a descontaminação e as cerca de 6 empresas de alta tecnologia para a limpeza das águas freáticas que empregam um grande nº de locais vendem os metais, o que significa que esta paisagem é ainda uma enorme oportunidade económica como risco ambiental...

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (redevelopment project)

Procura de diversificação económica procurando desenvolver o turismo: o U.S. High Altitude Sports Center (1987) é um exemplo de que Butte pode ser uma atracção turística não apenas pela sua imagem/história mas também um símbolo de prosperidade para o futuro, sugerindo que as cidades devem procurar o seu nicho numa arena competitiva global e o centro de desportos (de inverno) representa essa resposta.

O cenário visual é marcado pelas sucessivas eras de capitalismo industrial, desindustrialização e industrialização de remediação. O tempo trás novos ciclos de investimento capitalista pós-industrial que cria novas imagens e recria as antigas.

O centro comercial e o pavilhão de desportos de inverno são resultado de alterações económicas típicas de qualquer cidade americana. A reconstrução da paisagem do centro histórico Uptown estimula a reestruturação económica ao encorajar o turismo e o consumo. Porém, a visão de futuro encetada e a esperança de um renascimento (que uniram interesses públicos e privados), apesar da ameaça da toxicidade ambiental latente, não podem ser compreendidas se separadas do sentido de local, da identidade colectiva dos residentes construídas com base na prosperidade perdida com a actividade mineira.

NOME DO ARTIGO

Gilding the smokestacks: the new symbolic representations of deindustrialised regions

CASO DE ESTUDO (áreas)

Sydney, Austrália

ESCALA

Urbana

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Área central industrial de Sydney (CIA, que compreende *Alexandria*, *South Sydney* e *Botany*)

USO INDUSTRIAL

O maior centro da indústria transformadora da região de Sydney

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

A partir da II Grande Guerra Mundial – a crise acentua-se nos anos 80: as empresas fecharam ou mudaram-se para outros locais. Processo lento.

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Perda de emprego maciça: área dominada pelo fecho de empresas, poluição, ruído, transporte pesado e habitação social alojando uma mistura de migrantes e autóctones. Solos baratos, acessibilidade e proximidade do aeroporto explicam os alojamentos de indivíduos de baixo rendimento

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não refere

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não refere

ACTORES DA RECONVERSÃO

Não refere

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Exclusividade, flexibilidade, diversidade, estilo e *design* inovador substituem a uniformidade, *standardização*, conveniência e outros atributos utilitários – estes são os atributos universais das novas formas de acumulação flexível. A "aparência" e o *design* arquitectónico, são aspectos centrais na produção destes espaços: a imagem *high-tech* sobrepõe-se ao *dirty business* e a criação do "natural" torna-se central tanto nos desenvolvimentos como nas formas construídas. Daí que a noção de ambiente "natural" esteja inserida no tecido urbano e a criação do elemento "natural" é tão central quanto o são as formas construídas. Por ex., em *Alexandria Park* "combinam-se os benefícios do ambiente, tecnologia e acessibilidade"

Em muitos dos textos publicitários e nas formas construídas emerge a noção de "masculinidade", criando uma imagética militarista de controle, eficiência e poder – apenas ao alcance de uma cultura masculina

A regeneração da *Central Industrial Area* implica uma nova noção de trabalho: associada ao *high-tech*, belo, limpo e agradável, substituindo o trabalho pesado e sujo dos operários do passado

"*Bound for Botany Bay with conviction - the costs are not criminal*"

"*Where is the best place to expose yourself between the airport and the city?*"

Alguns panfletos publicitários estão em japonês, o que reflecte o aumento de investimento estrangeiro no mercado imobiliário de Sydney

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Não refere

ASPECTOS CRÍTICOS

Não refere

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Não refere

NOME DO ARTIGO

Gilding the smokestacks: the new symbolic representations of deindustrialised regions

CASO DE ESTUDO (áreas)

Cidade de Wollongong, Austrália

ESCALA

Urbana/regional

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Região de Illawarra em Wollongong

USO INDUSTRIAL

Siderurgia (indústria do aço) e carvão; situação de quase mono-indústria (domínio da empresa BHP, *Broken Hill Proprietary*)

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Processo de recessão económica muito rápido

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Indústria alimentada pelos imigrantes, oriundos de diferentes lugares, muitos deles de outras comunidades de mineiros. Esta força de trabalho migrante veio para ficar
Num curto período de tempo regista-se uma perda de emprego masculino em larga escala - dada a imagem da cidade "down and out" a substituição dos empregos perdidos na BHP pressupunha uma actuação rápida

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Desolação, materiais partidos e abandonados nos terrenos

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Imagem de poluição generalizada

ACTORES DA RECONVERSÃO

Governo, planeadores, finança e sindicatos. Com a intervenção dos poderes públicos federais, estatais e do investimento do sector privado, em menos de 5 anos, 7 projectos públicos foram completados, 3 áreas de comércio expandiram-se, foram vendidos solos industriais e construídos novos edifícios resultantes de parcerias público-privadas e o turismo aumentou cinco vezes. Parte do processo de captação dos investimentos surge da estratégia do presidente da câmara, dos sindicatos e dos trabalhadores numa aliança activa tripartida para resolver a crise e acolhendo o apoio do governo federal

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Criação de mitos, identidades únicas e operações de cosmética invocando imagens culturais distintas
Códigos e símbolos visuais estruturam-se, captando ícones universais e simultaneamente referências regionais/locais
Aparências de excelência, ambientes tecnológicos, ambientes "naturais" românticos e masculinidades tradicionais são atractivos característicos destas operações de revitalização urbana

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Marketing agressivo dirigido para os "real" man, mais uma vez recriando o sentido de masculinidade e uma nova cultura de trabalho: o "estilo de vida" surge como um conceito central numa cidade onde dominava a imagem do carvão

Na reconstrução da imagem da cidade surgem invocações acerca do mundo "natural", especialmente aqueles que representam o mundo australiano para além dos que se apresentam como símbolos universais: praias luminosas, falésias imponentes, o nascer do sol no mar, a ausência de poluição...

A "diversidade étnica" é também celebrada, sobretudo no que respeita à alimentação

ASPECTOS CRÍTICOS

A rapidez com que avançou o *redevelopment project*, a velocidade da alteração da imagem, a crescente visibilidade de novos sítios industriais sugerem que a imagem revitalizada (*dourar as chaminés*) contribui para o sucesso económico, porém a sua extensão é ainda difícil de avaliar

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Não refere

NOME DO ARTIGO

Fougères, la reconversion économique d'une ville industrielle sinistrée

CASO DE ESTUDO (áreas)

Fougères, uma cidade média do Oeste da França (Bretanha)

ESCALA

Urbana/local

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Não explícita

USO INDUSTRIAL

Estrutura industrial envelhecida, centrada na monoespecialização dos curtumes e calçado

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

O início da crise remonta aos anos 30, mas é na década de 70 que se acentua

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Desindustrialização maciça consecutiva ao declínio da indústria do calçado com alteração da estrutura da população activa

Forte sindicalismo de raiz local

As indústrias intensivas em mão-de-obra e o carácter mono-industrial da cidade até aos finais dos anos 60 conferiu uma fragilidade perigosa

Desemprego decorrente dos sectores frágeis do couro e calçado sobretudo com a última crise do sector em 1975/76 (fecho e/ou deslocalização); instala-se o mito da "fatalidade", de um sinistro irremediável

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Nos finais do séc. XIX mais de metade da população trabalhava directamente na indústria do calçado: fábricas e *ateliers* disseminados no tecido urbano

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Imagem negativa: numerosos espaços industriais abandonados classificados como «zonas críticas», autênticos enclaves no tecido urbano

ACTORES DA RECONVERSÃO

Poderes públicos: procuram a diversificação da actividade industrial: a partir da década de 70, e pequenas unidades dinâmicas de material electrónico, eléctrico, móveis e vidro floresceram assim como cresceu o emprego no sector terciário (transportes e comércio retalhista)

Voluntarismo municipal

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Não refere

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Grande campanha de promoção lançada pelos poderes públicos autárquicos, conjuntamente com a Câmara do Comércio e da indústria, no sentido de criar confiança e quebrar o ciclo vicioso de depressão

Logotipo da campanha: um punho fechado fazendo uma sombra cuja forma é a península armoricana, conjuntamente com um slogan "à Fougères, on est comme çà!"

ASPECTOS CRÍTICOS

Em Fougères subsistem dois pontos negros: os salários médios são ainda relativamente baixos e o desemprego é ainda elevado (17,9% da população activa de Fougères)

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Melhoria dos equipamentos urbanos sobre o plano cultural: procurou-se explorar o seu património arquitectónico e industrial. Outros esforços de embelezamento dos bairros centrais da cidade, criando um ambiente urbano renovado

NOME DO ARTIGO

Réflexions sur les friches industrielles dans la région Nord – Pas-de-Calais

CASO DE ESTUDO (áreas)

Região Nord – Pas-de-Calais (França): cerca de 10 000ha de *friches* (baldios) industriais, cerca de 50% do total nacional

ESCALA

Regional

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Região Norte – Pas-de-Calais: localizações dos baldios industriais em meio urbano, em espaço periurbano, em meio rural e em zonas naturais

USO INDUSTRIAL

Indústrias de carvão, ferro, aço, têxteis e áreas portuárias

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Anos 60

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Os baldios industriais constituem uma "imagem de marca" da região, são uma "imagem de entrada", sobretudo do ponto de vista de quem percorre as auto-estradas. São também um *stock* valioso fundiário e podem funcionar como instrumentos da reconstrução regional

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Em resultado da crise da siderurgia, existem 8 234ha para 1 200 sítios recenseados

Apesar da quantidade de terrenos, os 4 arredores envolventes da bacia mineira reagrupam 75% do total regional

A diversidade e a incerteza quanto ao futuro dos baldios industriais criam a dificuldade de uma abordagem global aplicável ao conjunto da região:

- massas de betão abandonadas, fábricas de cimento, refinarias e outras indústrias químicas envelhecidas, depósitos de dragagens junto das vias navegáveis, vias-férricas desafectadas
- baldios onde os edifícios de todos os tipos são o elemento dominante e os baldios pouco construídos, mas registando a pesada herança industrial do sítio
- fenómenos de "baldio-rua" e "baldio-quarteirão" marcando a imagem das cidades

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Abandono, degradação, espaços estigmatizados com mais de 20 anos...

PROBLEMAS AMBIENTAIS

O caos da exploração e abandono da actividade mineira criou novas configurações espaciais "naturais"

As superfícies de baldios em áreas ditas naturais (56% do total – 5 000 ha) constituem um elemento essencial da reconstrução do ambiente natural regional. Por ex., nas bacias hulfíferas a imagem que fica é de planos de água negra donde emergem troncos descarnados de árvores mortas; ao fim de 20 anos a vegetação avança e temos um novo ambiente vivo, refúgio da fauna e flora

Os baldios industriais integrados em áreas urbanas (21%) requerem uma abordagem em termos de centralidade urbana

ACTORES DA RECONVERSÃO

O motor é o Estado e a Região (*IXème Plan État-Région* que é um contrato-programa particular para regenerar os baldios industriais); depois os promotores privados

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Conhecimento do historial dos sítios

Diagnóstico da poluição – estado dos solos, da água, *habitats* destruídos,...

Valor dos terrenos

Definição de objectivos de revitalização

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Grande projecto de transformação de um baldio industrial num ecossistema em *Lallaing*, junto de *Douai* de Alain Villain: "*mieux vivre en ville*". No coração do projecto esteve a construção de uma ETAR biológica para 15 000 habitantes, juntamente com um parque natural ornitológico, etc.

No centro de *Roubaix*, um conjunto de baldios do têxtil foi o suporte de uma operação de reconquista urbana e de renovação arquitectónica: o Euroteleporto, o Centro Nacional de Arquivos do Trabalho, a Zona de Telecomunicações Avançadas,...

Porto de *Dunkerque*: a parceria entre a administração da cidade e a administração do porto deu origem à Universidade e o projecto Neptuno revitaliza uma frente de água reconquistando o mar

ASPECTOS CRÍTICOS

Ritmo lento das reabilitações
Contraste entre as ambições e as realizações
Estratégia de conjunto frágil e parcial

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Reutilização de baldios: utilização imediata a preços competitivos e introdução de actividades no tecido urbano – importante no *Versant Nord-Est* da cidade de Lille

Reabilitação e valorização do património: dado o grande valor arquitectónico de certos edifícios e seu valor como símbolos da identidade local, na *Grande Bretagne* em memória do passado industrial, criam-se museus industriais e conservam-se os edifícios e dependências anexas (ex. mina de *Lewarde* junto a *Douai* e museu em *Caudry*) ou reabilitações de edifícios de objectivos múltiplos - como em *Lille* (no bairro de *Moulains*)

Novos usos do solo a partir da destruição completa dos usos anteriores – é particularmente frequente em baldios pequenos

Reabilitação e melhoria ambiental: implantação de um corredor verde ao longo do rio *Souchez* onde existia um baldio industrial devastado

Baldios e grandes projectos: oportunidade fundiária para a realização de grandes projectos aos quais se associam arquitectos e urbanistas de renome: ex., o ordenamento do baldio de *Lallaing*, junto de *Douai* de *Alain Villain*

Aposta nos grandes "baldios lineares" como base da infra-estrutura ecológica regional (corredores ecológicos) – utilizando o ambiente como um factor de desenvolvimento

NOME DO ARTIGO

La réhabilitation des anciens sites industriels: l'expérience wallonne

CASO DE ESTUDO (áreas)

Região de Valónia (Bélgica): bacia carbonífera que vai de *Tournai* a *Verviers* e articulado em torno dos vales de *Haine*, *Sambre* *Meuse* e *Vesdre*

ESCALA

Regional

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

2 000 sítios desafectados, representam 8 000 a 10 000ha; de entre estes sítios 520 correspondem à extracção de carvão

USO INDUSTRIAL

Extracção do carvão e siderurgias

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Anos 70

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Não refere

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Situações muito variáveis: baldios pertencentes ao sector público, outros aos privados

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Grandes superfícies de baldios industriais muito concentrados, com poucos edifícios reutilizáveis e solos exigindo tratamentos específicos; exigem trabalhos muito pesados e elevados investimentos

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não refere

ACTORES DA RECONVERSÃO

Nos casos mais complexos o maior dinamismo associa-se ao sector público; o sector privado nas situações mais simples e em certos casos, o sector associativo

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Não refere

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Não refere

ASPECTOS CRÍTICOS

Mesmo após 20 anos de acção, muitos baldios estão longe de ser reafectados

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Não refere

NOME DO ARTIGO

Un cas particulier de désindustrialisation: les villes à centrales électriques

CASO DE ESTUDO (áreas)

Centrais de produção eléctrica (térmica, hidráulica e nuclear) instaladas em cidades industriais por toda a França:

- Centrais antigas de potência fraca ou média: centrais *HBNPC de Beuvry* (12ha), *Mazingarbe* (4,25ha), *Lourches* (5,7ha), situadas nas bacias carboníferas de *Nord – Pas-de-Calais*
- Centrais mais recentes: *Ansereuilles* (72ha), *Bouchain* (?), junto a *Lille* (?)
- Centrais termonucleares: *Gravelines* (160ha) na área urbana de *Dunkerque*, *Cattenom* (325ha)

ESCALA

Nacional

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Em França, as centrais eléctricas têm localizações encravadas no tecido urbano, outras encontram-se instaladas na periferia e outras estão situadas no seio de grandes complexos urbano-industriais, donde são apenas um elemento. No caso de localizações junto de pequenas comunidades urbanas em espaços rurais, estas tornam-se dominadas, dependentes do ponto de vista do emprego e do monopólio fundiário e por isso a sua economia é extremamente frágil.

Por razões de segurança, consumo de grandes superfícies e necessidade de refrigeração, as centrais electrónicas localizam-se junto a grandes superfícies de água (por ex., *Gravelines* situa-se junto do mar).

USO INDUSTRIAL

Centrais (ou partes) de produção eléctrica

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

De 1950 – 1975 dá-se uma grande progressão na produção e no equipamento de centrais eléctricas. O fecho de centrais eléctricas: a partir dos finais da década de 70; processo que se acentua em meados dos anos 80.

Redução progressiva da produção de carvão, a concorrência do preço do fuel e do gás, a crise petrolífera e a aceleração do programa de equipamento electrónico são algumas razões técnicas e económicas que aceleram o fecho das centrais térmicas clássicas.

Na região *Nord – Pas-de-Calais*, o fecho das minas é um dos aspectos da desindustrialização e da dependência da produção eléctrica térmica EDF: esta tem o monopólio da distribuição e contratos com as *HBNPC*, logo, o desinteresse pelo combustível carvão, o fecho das centrais de carvão na região e a aposta nas centrais de energia nuclear no final dos anos 70.

Porém, em *Nord – Pas-de-Calais*, não tarda o Programa Nacional de Fecho das Centrais Térmicas EDF no início dos anos 80: 25 centrais (ou partes) distribuídas por 28 municípios: a *Electricité de France* (Electricidade de França) e as *Charbonnages de France* decidem acelerar o fecho de centrais eléctricas a partir dos anos 80.

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Como estas centrais surgiam como uma das principais empresas das comunidades o seu fecho associa-se a impactos significativos nas economias locais:

- O impacto sobre o emprego é directo e proporcional à capacidade de produção eléctrica da central
- Os impactos indirectos na economia local referem-se a todas as outras actividades e serviços induzidos (transportes, manutenção do parque imobiliário, etc.) que são afectados
- O impacto financeiro sobre o "emagrecimento" dos recursos locais é também assinalável

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

As características técnicas dos elementos que compõem uma central térmica (volumetria dos edifícios, reactores, chaminés, altos fornos, refinarias e torres de refrigeração, *ateliers* de mecânica e de manutenção) e todos os outros armazéns equipados com pontes rolantes, utensílios e máquinas, tornam os edifícios irrecuperáveis e devem ser destruídos; algum do material pode ser desmontado, reutilizado ou revendido.

Tal como para as siderurgias ou minas, o desmantelamento de estruturas pesadas é menos um problema técnico do que um problema financeiro, dados os custos da limpeza...

Como as empresas também se estendem ao domínio imobiliário, em função dos trabalhadores das centrais (técnicos, quadros, administrativos e operários) surgem em associação às centrais as habitações cujo peso no mercado imobiliário pode ser importante.

O problema da conversão e das estratégias possíveis para as centrais eléctricas coloca-se pela sua relativa brutalidade. Em particular, o caso das centrais nucleares, que chegam ao termo da sua actividade e as suas dimensões, a sua massa enorme e a radioactividade residual, colocam enormes entraves de conservação ou de destruição.

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Muitos problemas: sobretudo de ordenamento das escórias e das cinzas, limpeza de zonas de decantação das cinzas, radioactividade residual, etc.

ACTORES DA RECONVERSÃO

As próprias empresas de produção eléctrica procuram valorizar com fins comerciais o seu património desafectado, antes que os municípios afectados possam praticar uma verdadeira política de reconversão ou de adaptação. Auferem de muitas ajudas financeiras públicas (ex. fundos para a industrialização das regiões mineiras). As relações de força com a colectividade local são frequentemente desequilibradas; nalguns casos registam-se contratos-programa com o município.

Em certos casos, para contrariar o isolamento, ocorreu uma política de concertação entre os municípios afectados e a EDF, no sentido de procurar as ajudas específicas e a obter as melhores soluções.

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Não específica

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Não refere

ASPECTOS CRÍTICOS

Na maior parte dos casos, o baldio-central fica na posse do Estado, enquanto as HBNPC se sujeitam a um ordenamento paisagístico sumário ou a vendas em parcelas. A política das EDF tem aspectos análogos: propõe sítios que podem ser reutilizados; possui delegações para as implantações industriais; propõe ajudas técnicas, financeiras, competências, logísticas e administrativas às novas montagens industriais, através de empréstimos bonificados e subvenções, tendo também por objectivo criar novos clientes da EDF no seio da bacia de emprego em torno da central.

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Não específica

NOME DO ARTIGO

Reconstructing the Image of an Industrial City

CASO DE ESTUDO (áreas)

Cidade industrial de Syracuse, Estado de Nova Iorque, EUA

ESCALA

Urbana

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Centro da cidade, frente ribeirinha (lago Onondaga)

USO INDUSTRIAL

Cidade média industrial cuja uma base económica se baseava na indústria química e mais recentemente assistiu-se a uma maior diversificação: metalomecânica (bicicletas e máquinas de escrever)

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Início do declínio nos anos 70

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Desemprego industrial – perda de capacidade competitiva para atrair novos empregos e investimento

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não refere

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Legado de um passado industrial, a poluição concentra-se no lago Onondaga, onde ocorreram alguns desastres ecológicos

Associado aos usos domésticos, os produtos intermédios utilizados nos processos produtivos das indústrias químicas (sobretudo a *Solvay Process Company* e a *Allied Chemical Company*) bem como as necessidades de água e a deposição das águas residuais industriais, foram os principais responsáveis pela poluição do lago

ACTORES DA RECONVERSÃO

Os líderes industriais e as elites cívicas locais (simbiose público-privada) que procuraram atrair potenciais investidores através de pacotes atractivos e selectivos: Câmara do Comércio e Indústria (COC), a maior representante institucional dos interesses empresariais locais; o Comité para o Desenvolvimento Empresarial e Industrial (BID); o Município de Syracuse (*City Hall*); a Universidade de Syracuse; a Escola de Ciências Ambientais e Florestais da Universidade de Nova Iorque

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

O lago, como elemento central da imagem da cidade, símbolo da redefinição da identidade e cultura local e elemento de transformação vital para o desenvolvimento de Syracuse

Restaurar o domínio público do lago e atrair novas actividades, renegociar o contrato social entre a cidade e o lago, entre a cidade industrial e o seu ambiente físico: criar atmosferas de divertimento e dinamismo

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Adopção de um novo logotipo para a cidade: em primeiro plano um espelho de água e ao fundo a silhueta estilizada de uma Syracuse urbana (e não industrial)

Promover uma cidade pós-industrial: imagem positiva do Lago *Onondaga*, o coração, o elemento unificador da cidade com as suas amenidades visual e recreativa (e não como um bem para consumo industrial); o lago como o "espaço social" criador de festividade

O que se compra é o que se vê – o estilo que tornou o arquitecto bem sucedido – no caso do centro de convenções, a assinatura paisagística é autoria da famosa empresa de arquitectos de Nova Iorque: *Mitchell-Giurgola*. Neste sentido, dado o cenário de desindustrialização, temos a repetição em série de modelos bem sucedidos, estratégia que deixa as cidades do mundo capitalista sem outra opção: a competição com outras cidades. Reescrever o sentido da cidade, substituindo o discurso da modernidade e da industrialização (negativo) pelo pós-industrial e pós-moderno (positivo)

ASPECTOS CRÍTICOS

A reconstrução da cidade pós-industrial implica um forte envolvimento entre os sectores público e privado: as mudanças drásticas e rápidas na iconografia e na configuração espacial de uma cidade criam um clima instável; a cidade empresarial, juntamente com o capital privado, cria imagens urbanas pós-modernas: as referências ao presente bem sucedido sobrepondo-se ao passado industrial

A selectividade das ofertas deixa de lado questões sociais importantes como por exemplo, a habitação social, as oportunidades decrescentes para os antigos operários,...

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (redevelopment project)

Revitalização do tradicional CBD: o maior espaço de exposições construído na região correspondendo a um centro de convenções (*Onondaga County Convention Center*), um estádio desportivo (*MacArthur Stadium*), um centro comercial regional (*Carousel Mall*), duas praças residenciais e comerciais (*Armory* e *Franklin Squares*), parques culturais urbanos, um museu de ciência e tecnologia, um sistema de eléctrico rápido conectando os elementos do CBD, uma nova galeria comercial (*The Galleries*) e a reabilitação do mercado agrícola

O *Carousel Mall*, um complexo regional de divertimentos incluindo um centro comercial de arquitectura pós-moderna de vidro e mármore, junto do lago, envolveu também um ambicioso projecto da "Cidade do Petróleo" (*Oil City*) onde se incluem unidades residenciais, um parque industrial "light" um hotel, restaurantes e pequenos centros comerciais, uma marina, caminhos para bicicletas, ao longo do lago...

O *Onondaga County Convention Center*, da autoria de Kaiser, é uma peça clássica de arquitectura e representa a aspiração cívica da comunidade enquanto o *Carousel Mall* representa a visão privada da comunidade

NOME DO ARTIGO

The London Docklands: redevelopment schemes in the 1980's
London Docklands: an example of inner city renewal
London Docklands: a tourism perspective

CASO DE ESTUDO (áreas)

Docas de Londres (uma faixa de cerca de 20Km² nas margens do Tamisa, da *Tower Bridge* até *Barking Creek*)

ESCALA

Urbana/local

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

88 Km de frente ribeirinha: docas construídas em 4 penínsulas formadas pelos meandros do rio Tamisa, em *Wapping*, *Rotherhithe*, *The Isle of Dogs* e *Silvertown* e *North Woolwich*

USO INDUSTRIAL

Instalações portuárias: casas, fábricas e armazéns relacionados com a actividade portuária

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Anos 80

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

A área das docas enfrentava múltiplos problemas para potenciais projectos de desenvolvimento, já que o fecho das actividades quase nunca foi completado, estava associado a elevadas quantidades de água poluída e situações complexas de regime de propriedade

Perda de emprego para os trabalhadores das docas – fecho das docas e declínio industrial – problemas de habitação e problemas sociais

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Rede de transportes públicos pobre, estradas e passagens no rio congestionadas

A regeneração pressupõe uma administração complexa, já que envolve a intervenção das 5 freguesias (*boroughs*), o governo e o GLC (*Greater London Council*) onde se localizam as docas

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Área pobremente servida pelos transportes públicos, sem centros comerciais, habitação degradada e sem jardins, não existem parques públicos e o rio escondido entre o amontoado de armazéns e fábricas – um ambiente de abandono e decadência

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não há referências

ACTORES DA RECONVERSÃO

A primeira tentativa de desenvolvimento parte da *Docklands Study Team* que em 1971 realiza os primeiros estudos sobre o problema

Porém, os primeiros passos para a regeneração do local ocorrem em 1974 com a criação de uma equipa de trabalho para planear e coordenar o desenvolvimento das *Docklands*, designada por *Docklands Joint Committee* (DJC). Dela faziam parte elementos designados da Secretaria de Estado do Ambiente, dos *London Boroughs* (freguesias), do *Greater London Council*, da Autoridade do Porto de Londres e membros da população local e propunha uma acção de regeneração baseada no Plano Estratégico de Londres de 1976 (que já previa o fecho da maioria das docas num curto prazo). A abordagem da DGC colocava uma forte ênfase no envolvimento do sector público. Os problemas competitivos entre os *boroughs* e a falta de cooperação entre as instituições impediram que esta estratégia avançasse

Em 1981 pela mão de M. Thatcher, é criada a entidade que terá o controle total sobre o processo de regeneração das docas: a *London Docklands Development Corporation* (LDDC). Modelada segundo as linhas de uma *New Town Corporation*, a estratégia para as docas altera-se e concentra-se no estímulo ao sector privado para a regeneração urbana. A LDDC podia comprar e vender solos e providenciar melhorias infra-estruturais mas não podia ser a promotora dos projectos de desenvolvimento

O objectivo principal da LDDC era promover uma reconversão física, social e económica na área das *Docklands*, passando este organismo público a ter o controlo sobre todas as intervenções neste território

Mais recentemente a LDDC dividiu as docas em zonas alargadas de intervenção: *Wapping*, *Isle of Dogs* com a sua *Enterprise Zone* e *Royal Docks*, cada uma das quais com os seus atributos específicos

De entre os objectivos específicos da LDDC, destaca-se a manutenção da imagem de “docas”, como forma de identidade local, em memória da sua origem e funcionamento histórico e num processo de exploração das suas especificidades em termos concorrenciais com outras áreas da cidade

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Reconversão e demolição, procurando atrair indústrias de alta tecnologia para a *Enterprise Zone* e grupos profissionais jovens, alterando a composição social da região: a aposta baseia-se no princípio dos empreendimentos privado e no planeamento baseado no mercado

Providenciar solos para o desenvolvimento empresarial, da habitação e recreação; melhorar a acessibilidade através de ligações rápidas e eficientes à *City* (eléctrico rápido); abertura de um *STOLport* – *Short Take-off and Landing* em 1987, servindo para projectar as docas como das principais localizações para instalar os negócios na Europa

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

As docas, a porta de entrada para a Europa ("gateway to Europe")

ASPECTOS CRÍTICOS

A LDDC não promovia a participação popular e os conflitos com a oposição da população local aos projectos de desenvolvimento: a LDDC foi imposta pelo governo e não tinha objectivos de beneficiar no imediato a população local. O sector privado passou a dominar o mercado da habitação

A oposição da comunidade local foi de tal ordem que para a construção do novo aeroporto urbano para voos de curta distância (*STOLport* - *Short Take-off and Landing*) próximo de uma área residencial, foi muito dificultada e cuidados especiais tiveram que ser tomados no que diz respeito ao controle do ruído e da poluição aérea na construção e operação do aeroporto

Em 1983 surge uma proposta alternativa para o futuro das *Royal Docks*, orquestrada pelo *Newham Docklands Forum* e apoiada pelo GLC (*People's Plan for the Royal Docks*). Este plano denota uma iniciativa de desenvolvimento *from below* e evidencia uma abordagem e compromisso com a comunidade através de um "planeamento popular" como alternativa às iniciativas centralizadas que ignoraram as necessidades sociais

As críticas dirigem à abordagem de regeneração física da LDDC que privilegia o mercado e não atende aos desejos da população local

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Aeroporto, corredores marítimos, actividades de lazer ligadas à água, estádio desportivo

Restauração de património cultural: igrejas vitorianas, museu das docas, salas de ensaios para a Academia de música e aproveitamento do potencial turístico

NOME DO ARTIGO

Tentativas de Ordenación Ecológica de Terrenos Industriales

CASO DE ESTUDO (áreas)

Land da Renânia-Westfália: projectos do tipo Emscher Park no Norte do Ruhr (minas de carvão de Sachsen e de Castrop-Rauxel; revitalização da fábrica de aço de Voklinger entre outros projectos)

ESCALA

Regional (só o Ruhr conta com cerca de 8000ha de áreas abandonadas)

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Norte do Ruhr

USO INDUSTRIAL

Antigas minas, fábricas de coque, aço, e químicas

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

As extensas áreas abandonadas do Ruhr existem desde há mais de 60 anos

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Não refere

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Erosão funcional e ruína arquitectónica, terrenos industriais abandonados ou infra-estruturados, vias-férreas abandonadas, canais abandonados, edifícios inutilizados

Os edifícios com valor arquitectónico ficam sujeitos à protecção dos monumentos históricos

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Contaminação profunda de solos e dos cursos de água com substâncias perigosas

ACTORES DA RECONVERSÃO

Em 1986 o Governo do Land da Renânia-Westfália lança um concurso de urbanismo denominado “Uma Exposição Internacional Emscher Park” (IBA) com o objectivo de conseguir a renovação ecológica de uma região com tradição industrial e seleccionou, em 1990, um projecto modelo designado por “cidade ecológica do futuro” - foram seleccionadas pelo menos três cidades modelo. Em 1993, o Ministério Federal do Urbanismo lança um novo concurso regional relativo ao tema “ecologia urbana: terrenos industriais e artesanais” (ExWoSt)

O Land da Renânia-Westfália institui em 1980 o Fundo Imobiliário do Ruhr para reforçar a reutilização das áreas abandonadas, suportar as cargas não rentáveis para a compra, urbanização e viabilização dos terrenos. O fundo seria administrado pela Sociedade de Desenvolvimento do Land da Renânia-Westfália (LEG NRW). Em 1984 surge um fundo regional também aplicável a problemas de reabilitação em áreas industriais abandonadas

O IBA era gerido pelo governo local, a *Ruhr District Association of Communities* (KVR)

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Em 1988 a LEG NRW cria o conceito “trabalhar num parque”, fruto de uma política estrutural de urbanismo e de ecologia urbana

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Não especifica – apenas se sabe que em todos os casos relatados, houve concursos públicos aos quais concorreram inúmeros projectos, todos eles com uma forte componente ecológica

ASPECTOS CRÍTICOS

Não refere

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Castrop-Rauxel situada no nordeste do Ruhr é famosa pela extracção de carvão. A última mina de hulha *Erin*, fecha portas em 1983, o terreno com uma superfície aproximada de 40ha fica abandonado e encontra-se nas proximidades da cidade de Castrop. A LEG NRW estabelece um plano de reabilitação nascido de um projecto municipal de utilização do local e prevê para este espaço, empresas de serviços, indústrias e espaços verdes centrais onde a água desempenha um papel importante já que se situa próxima do principal canal do Ruhr: Emscher

O terreno de 20ha situado no noroeste do centro urbano de Colónia, abandonado pelos caminhos de ferro alemães (*Bundesbahn*) é vendido em 1984 e o projecto de aproveitamento do lugar prevê a criação de um centro *media* e de telemática, fortemente ligado à cidade. Desde o início se decidiu que as construções ocupariam apenas 50% da superfície disponível. Depois de lançado um concurso, ganha o projecto *media park* de Colónia: prevê uma concentração de edifícios industriais na parte oriental da zona em questão enquanto a parte ocidental é reservada

à criação de um lago, amplos espaços verdes e habitação. O projecto implica uma utilização racional de energia e de água, as vias de transporte são subterrâneas

A mina de carvão *Sachsen* em Hamm, uma cidade no Nordeste do Ruhr, a cerca de 40Km de Dortmund deixa para ordenamento urbano uma área abandonada com cerca de 50ha de terrenos industriais que será reconvertida num Eco-centro excepcional. O terreno seria utilizado como um centro de construção biológica e ecológica, onde se situariam actividades relacionadas com projectos de construção, compra e venda de materiais biológicos. A zona ocupada por empresas reparte-se por sectores distintos: a antiga sala de máquinas serviria de centro de informação e de formação contínua, os edifícios na parte Sul e Oeste contribuiriam para o desenvolvimento de novas técnicas ecológicas de construção. Haveria um campo de experiências bioquímicas no sentido de testar a reacção de plantas e solos contaminados. Para completar o conjunto de construções ecológicas, surgem instalações de energia eólica, energia solar, energia fotovoltaica e um dispositivo de tratamento das águas pluviais. O sector Norte deste centro ecológico será ocupado por espaços verdes, um biótoto húmido, constituindo um anel verde em redor do edificado

Völklingen, um centro tradicional da indústria do carvão e do aço. Desde os anos 70 as capacidades de produção baixaram e a perda de postos de trabalho é uma consequência imediata do fecho das fundições. Uma área de cerca de 60ha, situada no centro urbano e bloqueando o acesso da cidade ao rio foi seleccionada como projecto ExWoSt e ao PIC RESIDER. Os objectivos de recuperação previam um plano global de espaços verdes situados junto ao Sarre, entre as áreas industriais e os sectores residenciais, bem como, a recuperação de edifícios históricos (por exemplo, a sala de ventilação foi restaurada e transformada num café).

NOME DO ARTIGO

Brownfield Redevelopment versus Greenfield Development: a private sector perspective on the costs and risks associated with Brownfield Redevelopment in the Greater Toronto Area

CASO DE ESTUDO (áreas)

Grande Toronto, Ontário, Canadá

ESCALA

Metropolitana: a cidade de Toronto e as quatro municipalidades regionais envolventes: Durham, Halton, Peel e York

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Toronto, centro da cidade e subúrbios: Ataratiri; Gooderham & Warts; The Beach; King-West Village; Porto de Toronto; Helyar; Bramalea Business Park II; Helyar

USO INDUSTRIAL

Ataratiri: 1,1ha de propriedade industrial subutilizada localizada em Toronto, inicialmente utilizada por uma fábrica de gaseificação de carvão, solos altamente poluídos com metais pesados, dioxinas e hidrocarbonetos. Projectou-se a sua reutilização para um Centro *media* Olímpico;

Gooderham & Warts: 5,5ha de solo industrial anteriormente utilizado por uma fábrica de produção de “liquor”, local contaminado com PAH, metais pesados, hidrocarbonetos. Projectou-se o seu desenvolvimento com áreas residenciais e de comércio;

The Beach: 24ha ocupados por uma antiga pista de corridas automóveis, local contaminado com hidrocarbonetos, metais pesados e petróleo. Projectou-se o seu desenvolvimento com áreas residenciais e de comércio;

King-West Village: 5,3ha contaminados com hidrocarbonetos, metais pesados, benzeno e petróleo. Projectou-se o seu desenvolvimento com áreas residenciais;

Porto de Toronto: 405ha de solos levemente contaminados; projecto de reutilização para um parque industrial e de comércio;

Helyar: área destinada a um condomínio residencial;

Bramalea Business Park II: área com 2,5ha destinada a um desenvolvimento industrial;

Helyar: situado fora de Toronto, apenas há informação que é para uso industrial.

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Não refere

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Não refere

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não refere

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Em 1998 um estudo efectuado pela *Hemson Consulting* conclui que na cidade de Toronto existem 350ha de *brownfield* (antigos solos industriais desactivados)

ACTORES DA RECONVERSÃO

A responsabilidade da regulação sobre os *brownfield* no Canadá é das províncias e dos governos locais. Normalmente, o poder local utiliza uma abordagem onde as operações de limpeza e de desenvolvimento estão entregues ao sector privado enquanto o governo fica com um papel regulador e de aconselhamento. Em Ontário, o ministro do ambiente pode ordenar a remediação do *brownfield* através da lei de protecção ambiental, todavia, a avaliação e remediação dos *brownfield* é um processo amplamente voluntário, como definido pelo *Guia de Utilização de Sítios Contaminados em Ontário*. Este guia procede ao aconselhamento dos proprietários e outras partes interessadas – como avaliar as condições ambientais da propriedade e se a limpeza é necessária ou não,...

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Não refere

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Não refere

ASPECTOS CRÍTICOS

Os custos (demolições, avaliações e remediação) e os riscos (reflectidos através dos seus custos contingentes mais elevados) da regeneração de antigas áreas industriais abandonadas são superiores aos custos de desenvolvimento de áreas não poluídas, sobretudo se o projecto de desenvolvimento se destina a um uso residencial. O sector privado apenas se interessa pelo *brownfield* se for economicamente lucrativo o que coloca a questão da necessidade de intervenção governamental, o que no caso de Ontário não está previsto...

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (redevelopment project)

Ataratiri: reutilização para um Centro *media* Olímpico;

Gooderham & Warts: desenvolvimento com áreas residenciais e de comércio;

The Beach: desenvolvimento com áreas residenciais e de comércio;

King-West Village: desenvolvimento com áreas residenciais;

Porto de Toronto: reutilização para um parque industrial e de comércio;

Helyar: área destinada a um condomínio residencial;

Bramalea Business Park II: área destinada a um desenvolvimento industrial;

Helyar: para novo uso industrial

NOME DO ARTIGO

Embellishing Nature: the Case of the Salt Mountain Project of Cardona, Catalonia, Spain

CASO DE ESTUDO (áreas)

Minas de potássio em Cardona, Espanha

ESCALA

Local

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Região de Bages (uma das maiores regiões produtoras de potássio em Espanha e da Europa), no centro da Catalunha, mais especificamente na pequena cidade de Cardona a 100 km de Barcelona

USO INDUSTRIAL

Minas de sal de potássio, um dos componentes base dos fertilizantes: seu fecho e declínio laboral

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Até 1980 as minas da região eram operadas através de capital privado: a concessão de Suria pertencia à *Solvay* belga, *Sallent-Balsareny* à empresa espanhola *Cros* e Cardona à empresa espanhola *Rio Tinto*. Nos anos 80, numa sucessão de processos de crise e reestruturação, todas as actividades de extracção passaram a ser operadas por uma única empresa pública, a *Potasas del Llobregat*

Em 1990, por motivos de ordem interna e externa, ocorre o fecho das minas de Cardona

A espinha dorsal da economia local verifica-se ao longo do vale do rio Cardener, afluente do *Llobregat*

Centro extractivo, representando cerca de ¾ da produção espanhola deste minério

Bages é também uma região onde a indústria têxtil está bem representada, apesar do fecho de muitas fábricas e da perda de emprego associada ao declínio deste sector tradicional nas últimas décadas

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Perda de emprego directo relacionado com mão-de-obra especializada ligada às minas e também relacionado com um conjunto de pequenas empresas de comércio e serviços associadas à exploração mineira e declínio populacional em toda a região de Bages

Área repulsiva no território Catalão, devido à incapacidade dos seus municípios em captar investimento, derivada dos antigos espaços das minas capazes de absorver todos os tipos de resíduos

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Formando parte do conhecido "vale salino", o afloramento rochoso de sal situado a ocidente do rio Cardener conhecido por *Montanha de Sal de Cardona*, foi considerado, pela UNESCO, património natural. Esta formação geológica apresenta um conjunto colorido muito apreciado e no seu interior surgem formas escavadas surpreendentes. Porém, devido à exploração do potássio, duas enormes pilhas de cascalho residual acumularam-se junto da montanha de sal e contribuíram, de uma forma geral, para a sua degradação e conseqüente perda de interesse turístico

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não refere

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Degradação da paisagem e poluição dos rios; não foi feito um EIA ao local, o que se pode traduzir na criação de uma paisagem artificial e frágil

ACTORES DA RECONVERSÃO

Não é explícito, parece ter havido alguma iniciativa do sector privado...

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Recuperação da *Montanha de Sal* para fins turísticos (financiado pelo FEDER): no projecto inicial estava prevista a criação de uma área de lazer no vale bem como um *Museu do Sal* no interior da montanha. O redesenho deste projecto implicou a reabilitação dos antigos edifícios e dos antigos caminhos que conduziam à montanha (cerca de 1994)

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Relação diferente entre o mundo natural que emerge de uma alternativa ao declínio industrial: atracção turística baseada na herança industrial, mineira, legado histórico das comunidades locais

ASPECTOS CRÍTICOS

Não refere

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Alternativa de desenvolvimento – o projecto *Salt Mountain* - uma simbiose entre uma forma natural e a resultante da actividade económica, uma renovada experiência da natureza que procura enfatizar a estética e os valores culturais da região que no séc. XIX alimentaram o espírito romântico dos viajantes

NOME DO ARTIGO

Naples: *Urban Regeneration and Exclusion in the Italian South*

CASO DE ESTUDO (áreas)

Área Metropolitana de Nápoles

ESCALA

Metropolitana

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Não explicita

USO INDUSTRIAL

Indústria pesada: ferro e aço, grandes complexos industriais

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Até finais de 1980, Nápoles podia ser considerada a capital industrial da região da *Campania* e de todo o *Mezzogiorno* de Itália, porém, o declínio inicia-se na década de 70

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Desemprego extremamente elevado, resultante do processo de desindustrialização e de insuficiente desenvolvimento de um sector terciário moderno

Crescimento das taxas de desemprego, redução de todos os sectores industriais, com excepção das obras públicas como consequência de programas de iniciativa pública

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Não refere

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Não refere

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não refere

ACTORES DA RECONVERSÃO

Não refere

IMAGEM/ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

Não refere

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Não refere

ASPECTOS CRÍTICOS

Incapacidade das coligações políticas locais em produzir alternativas duradouras ao desemprego e em assegurar as infra-estruturas e serviços adequados, o que implicou o aumento dos custos de produção para as empresas, a distorção do mercado de trabalho devido à criação artificial de empregos no sector público e a presença de organizações de crime organizado

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (redevelopment project)

Não refere

NOME DO ARTIGO

Obsolescence and the process of creative reconstruction

CASO DE ESTUDO

Nottingham (Reino Unido). Vários exemplos de edifícios obsoletos que foram renovados e reconvertidos

ESCALA

Intervenções à escala do lote ou, no máximo, do quarteirão

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Centro da cidade

USO INICIAL

Os exemplos citados cobrem imóveis com usos iniciais diversos, incluindo edifícios de equipamentos, antigos edifícios de escritórios abandonados e velhos estabelecimentos industriais

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Anos 70

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

O centro de Nottingham, à semelhança do que sucede em muitas outras cidades, conheceu nos últimos decénios dinâmicas de abandono, decorrentes da deslocalização das actividades industriais e terciárias para novas localizações periféricas beneficiadas pela melhoria das acessibilidades. A suburbanização da população e, depois, a deslocalização de funções, veio acentuar o processo de desertificação do centro da cidade que assistiu correlativamente a uma degradação física do seu parque edificado

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

Tratam-se de pequenos lotes individuais pertencentes na maior parte dos casos a proprietários privados, e mais raramente — no caso dos equipamentos — ao sector público.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

Variável. Alguns edifícios intervenionados encontravam-se classificados (imóveis vitorianos e exemplares de arqueologia industrial)

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não são mencionados

ACTORES DA RECONVERSÃO

Empresas privadas do sector imobiliário associadas ao poder local, com apoio financeiro da administração central. Os projectos de reconversão foram conduzidos em todos os casos por empresas privadas do sector imobiliário que procuraram renovar e modernizar os edifícios, dotando-os de condições mais adequadas às novas exigências do mercado de escritórios. O poder local desempenhou um papel importante na criação de condições mais atractivas ao investimento privado, nomeadamente pelos melhoramentos que se introduziram nos espaços públicos. Poder local e privados puderam ainda recorrer aos fundos que a administração central do Reino Unido coloca à disposição de projectos de renovação urbana (*Urban Development Grant*)

METODOLOGIA E ELEMENTOS DOS PROJECTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (REDEVELOPMENT PROJECTS)

Os métodos utilizados nos projectos de renovação foram diversos. Houve casos de renovação integral dos imóveis mas a tendência geral consistiu em proceder à renovação dos interiores mantendo as fachadas, nomeadamente nos casos de imóveis classificados (*fachadismo*).

Os projectos definidos e implementados visaram a reconversão dos imóveis para escritórios e espaços comerciais

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Não há referência

ASPECTOS CRÍTICOS

Não são salientados

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Não há referência

NOME DO ARTIGO

Urban renewal: the scottish experience

CASO DE ESTUDO (áreas)

Glasgow Eastern Area (GEA)

ESCALA

Intervenção à escala do bairro (cerca de 4 000 acres e um total de aproximadamente 45 000 habitantes)

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Trata-se de uma área urbana marginal ao centro da cidade, mas muito central no contexto metropolitano

USO INICIAL

A GEA apresentava uma especialização tradicional na indústria pesada (siderurgia e metalomecânica) e na oferta de habitação para o proletariado industrial

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

Anos 70

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

A crise da indústria pesada nos anos 70 e o processo de reestruturação industrial subsequente colocou em marcha dinâmicas de desinvestimento com consequências na geração de desemprego e na desqualificação paisagística. Para além do surgimento de grandes pousios industriais e do abandono parcial de outras unidades afectadas por processos de racionalização da produção, acentuaram-se as tendências de perda de população nos bairros operários em consequência da perda de emprego

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

A estrutura industrial tradicional determina a existência de grandes lotes, à escala do quarteirão ou superiores, normalmente pertencentes a grandes empresas privadas do sector industrial. Há uma forte presença de habitação social, de propriedade do Estado ou de associações/cooperativas, mas alocadas a privados

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

São muito variáveis as características dos imóveis. No caso das grandes unidades industriais, muitas possuem especificidades construtivas e morfológicas associadas ao uso para que foram construídas. Não há referências a imóveis de especial interesse arquitectónico

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Aparentemente, sérios

ACTORES DA RECONVERSÃO

Autoridades públicas regionais (*Scottish Development Agency*) e locais, assim como associações, onde se combinam agentes públicos e sociedade civil

METODOLOGIA E ELEMENTOS DOS PROJECTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (REDEVELOPMENT PROJECTS)

O projecto concebido para a GEA visou em simultâneo relançar as bases da economia local, criando emprego, e captar população, invertendo a tendência de perda em curso. As autoridades públicas e as associações procuraram incentivar o aparecimento de investimentos privados, estimulando o surgimento de pequenas unidades industriais de sectores intensivos em tecnologia (*reindustrialização*) e de actividades de serviços. Com o intuito de tornar a área mais atractiva a investimentos privados, melhoraram-se as condições ambientais, a qualidade dos espaços públicos e o grau de dotação em infra-estruturas. Foi igualmente promovida nova habitação, tanto de promoção pública como privada, de qualidade em regra superior à inicialmente existente

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Não são referidos

ASPECTOS CRÍTICOS

Não são mencionados

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (*redevelopment project*)

Não são mencionados

NOME DO ARTIGO

Urban renewal: the scottish experience

CASO DE ESTUDO (áreas)

Glasgow City Centre (GCC)

ESCALA

Intra-urbana (bairro)

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (centro da cidade, frente ribeirinha, anel industrial, periferia, isolado)

Centro da cidade

USO INICIAL

As funções tradicionais associadas ao centro de Glasgow residiam na pequena indústria (têxtil, alimentar, etc.), comércio, nomeadamente comércio grossista (logística associada às tradicionais empresas transformadoras locais), serviços e equipamentos (com destaque para o mercado público, que ocupa um vasto quarteirão da área do centro da cidade intervencionada).

INÍCIO DO DECLÍNIO INDUSTRIAL

O declínio industrial terá começado em datas muito anteriores à crise dos anos 70, e com ela um lento mas progressivo agonizar do comércio grossista. Os últimos decénios viram reforçar as tendências de deslocalização de funções e de abandono, estendendo-as ao sector terciário

IMAGEM/PROBLEMAS SOCIAIS (à data do início da intervenção)

Desertificação do centro da cidade. Grande número de imóveis devolutos e obsolescência do parque edificado

CONDICIONANTES FUNDIÁRIAS (estrutura da propriedade, tipo de proprietário)

A estrutura da propriedade é caracterizada por uma forte pulverização, dominando os pequenos lotes de propriedade privada. Existem em todo o caso um número reduzido de grandes lotes de propriedade pública, associados a equipamentos e infra-estruturas (mercado público, antiga gare ferroviária)

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E ARQUITECTÓNICAS

O parque habitacional apresenta características arquitectónicas e construtivas diversas, havendo no entanto uma forte componente de edifícios com valor arquitectónico

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Não são mencionados

ACTORES DA RECONVERSÃO

Autoridades públicas regionais (*Scottish Development Agency*) e locais e privados

METODOLOGIA E ELEMENTOS DOS PROJECTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (REDEVELOPMENT PROJECTS)

A acção das autoridades centrou-se essencialmente na concepção da estratégia para o GCC e na reconversão dos grandes lotes originariamente afectos a equipamentos e infra-estruturas, onde foram criados grandes projectos que se pretendiam qualificadores e capazes de lançar as bases de uma nova imagem para o bairro. A iniciativa privada realizou investimentos difusos na renovação/recuperação e reconversão de edifícios isolados, recorrendo para o efeito, nomeadamente nos casos de edifícios de valor histórico-arquitectónico, ao *Historic Building Repair Grant*. A metodologia de intervenção no parque edificado incluiu operações de renovação integral, fachadismo e alguns casos de restauro estrutural

Os projectos de reconversão não visaram prioritariamente – tanto quanto é possível conhecer a partir da fonte usada – a habitação, mas a oferta de novos espaços para escritórios e áreas comerciais

CRIADORES DA ESTÉTICA URBANA/SLOGANS E CAMPANHAS DE MARKETING

Glasgow' Miles Better

ASPECTOS CRÍTICOS

Não são mencionados

ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL (redevelopment project)

Não são mencionados

**Anexo 2 – Síntese dos Programas das áreas elegíveis para o
Objectivo 2 / UE15 (Período 2000 - 2006)**

Anexo 2 – Síntese dos Programas das áreas elegíveis para o Objectivo 2 / UE15 (Período 2000 - 2006)

Regiões Objectivo 2	Eixos prioritários de acção	Algumas características das áreas elegíveis	Repartição financeira (Milhões Euros)		
			por eixos prioritários	por Fundos	ajudas públicas (CE+outros)
ALEMANHA					
Baden-Wurtemberg (Bade-Vurtemberg)	1- Desenvolvimento de infra-estruturas económicas; 2- Apoio às PME; 3- Reestruturação de bairros desfavorecidos.	Programa cobre uma população de 800 mil habitantes, compreendendo: i) áreas rurais - rápido declínio das explorações agrícolas e empresas industriais, taxa de desemprego superior à média regional, turismo e serviços em geral pouco desenvolvidos, e ii) bairros sensíveis de Mannheim - falta de emprego, declínio de competências, abandono de localizações industriais, imóveis e espaços públicos sub-utilizados, crescimento da criminalidade e dos riscos de exclusão social.	1- 152,147; 2 - 899,58; 3- 98,861; Assistência Técnica (AT)- 9,778; Total- 1160,366	FEDER - 97,769 (100%)	255,577 (22%)
Bremen (Brema: Bremen+Bremerhaven)	1- Diversificação da estrutura económica; 2- Consolidação do sector dos serviços; 3- Protecção ambiental e reordenamento local; 4- Zonas urbanas em dificuldade.	Programa cobre uma população de 344 mil habitantes (51% do Land), distribuídos pela área urbana de Bremerhaven e alguns bairros de Bremen. Taxa de desemprego de 20% (9,9% em média nos Lander da ex-RFA), situação de menor competitividade relativamente às restantes regiões, lenta transição para uma economia dos serviços e do conhecimento. Alguma indústria com capacidade exportadora (exportações atingiram 47,7% em 1998).	1- 122,542; 2- 143,912; 3- 66,455; 4- 16,976; AT- 4,774; Total- 354,659.	FEDER- 113,034 (100%)	226,067 (64%)

Hamburgo (St. Pauli)	1- Promoção de actividades e das bases económicas para preservação do emprego; desenvolvimento dos serviços, nomeadamente no domínio dos media.	Programa cobre a maior parte de St. Pauli, na região de Hamburgo-Centro, com cerca de 20 mil habitantes. Taxa de desemprego de 14,1%, rarefação do grupo etário 21-45 anos e rendimento médio baixo. 19,7% da população beneficiava de subsídios, resultado das reestruturações no sector industrial e actividades portuárias, insuficientemente compensadas pelo crescimento dos serviços.	1- 11,362; AT- 1,0022; Total- 12,384.	FEDER- 6,192 (100%)	12,384 (100%)
Hessen (zonas de Nordhessen e Mittelhessen)	1- Infra-estruturas ligadas às empresas; 2- Pomoção da inovação das empresas; 3- Promoção das empresas; 4- Turismo; 5- Zonas urbanas desfavorecidas.	As zonas Ojectivo 2 de Hessen contam com 607 mil habitantes, metade dos quais em áreas de transição. A taxa de desemprego atingiu 15,3% em 1998 (10,5% nas áreas de transição). A região de Kassel, dominada por uma indústria automóvel dependente de uma só grande empresa, regista a taxa de desemprego de 21,9%, a mais elevada de Hessen. A região também sofreu um significativo declínio no sector do turismo, decorrente, em particular, de mudanças nas políticas de Saúde com consequências nas estâncias termais.	1- 74,215; 2- 74,976; 3- 304,731; 4- 51,753; 5- 18,352; 6- 18,352; AT- 18,352; Total- 542,379.	FEDER- 183,519 (100%)	307,032 (57%)
Baviera	1- Completar infra-estruturas; 2- Criação de empregos duráveis em empresas competitivas; 3- Desenvolvimento da investigação, tecnologia, informação e competências; 4- Promoção do turismo e regeneração de estruturas urbanas e espaços rurais.	Na Baviera, o programa abrange as zonas ao longo da fronteira com a República Checa, determinadas áreas urbanas em Schweinfurt, Nuremberga e Furth e - até ao final de 2005 - algumas zonas rurais com atrasos de desenvolvimento.	1- 311,55; 2- 1438,494; 3- 127,883; 4- 103,485; 5- 205,754; AT- 13,716; Total- 2200,882.	FEDER- 475,804 (89%); FSE- 60,834 (11%)	1026,988 (47%)

<p>Baixa-Saxónia (Niedersachen: regiões de Braunschweig, Hannover, Weser-Ems e Luneburg)</p>	<p>1- Apoio à competitividade da economia, em particular às PME, investigação e desenvolvimento, tecnologia e sociedade de informação; 2- Apoio ao turismo e à cultura; 3- Apoio às acções locais e ao potencial de desenvolvimento da economia regional; 4- Zonas urbanas em dificuldade; 5- Infra-estruturas económicas.</p>	<p>O Norte da Baixa-Saxónia é menos industrial e menos povoado que o Sul. No entanto, a maior parte das PME encontra-se no Norte, que tem observado menor desemprego e um crescimento demográfico positivo. Economicamente, o Norte parece mais sólido, com um grande número de actividades orientadas para outros sectores que não apenas a indústria e um conjunto de destinos turísticos no litoral do Mar do Norte. O emprego industrial, considerando as duas áreas, é superior à média do Land, tal como a taxa de desemprego (14,8%). A actividade de algumas empresas da indústria electrotécnica e química, apoiadas no seu 'know-how', permitiu compensar o declínio de indústrias mais antigas, como a siderúrgica, mas encontram-se concentradas em áreas muito específicas.</p>	<p>1- 808,679; 2- 343,683; 3- 34,148; 4- 89,777; 5- 200,17; AT- 16; Total- 1492,457.</p>	<p>FEDER- 682,254 (93%); FSE- 51,699 (7%)</p>	<p>1441,786 (97%)</p>
<p>Renânia do Norte-Westphalia (cidades de Essen e Hagen, zonas de Hoster, Paderborn, Aix-la-Chapelle, Duren e Euskirchen)</p>	<p>1- Apoio financeiro às empresas, particularmente às mais jovens; 2- Inovação e desenvolvimento de competências; 3- Infra-estruturas ligadas à inovação; 4- Medidas a favor do emprego e da formação, direccionadas para grupos alvo desfavorecidos.</p>	<p>O Programa cobre cerca de 34% do território da Renânia do Norte-Westphalia, compreendendo 7,194 milhões de habitantes. O desemprego atinge os 14,3% (média regional 11,7%), com elevada componente de desemprego feminino e de desemprego de longa duração. A maior parte da mão-de-obra é qualificada, mas para as indústrias tradicionais e não para os novos sectores dos serviços e das telecomunicações. Apesar de uma boa infra-estrutura tecnológica, as empresas especializadas em I&D tendem a investir menos do que acontece no resto do país. As 14 áreas abrangidas pelo Programa possuem elevada densidade populacional, forte proporção de imigrantes, taxas de desemprego elevadas e apreciável número de pessoas dependentes da assistência social. Estas áreas, há muito que se caracterizavam pela presença da indústria pesada e uma forte taxa de urbanização, com consequências funestas para o ambiente (ar, água e solos). A região tem uma localização geográfica favorável e beneficia do facto de se encontrar servida por uma excelente rede de transportes e comunicações.</p>	<p>1- 1299,027; 2- 119484; 3- 880,307; 4- 197,863; AT- 26,586; Total- 3598,623</p>	<p>FEDER- 823,62 (85%); FSE- 146,741 (15%)</p>	<p>1995,398 (55%)</p>

Berlim Oeste	1- Promoção da competitividade, em particular das PME; 2- Medidas em favor das infra-estruturas (nomeadamente as ligadas à inovação e à investigação; 3- Protecção e melhoria do ambiente.	1- 776,841; 2- 267,149; 3- 118,857; AT- 16,342; Total- 1179,189	FEDER- 769,176 (65%); FSE- 140,324 (36,5%)	
Renânia-Palatinado (Rheinland-Pfalz: Oeste ex-RFA)	1- Infra-estruturas relativas às empresas e ao turismo; 2- Competitividade das empresas, do turismo e dos serviços; 3- Promoção do desenvolvimento tecnológico, da transferência de tecnologia e da sociedade da informação; 4- Ambiente e desenvolvimento duráveis; 5- Modernização do emprego com desenvolvimento dos recursos humanos.	Dos cerca de 4 milhões de habitantes da Renânia-Palatinado, 414 mil encontram-se nas áreas abrangidas pelo Programa. As mudanças estruturais provocaram perdas de emprego nas indústrias siderúrgica e metalomecânica, assim como nas do calçado e curtumes. Também a redução de pessoal militar (cerca de 100 mil) contribuiu significativamente para o aumento do desemprego. O crescimento de novas empresas, em particular no sector dos serviços, não foi suficiente para absorver as perdas de emprego entretanto verificadas e, em 1998, a taxa de desemprego atingia 13,7% nas áreas Objectivo 2, superior à média do Land em 4 pontos. O rendimento médio por habitante situa-se em 91% da média nacional.	1- 96,75; 2- 1148,34; 3- 98,86; 4- 29,3; 5- 25,877; AT- 3,8; Total- 1402,927	FEDER- 343,346 (25%); FSE- 11,8 (7%)

Sarre (Saarland)	1- Modernização das infra-estruturas; 2- Reconversão económica. Alternativas ao aço e ao carvão; 3- Qualidade de vida nas cidades; 4- Promoção das regiões.	Esta região do Sudoeste da Alemanha tem uma população de 1,1 milhões de habitantes, dos quais cerca de 526 mil estão em áreas Objectivo 2. A economia do Sarre foi dominada pela siderurgia e pelo carvão, até que a crise do aço nos anos 60 produziu as primeiras mudanças estruturais. Actualmente, a indústria está maioritariamente concentrada na fileira automóvel, na fabricação de meios de produção, na cerâmica e no agroalimentar. O sector dos serviços progrediu rapidamente e responde por 2/3 da população activa da região. O desemprego situa-se nos 12,6% e a proporção de trabalho feminino no conjunto dos activos (35%) é inferior à média nacional (41,1%).	1- 230,899; 2- 593,436; 3- 57,406; 4- 95,523; AT- 4,521; Total- 981,785	FEDER- 130,841 (76,5%); FSE- 40,248 (23,5%).	378,753 (39%)
Schleswig-Holstein	1- Modernização das capacidades de produção: tecnologia e inovação; 2- Reforço da competitividade das empresas, principalmente das PME; 3- Desenvolvimento local: urbano, formação profissional, ambiente, turismo e cultura; 4- Competitividade regional: infra-estruturas logísticas ao serviço da economia.	Dentro da região, as áreas Objectivo 2 abrangem uma população de 860 mil habitantes e cobrem o Noroeste (o 'Schleswig' e parte da cidade de Flensburg), o nordeste (o 'Ostholstein' e parte da cidade de Lubeck), assim como bairros de Kiel, a capital do Land. O distrito de Rendsburg-Eckernforde beneficia de uma assistência transitória até finais de 2005. Podem ser distinguidos três conjuntos geográficos diferenciados por problemas estruturais próprios: (i) uma área rural, de baixa densidade populacional e fortemente dependente das actividades agrícolas; (ii) áreas urbanas, tradicionalmente consagradas à construção naval e à metalomecânica, afectadas pelo desemprego de longa duração e pelo fenómeno da pauperização; (iii) áreas periféricas, confrontadas com dificuldades de reconversão no sector Primário e graves problemas estruturais nos restantes.	1- 149,531; 2- 460,996; 3- 164,006; 4- 41,762; AT- 14,812; Total- 831,107	FEDER- 221,747 (86%); FSE- 36,572 (14%)	503,680 (61%)
ÁUSTRIA					
Carinthia	1- Comércio, indústria e serviços ligados à produção, 2- Turismo e desenvolvimento regional; 3- Formação e indústria.	Região montanhosa ao Sul da Áustria, com capital em Klagenfurt, possui fronteiras com Itália e Eslovénia. Ao contrário do restante território da Áustria, a Carinthia tem um PIB/hab. inferior à média comunitária (89%). O crescimento económico tem sido débil e verifica-se um desemprego sazonal elevado. A taxa de desemprego é de 5,6% (média nacional: 4,7%). O sector dos serviços é responsável por 66% do PIB.	1- 304,952; 2- 73,663; 3- 7,97; AT- 2,619; Total- 457,257	FEDER- 81,393 (95%); FSE- 3,859 (5%)	117,171 (26%)

Baixa Áustria (Niederosterreich)	1- Mobilizar potencial local para o desenvolvimento regional, infra-estruturas das empresas e grandes projectos; 2- Desenvolver empresas/indústria, inovação/tecnologia; 3- Turismo e indústria dos lazeres.	A Baixa Áustria situa-se a Nordeste do país, a capital é Viena e tem fronteiras com a República Checa e a Eslováquia. A população elegível, ao abrigo do Programa Objectivo 2, é de 496 mil habitantes. Mais de metade da mão-de-obra emprega-se na indústria (37%), agricultura e silvicultura (15%), enquanto que o sector dos serviços se encontra sub-representado tendo em conta a média nacional. Apesar do valor do PIB/hab. corresponder a 97% da média comunitária, encontra-se apenas em sexto lugar no conjunto das regiões austríacas. A taxa de desemprego é superior à média nacional.	1- 229,466; 2- 498,982; 3- 142,901; AT- 4,128; Total- 875,777	FEDER- 177,167 (100%)	330,109 (38%)
Salzburg	1- Turismo e lazeres; 2- Indústria e serviços ligados à indústria; 3- Desenvolvimento regional intersectorial.	O Programa abrange cerca de 93 mil pessoas. Nas áreas rurais de Salzburg o PIB/hab. é de 91% da média austríaca. O sector dos serviços está dominado pelo turismo. O comércio, instituições financeiras e serviços à indústria estão sub-representados na região. A indústria da madeira, do mobiliário e da construção tem peso dominante na indústria transformadora. A taxa de desemprego é superior à média nacional, sendo as mulheres, os jovens e os imigrantes os mais afectados. O emprego sazonal tem maior relevância na região do que no resto do país. As principais debilidades destas áreas Objectivo 2 prendem-se com a falta de actividade de I&D e de serviços ligados às empresas.	1- 37,11; 2- 36,047; 3- 13,833; AT- 0,524; Total- 87,514	FEDER- 17,763 (100%)	25,259 (29%)
Estíria (Steiermark, no SE austríaco)	1- Sectores Secundário e Terciário; 2- Sociedade da informação; 3- Desenvolvimento regional integrado, turismo e cultura; 4- Emprego e recursos humanos.	Situada no Sudeste do país, a Estíria tem como capital Graz e estabelece fronteira com a Eslovénia. A população elegível, no âmbito do Objectivo 2, eleva-se a perto de 661 mil habitantes. Tem sido uma região caracteristicamente industrial. A reestruturação económica deu-se a partir do início dos anos 80, com a implantação de indústrias modernas, a criação de viveiros de empresas e o crescimento das actividades de I&D. Contudo, o PIB/hab. não ultrapassa os 91% da média comunitária. Cerca de 52% do emprego situa-se no secundário e 47% no Terciário (este valor é largamente inferior à média nacional). A taxa de desemprego é de 5%.	1- 744,859; 2- 277,461; 3- 63,184; 4- 48,559; AT- 4,907; Total- 1138,970	FEDER- 195,119 (91%); FSE- 20,348 (9%)	390,712 (34%)

Tirol	1- Apoiar as empresas, tornar a região mais atractiva; 2- turismo, lazer e qualidade de vida; 3- Soluções inovadoras para os problemas regionais e ambientais.	No Oeste austríaco e com capital em Innsbruck, o Tirol faz fronteira, a norte, com a Alemanha e, a sul, com a Itália. As disparidades entre a área metropolitana de Innsbruck e as áreas mais periféricas são bastante acentuadas. O programa Objectivo 2 atinge cerca de 204 mil pessoas. A economia regional é dominada pelo Terciário (63% do PIB), mas a Indústria mantém um peso assinalável (35%). A base económica é composta por PME (< 50 empregados), a taxa de desemprego é relativamente elevada (6,3%) e atinge sobretudo as mulheres e os mais jovens.	1- 117,404; 2- 82,284; 3- 19,151; AT- 1,608; Total- 220,447	FEDER- 44,689 (100%)	78,120 (35%)
Alta-Áustria	1- Infra-estruturas das empresas; 2- Desenvolvimento das empresas, da indústria, dos serviços e do turismo; 3-Desenvolvimento sustentável da economia regional.	A Alta-Áustria possui fronteira, a Norte, com a República Checa e, a Oeste, com a Alemanha. As áreas Objectivo 2 incluídas na região cobrem cerca de 302 mil habitantes. É uma das regiões austríacas mais dinâmicas, mas encerra fortes disparidades internas. O sector industrial continua a desempenhar papel importante na economia regional, tendo em conta que o dos serviços mantém algum atraso relativo. A agricultura emprega ainda um volume de mão-de-obra considerável (13%). A taxa de desemprego é baixa (3,2%), mas ocorre com valores bem mais elevados nas áreas mais rurais, ao longo da fronteira checa, onde se situam destinos turísticos tradicionais e antigas localizações industriais. A evolução, nos últimos anos, em termos de I&D e de transferência de tecnologia parece ser a base para as mudanças estruturais pretendidas.	1- 73,248; 2- 368,644; 3- 55,985; AT- 4,088; Total- 501,965	FEDER- 121,871 (100%)	134,664 (27%)

Viena (Brigittenau e Leopoldstadt)	1- Desenvolvimento da estrutura urbana local; 2- Apoio à competitividade das empresas como condição para a criação de empregos; 3- Apoio formação de recursos humanos e grupos desfavorecidos.	Brigittenau e de Leopoldstadt, nos arredores de Viena, contam com 60 mil habitantes, para um a área de aproximadamente 440 ha. Trata-se de áreas urbanas em dificuldade, caracterizadas pela forte densidade populacional, taxa de desemprego elevada (9,3% contra 7,8% em Viena, em 1999) e taxa de criminalidade superior à média regional. Estes subúrbios são compostos no essencial por dois grandes bairros habitacionais, separados por um grande espaço desocupado, pertencente à gare ferroviária, nos quais a população austríaca diminuiu e foi substituída por imigrantes que representam, actualmente, 38% dos residentes. Originários maioritariamente da ex-Jugoslávia e da Turquia, mas também do Leste europeu e do Magrebe, são em geral jovens operários especializados mal remunerados. A dinâmica económica e o investimento são muito débeis.	1- 14,626; 2- 22,787; 3- 9,399; AT- 0,723; Total; 47,535	FEDER- 13,376 (74%); FSE- 4,699 (26%)	38,390 (81%)
Vorarlberg (Oeste da Áustria)	1- Desenvolvimento durável das empresas; 2- Desenvolvimento da competitividade das regiões.	É a segunda mais pequena região austríaca, estabelece fronteiras com a Alemanha, Liechtenstein e Suíça, englobando nas áreas elegíveis do Objectivo 2 cerca de 52 mil pessoas. Tem uma economia regional sólida, mas com disparidades internas entre as áreas urbanas e os locais mais montanhosos e rurais. 40% dos activos encontram-se na indústria e 57% nos serviços. As zonas cobertas pelo Objectivo 2, com uma economia onde a empresas com 6 ou menos empregados possuem peso muito relevante, verificam problemas de grande atraso em matéria de I&D, de formação e não contam com qualquer estabelecimento do ensino superior. A taxa de desemprego (4,2%) é inferior à média nacional (4,8%).	1- 85,481; 2- 66,818; AT- 0,904; Total- 153,203	FEDER- 22,716 (100%)	29,471 (19%)

BÉLGICA

Flandres oriental	1- Desenvolver as iniciativas económicas e o emprego; 2- Melhorar as condições e a qualidade de vida nos centros urbanos e áreas rurais; 3- Promover o desenvolvimento do turismo.	Este programa abrange dois sectores distintos da Flandres Oriental: i) alguns bairros da cidade de Gand e ii) uma área rural, a norte de Gand, conhecida por "Meetjesland". O primeiro sector, que corresponde a uma coroa do Séc. XIX em torno do centro histórico de Gand, compreende 33 mil habitantes (total de Gand: 224 mil habitantes), com forte presença de jovens e imigrantes marroquinos ou turcos. Os serviços, privados e públicos, representam 70% do emprego e dominam a estrutura económica de Gand. Existem algumas grandes fábricas metalúrgicas e de montagem de automóveis. A taxa de desemprego atinge os 15,3% nas zonas urbanas Objectivo 2. Meetjesland é uma área de baixa densidade populacional, com cerca de 67 mil habitantes. Tem um sector agrícola e hortícola significativo e uma importante actividade industrial nos têxteis. A taxa de desemprego é de 5,9%.	1- 32,556; 2- 22,617; 3- 2,713; AT- 1,223; Total- 59,109	FEDER- 13,586 (100%)	45,569 (77%)
Limburg	1- Iniciativas de apoio às empresas e ao emprego; 2- Optimização das condições económicas de conjunto; 3- Desenvolvimento rural integrado de Hesbaye.	O programa dirige-se a uma antiga zona mineira, no distrito de Hasselt, assim como a região rural de Hesbaye, no distrito de Tongres. Ambas totalizam 253 mil habitantes (total de Limburg: 784 mil habitantes), com uma forte proporção de imigrantes. As PME asseguram 69% do emprego na indústria e serviços e mais de 90% na construção, comércio de retalho e indústria de mobiliário. No sector industrial, 77% da facturação realiza-se com o exterior, estando em primeiro lugar a montagem automóvel, seguida pelos minerais não-ferrosos. Nas áreas Objectivo 2, a taxa de desemprego eleva-se a 11,3% (8% em Limburg), sendo o desemprego feminino duas vezes mais elevado do que nos homens.	1- 133,218; 2- 78,534; 3- 23,2; AT- 5,53; Total- 240,482	FEDER- 82,07 (89%); FSE- 10,626 (11%)	211,720 (88%)

Flandres ocidental	1- Ajuda ao desenvolvimento do turismo; 2- Reforço das condições do contexto económico; 3- Promoção do desenvolvimento trans-setorial e melhoria da qualidade de vida na região; 4- Formação e mercado de emprego.	O Programa respeita à região "Kustgebied-Westhoek", na Flandres ocidental, com duas partes distintas, uma das quais se estende ao longo do litoral belga e pode ser caracterizada por uma elevada densidade populacional e uma economia centrada na pesca, com elevadas perdas no emprego, e no turismo. A parte não costeira - Westhoek - está sobretudo ligada à agricultura/horticultura, que sofre uma diminuição e envelhecimento das explorações, e ao turismo. A região abrange no total 87 mil habitantes (Flandres ocidental: 1,1 milhões de habitantes). Cerca de 84% do emprego assalariado está ligado aos serviços públicos e comerciais, concentrados nas duas principais cidades - Bruges e Ostende. Quanto ao turismo, ressentem-se da degradação das infra-estruturas e de uma ocupação de curta duração. O tecido industrial é maioritariamente composto por PME e a taxa de desemprego é superior à média flamenga (8,2% na área costeira e 7,5% para Westhoek).	1- 60,435; 2- 38,404; 3- 11,226; AT- 2,342; Total- 117,365.	FEDER- 30,533 (92%); FSE- 2,519 (8%)	103,645 (88%)
Bacia Meuse-Vesdre	1- Diversificação da base económica; 2- Sociedade da informação; 3- Reforçar a empregabilidade e a formação; 4- Consolidar a função internacional; 5- Promoção do desenvolvimento urbano sustentável.	O Programa abrange a bacia industrial Meuse-Vesdre que se estende por 1060 km, localizada a Este da Valónia, próximo das fronteiras holandesa, alemã e luxemburguesa. O núcleo central situa-se à volta de Liège, cuja área metropolitana possui importância internacional. A bacia totaliza cerca de 740 mil habitantes (22% da população da Valónia) e ocupa uma posição geográfica favorável na Europa do Noroeste, no coração do triângulo Londres-Paris-Berlim. A maior parte da estrutura económica está orientada para os serviços. Cerca de 70% das empresas privadas têm menos de 5 empregados. Para além da ocorrência de níveis relativamente importantes de precariedade e pobreza, a taxa de desemprego na província de Liège é de 13,2%, superior à média nacional (9,3%). Tanto a poluição como a criminalidade têm aumentado.	1- 284,702; 2- 68,914; 3- 46,356; 4- 82,846; 5- 74,938; AT- 4,214; Total- 561,970	FEDER- 132,743 (84%); FSE- 25,577 (16%)	362,761 (65%)

Antuérpia	1- Campine; 2- Nordeste de Antuérpia.	O Programa abrange as áreas mineiras do distrito de Turnouht (Campine) e os bairros nordeste da cidade de Antuérpia. No primeiro caso, a estrutura económica caracteriza-se por uma forte componente industrial (representa 42,5% do emprego), principalmente nas áreas da alimentação e bebidas, química, metalurgia e construção. A taxa de desemprego eleva-se a 10,6% (média flamenga: 7,6%). Por sua vez os bairros Objectivo 2 em Antuérpia são dominados pelo sector da alimentação, bebidas e tabaco, que produz 50% do valor acrescentado local e detém 405 dos empregos. A taxa de desemprego atinge 16,7%.	1- 75,294; 55,427; AT- 5,114; Total- 135,835.	FEDER- 41,591 (88%); FSE- 5,446 (12%)	128,552 (95%)
Bruxelas-Capital	1- Revitalização económica; 2- Quadro para um desenvolvimento urbano sustentado.	A área elegível, estruturada pelo eixo industrial do canal, integra 1- 88 antigos bairros operários, em processo de pauperização e de desestruturação urbana, repartidos por 7 comunas da região de Bruxelas-Capital, totalizando cerca de 146 mil habitantes. Desde 1989, que esta área é alvo de políticas públicas centradas na renovação da habitação e dos espaços públicos, complementadas por acções sociais ligadas à inserção profissional dos jovens desempregados.	1- 69,416; 2- 34,516; AT- 2,14; Total- 106,072	FEDER- 49,93 (100%)	101,426 (96%)
Namur (arredores de Dinant e Philippeville), Luxemburgo (arredores de Marche en Famenne, Neufchâteau e Bastogne) e comuna de Aubange	1- Incentivar e apoiar o desenvolvimento endógeno de actividades económicas; 2- Estruturar o espaço rural; 3- Investir nos recursos humanos.	Este programa abrange os suburbios de Dinant e Philippeville, na província de Namur, tal como os de Marche en Famenne, Neufchâteau e Bastogne, na província de Luxemburgo, e a comuna de Aubange, na fronteira com o Grande-Ducado do Luxemburgo, perto de Arlon. As áreas elegíveis nas províncias de Namur e do Luxemburgo são caracterizadas pelos seus contextos económicos agrícola e florestal, com cidades de pequena dimensão. Quanto a Aubange, distingue-se daquelas por se tratar de uma área urbanizada, com forte presença das actividades industriais. No plano económico, estas áreas têm uma posição desfavorável relativamente à situação nacional. A taxa de desemprego é elevada em Dinant e Philippeville (respectivamente 11% e 13,5%). Na parte luxemburguesa, tal como na comuna de Aubange, as taxas de desemprego, apesar de elevadas, são inferiores aos níveis nacional e da	1- 100,091; 2- 94,15; 3- 10,412; AT- 1,587.	FEDER- 52,999 (91%); FSE- 5,38 (9%).	145,421 (71%)

Valónia (7,1% em Bastogne, 8,5% em Marche en Famenne e 6,7% em Neufchâteau, contra 12,5% na Valónia e 8,9% na Bélgica).

DINAMARCA

Bornholm, Lolland, Flaster, Mon, Nordjylland, Arhus, Ringkobing, Sonderjylland e Sydfyn	1- Desenvolvimento regional ; 2- Desenvolvimento empresarial; 3- Desenvolvimento de competências.	As regiões elegíveis totalizam 538 mil habitantes e representam 10,2% da população dinamarquesa. A taxa de desemprego médio foi de 8,1% em 1999, para 5,8% de média nacional. Verificou-se um declínio da população na ordem dos 1,5%, entre 1985 e 1999, apesar de a nível nacional ter ocorrido um aumento da população. O emprego no sector Primário é superior à média nacional. O emprego nos Serviços, o rendimento por habitante, o crescimento do emprego e os níveis de educação situam-se todos abaixo da média nacional.	1- 200,173; 2- 281,222; 3- 117,556; AT- 18,067.	FEDER- 134,146 (71%); FSE- 54,854 (29%).	394,575 (64%)
--	---	---	---	--	---------------

ESPAÑA

La Rioja	<p>1- Melhoria da competitividade e do emprego e desenvolvimento do tecido produtivo; 2- Meio ambiente e recursos hídricos; 3- Sociedade do conhecimento (inovação, I&D, sociedade da informação); 4- Desenvolvimento das redes de transporte e de energia; 5- Desenvolvimento local e urbano.</p>	<p>La Rioja, uma das mais pequenas regiões de Espanha, conta apenas com 265 mil habitantes, dos quais 45% vivem na capital, Logroño, situação que pode caracterizar o marcado desequilíbrio na ocupação do território. Verifica-se uma diminuição da taxa de actividade da população (envelhecimento) e uma taxa de desemprego elevada (11,2%), mas inferior à média nacional. PIB p.c. é 11% inferior à média comunitária. A indústria é diversificada, com cinco sectores principais: agroalimentar, metalúrgico, calçado, têxtil e madeira. Preponderância de PME's, limitações na I&D. Infra-estruturas com carências de acessibilidades à Europa e aos principais centros económicos de Espanha; insuficiência de equipamentos de protecção ambiental.</p>	<p>1- 18,812; 2- 10,818; 3- 28,914; 4- 26,069; 5- 9,616; AT- 0,501.</p>	<p>FEDER- 40,562 (95%); FSE- 2,079 (5%).</p>	<p>94,730 (100%)</p>
Madrid	<p>1- Melhoria da competitividade e do emprego, desenvolvimento do tecido produtivo; 2- Meio ambiente, espaços naturais e recursos hídricos; 3- Sociedade do conhecimento (inovação, I&D, sociedade da informação); 4- desenvolvimento das redes de transporte e de energia; 5- desenvolvimento local e urbano.</p>	<p>A área subvencionada dentro da Comunidade de Madrid, corresponde a 24,6% da população da região (1,237 milhões de habitantes). Ainda que se trate de uma das regiões mais prósperas do país, observa importantes zonas de marginalização nos bairros do sul e em certos núcleos urbanos também da parte sul da Comunidade. Nestas áreas, a taxa de desemprego alcança os 23,29%, a rede de comunicações apresenta grandes carências, as zonas industriais deterioram-se e não se reestruturam, a envolvente urbana apresenta-se frequentemente degradada, o tecido produtivo não é internacionalizado, está fragmentado e pouco desenvolvido no plano tecnológico.</p>	<p>1- 191,535; 2- 19,863; 3- 383,4; 4- 81,235; 5- 117,398; AT- 1,958.</p>	<p>FEDER- 369,917 (94%); FSE- 25 (6%).</p>	<p>795,389 (100%)</p>

Aragão	1- Melhoria da competitividade e do emprego e desenvolvimento do tecido produtivo; 2- Meio ambiente, espaços naturais e recursos hídricos; 3- Sociedade do conhecimento (inovação, I&D, sociedade da informação); 4- desenvolvimento das redes de transporte e de energia; 5- desenvolvimento local e urbano.	A Comunidade Autónoma de Aragón, apesar do seu amplo espaço geográfico, tem apenas 1,183 milhões de habitantes e a ocupação do território caracteriza-se pela sua elevada concentração em Zaragoza (53% da população). O envelhecimento da população pode explicar a baixa taxa de actividade verificada (48%), sobretudo no caso das mulheres, e a taxa de desemprego de 11,4% é superior à média comunitária (10,1%). O PIB p.c. tem aumentado, mas continua inferior à média comunitária, e o sector industrial está marcado por uma forte dicotomia existente entre a multitude de PME's e a considerável influência de uma única grande empresa, a Opel Espanha. Parece existir um certo dinamismo económico baseado numa estratégia regional para a inovação, de modo a melhorar a competitividade. Também o turismo e o agroalimentar indiciam perspectivas positivas.	1- 101,949; 2- 94,668; 3- 213,029; 4- 38,014; 5- 176,056; AT- 5,587.	FEDER- 291,402 (95%); FSE- 14,861 (5%).	629,303 (100%)
Catalunha	1- Melhoria da competitividade e do emprego e desenvolvimento do tecido produtivo; 2- Meio ambiente, espaços naturais e recursos hídricos; 3- Sociedade do conhecimento (inovação, I&D, sociedade da informação); 4- desenvolvimento das redes de transporte e de energia; 5- desenvolvimento local e urbano.	Este território, habitado por cerca de 6 milhões de pessoas (15,4% do total nacional), gera 25% do valor acrescentado industrial do país. Contudo, é nos serviços que se encontra 60% da população activa. O tecido económico baseia-se nas PME's e o crescimento económico regional foi superior ao da média comunitária, tendo-se verificado alguma redução na taxa de desemprego. A região tem problemas ambientais importantes que resultam da sua tradição industrial e da crescente pressão turística sobre determinadas áreas.	1- 729,229; 2- 289,608; 3- 775,17; 4- 456,581; 5- 385,453; AT- 15,62.	FEDER- 978,628 (79%); FSE- 256,859 (21%).	2651,661 (100%)

Navarra	<p>1- Melhoria da competitividade e do emprego e desenvolvimento do tecido produtivo; 2- Meio ambiente, espaços naturais e recursos hídricos; 3- Sociedade do conhecimento (inovação, I&D, sociedade da informação); 4- desenvolvimento das redes de transporte e de energia; 5- desenvolvimento local e urbano.</p>	<p>Com pouco mais de meio milhão de habitantes e uma elevada concentração populacional em Pamplona, Navarra tem um dos PIB mais elevados do país, muito próximo da média comunitária. Com uma taxa de desemprego de 10%, esta comunidade autónoma está muito industrializada, mas fortemente dependente dos sectores tradicionais e pouco inovadores, como os da metalurgia e do agroalimentar, e de sectores onde predomina o capital estrangeiro, como é o caso do automóvel. Alguma debilidade do terciário (50% do PIB regional) poderá obter explicação na subexploração das potencialidades turísticas da comunidade.</p>	<p>1- 78,616; 2- 16,378; 3- 59,108; 4- 34,001; 5- 7,218; AT- 0,38.</p>	<p>FEDER- 90,591 (95%); FSE- 4,132 (5%).</p>	<p>195,701 (100%)</p>
País Basco	<p>1- Melhoria da competitividade e do emprego e desenvolvimento do tecido produtivo; 2- Meio ambiente, espaços naturais e recursos hídricos; 3- Sociedade do conhecimento (inovação, I&D, sociedade da informação); 4- desenvolvimento das redes de transporte e de energia; 5- desenvolvimento local e urbano.</p>	<p>De forte tradição industrial e com uma população de 2,1 milhões de habitantes, o País Basco tem as suas actividades industriais concentradas nas áreas de Bilbao e San Sebastián, ligadas principalmente a sectores tradicionais como os dos minerais e metais ferrosos, produtos não metálicos, papel e borracha. A ausência de actividades inovadoras e a reduzida dimensão média das empresas, explicam que a taxa de investimento em I&D seja claramente inferior à média comunitária. Verificam-se problemas de contaminação ambiental e carência de infra-estruturas.</p>	<p>1- 248,815; 2- 157,083; 3- 433,604; 4- 341,136; 5- 129,53; AT- 6,079.</p>	<p>FEDER- 558,855 (95%); FSE- 28,781 (5%).</p>	<p>1316,247 (100%).</p>

Baleares	<p>1- Melhoria da competitividade e do emprego e desenvolvimento do tecido produtivo; 2- Meio ambiente, espaços naturais e recursos hídricos; 3- Sociedade do conhecimento (inovação, I&D, sociedade da informação); 4- desenvolvimento das redes de transporte e de energia; 5- desenvolvimento local e urbano.</p>	<p>Os principais indicadores macroeconómicos do arquipélago das Baleares, com uma população de 760 mil habitantes, reflectem uma situação privilegiada no contexto nacional. De facto, o seu PIB é 19 % superior ao da média comunitária e a taxa de desemprego é de 5,73%. O turismo é o principal responsável por estas performances. No entanto, o crescimento do turismo conduziu a uma situação de grande dependência sectorial, sujeita às variações sazonais e a grande precariedade nas relações laborais.</p>	<p>1- 66,08; 2- 18,631; 3- 50,736; 4- 14,219; 5- 33,26; AT- 3,16.</p>	<p>FEDER- 86,225 (95%); 4,238 (5%).</p>	<p>186,086 (100%)</p>
FINLÂNDIA					
<p>Sul da Finlândia (Etelä-Suomen: Etelä-Karjalan, Kanta-Hämeen, Päijät-Hämeen, Kymenlaakson, Varsinais-Suomen, Uudenmaan e Itä-Uudenmaan)</p>	<p>1- Competitividade das empresas e ambiente empresarial; 2- Desenvolvimento das competências e dos recursos humanos; 3- Desenvolvimento das sub-regiões e das zonas urbanas, valorização das comunidades locais.</p>	<p>Este programa abrange 694 mil pessoas, 13,5% da população do país. Importantes mudanças estruturais nos anos 90, sobretudo na indústria, originaram o aumento do desemprego que, em 1999, atingia 11%. O sector dos serviços é o que tem gerado mais emprego, ocupando 60% da população activa. O PIB pc eleva-se a 98% da média da UE, mas as regiões meridionais da Finlândia têm problemas que colocam em causa o futuro das suas economias, relacionados com a emigração dos jovens, a educação e o desenvolvimento de competências.</p>	<p>1- 601,934; 2- 134,641; 3- 246,631; AT- 10,915.</p>	<p>FEDER- 173,82 (80%); FSE- 44,469 (20%).</p>	<p>545,895 (55%)</p>

<p>Finlandia Ocidental (Länsi-Suomen: Pohjanmaan, Etelä-Pohjanmaan, Keski-Pohjanmaan, Pohjois-Suomen, Satakunnan e Pirkanmaan)</p>	<p>1- Desenvolvimento das empresas e reestruturação económica; 2- Desenvolvimento de competências e das novas tecnologias; 3- Modernização das infra-estruturas e melhoria das condições de vida.</p>	<p>O conjunto das regiões da Finlandia Ocidental engloba 864 mil habitantes, 16,7% da população total. As mudanças dos anos 90 atingiram seriamente esta área, com particular gravidade no que respeita à produção industrial. A taxa de desemprego aumentou e situa-se nos 12%. A indústria ocupa 24% da força de trabalho e a agricultura tem aqui um relevo especial, considerando que representa 37% da mão-de-obra agrícola finlandesa. Declínio de certas indústrias, desemprego crónico, problemas sociais, emigração rural, são algumas das questões a enfrentar.</p>	<p>1- 646,08; 2- 379,854; 3- 266,386; AT- 14,328,</p>	<p>FEDER- 218,451 (77%); FSE- 65,7 (23%).</p>	<p>710,374 (54%)</p>
<p>Ilhas Åland</p>	<p>1- Desenvolvimento económico e ambiente.</p>	<p>Åland é uma província autónoma finlandesa, com a particularidade de ter como língua oficial o sueco, situada à entrada do golfo Botnie, entre a Finlandia e a Suécia. Trata-se de um arquipélago constituído por 6500 ilhas, dispersas por 6800 km², com uma população de 26 mil habitantes que povoam 65 ilhas. Contudo, 90% da população encontra-se na maior ilha do arquipélago, a Fasta Åland. Os problemas característicos da insularidade estão presentes. O sector público e as actividades do sector primários são os principais empregadores. A taxa de desemprego não é muito elevada (4%), devido aos fluxos migratórios para a Suécia e a Finlândia continental. Prevê-se que nos próximos 5 anos 20% do emprego no sector primário desapareça. A possibilidade de formação e de frequência do ensino superior na ilha é muito limitada.</p>	<p>1- 21,911; AT- 0,409.</p>	<p>FEDER- 4,56 (100%).</p>	<p>11,360 (51%).</p>

HOLANDA

Zonas Urbanas em dificuldade (11 zonas em 9 cidades)	1- Ambiente económico urbano; 2- Estimular a actividade económica; 3- Consolidação do potencial económico social.	Nas zonas elegíveis - Amsterdam (Bijlmer & Amstel, Groot-Oost), Rotterdam (Delfshaven, Feijenoord), Haia (Centrum-Zuid), Utrecht (Westflank), Enschede (Stedelijk hart), Arnhem (Kern), Nijmegen (Kanaalgebied), Eindhoven (StEw), Maastricht (Noord) - com cerca de 658 mil habitantes, a densidade populacional é elevada e as minorias étnicas estão fortemente representadas. Estas áreas foram seleccionadas segundo critérios de pobreza e de desemprego de longa duração. Registam valores de rendimento por habitante inferiores à média comunitária, não ultrapassando os 71%, quando a média holandesa é superior à que ocorre no conjunto da UE.	1- 333,517; 2- 162,253; 3- 77,513; 4- 14,673.	FEDER- 199,67 (100%)	547,253 (93%)
Este da Holanda	1- Ordenamento do território; 2- Estímulo da economia; 3- Coesão social.	O programa cobre as áreas rurais situadas nas províncias de Gueldre, Overijssel e Utrecht, nas quais o peso da agricultura na estrutura económica ainda é significativo. As zonas industriais de Twente e da região de Arnhem-Nijmegen beneficiarão igualmente do programa, mas em menor proporção. Cerca de 1,190 milhões de habitantes vivem nas áreas elegíveis.	1- 227,687; 2- 105,11; 3- 46,967.	FEDER- 141,56 (100%)	360,380 (92%)
Norte da Holanda	1- Consolidação do sector privado; Desenvolvimento dos centros urbanos; 3- Melhorar o funcionamento do mercado de trabalho.	Abrangendo três províncias do norte - Frise, Groningue e Drenthe - e uma população de 1,364 milhões de habitantes, com tradição nas indústrias tradicionais intensivas em mão-de-obra, este programa procura intervir numa estrutura económica com limitações, como são os casos da baixa concentração de PME's e de poucas iniciativas locais de emprego. Procura-se ultrapassar uma certa uniformidade da estrutura económica pela promoção de novos sectores, como as telecomunicações, a tecnologia médica e a biotecnologia, assim como pela concentração da actividade nas áreas centrais de modo a permitir economias de aglomeração e diversidade.	1- 910,285; 2- 181,115; 3- 136,7.	FEDER- 341,9 (100%)	874,110 (71%)
Sul da Holanda	1- Ordenamento do território; 2- Estímulo da economia; 3- Coesão social.	O programa cobre as zonas rurais situadas nas províncias de Brabant e de Limbourg, assim como da Flandre, abrangendo cerca de 1,470 milhões de habitantes. A estrutura económica sofreu profundas transformações nos últimos anos (as pequenas explorações desapareceram e o número das explorações em geral baixou 9%), com consequências na degradação das condições de vida.	1- 194,103; 2- 149,893; 3- 41,495.	FEDER- 139,87 (100%)	325,086 (82%)

FRANÇA						
Programa Nacional Informático	1- Investimentos imateriais ligados à informatização; 2- Investimentos materiais em equipamentos, licenças e postos de trabalho.	Este programa abrange o conjunto das regiões francesas objectivo 1 e 2. Destina-se a pôr a funcionar um instrumento de gestão informática único, de nome PRESAGE, em todas as regiões do país.	1-28,111; 2-5,44; AT-1,115.	FEDER-19,333 (100%)	34,666 (100%)	
Alsace	1- Promover acções que cubram o conjunto do território; 2- Apoiar iniciativas territoriais; 3- Desenvolver os recursos humanos; 4- Desenvolvimento rural (FEOGA).	A Alsácia é considerada, de acordo com os seus indicadores sócio-económicos, uma região próspera. Contudo, a região observa algumas disparidades, principalmente no que respeita aos territórios tocados por processos de reconversão industrial (noroeste da Alsácia, Sundgau e Mulhouse). A população abrangida pelo programa ronda os 450 mil habitantes.	1- 200,952; 2- 56,62; 3- 29,881; 4- 0,0 (FEOGA Garantia 16,284); AT- 6,09	FSE-12,089 (13%); FEDER-81,315 (87%)	191,948 (65%)	
Aquitaine	1- Favorecer a criação de empregos para o apoio à inovação e ao desenvolvimento das empresas; 2- Reforçar a competitividade do espaço regional; 3- Dinamizar os territórios e melhorar o quadro de vida; 4- Valorizar os recursos rurais (FEOGA).	Aquitaine é uma das maiores regiões de França, em superfície e em população (2,908 milhões de habitantes), com um PIB que se situa ao nível da média francesa. O facto de metade deste território estar abrangido por um programa Objectivo 2, é consequência das disparidades intra-regionais existentes, tanto nos rendimentos como no que respeita ao desenvolvimento.	1- 936,402; 2- 678,08; 3- 398,731; 4- 0,0 (FEOGA Garantia 82,264); AT- 23,412	FEDER-381,567 (84%); FSE-71,289 (16%)	1263,550 (62%)	

Auvergne	1- Modernização e adaptação dos recursos de Auvergne; 2- Abertura e divulgação da região; 3- Ambiente e solidariedade dos territórios; 4- Cooperação entre os territórios do Macisso central; 5- Desenvolvimento rural.	Trata-se de uma vasta zona montanhosa com uma população envelhecida e em perda. Tradicionalmente agrícola, a região enfrenta problemas de competitividade nesta área. A indústria ocupa 25% dos activos (Química e Metalurgia). Tanto o turismo como as biotecnologias e as novas tecnologias de informação e comunicação apresentam um crescimento promissor.	1- 551,22; 2- 356,796; 3- 298,383; 4- 37,258; 5- 0,0	FEDER- 253,332 (85%); FSE- (FEOGA) 46,232 (15%) Garantia 58,343; AT- 23,412	892,802 (71%)
Basse-Normandie	1- Favorecer o desenvolvimento económico, condição do crescimento e do emprego; 2- Estruturar o território para melhorar a competitividade regional; 3- Desenvolver a qualidade de vida e a solidariedade para uma coesão social e territorial equilibrada; 4- Desenvolvimento agrícola e rural (FEOGA).	A Baixa-Normandia é caracterizada por um crescimento demográfico mais lento que o resto do território nacional, mas também por ser um espaço rural dinâmico que emprega na agricultura 8,4% dos activos. O Agro-alimentar é o sector regionalmente mais importante, seguido da indústria eléctrica e electrónica e da construção automóvel. A região sofre problemas de baixa qualificação da mão-de-obra e de salários pouco elevados.	1- 329,674; 2- 396,449; 3- 237.563; 4- 0,0 (FEOGA) 40,320; AT- 12,906	FEDER- 220,253 (83%); FSE- 45,075 (17%) Garantia	783,477 (80%)

Bourgogne	<p>1- Reforçar o tecido económico numa perspectiva de desenvolvimento durável; 2- Acompanhar o crescimento e o desenvolvimento por uma gestão apropriada dos recursos humanos; 3- Compensar os "handicaps" das zonas urbanas em dificuldade; 4- Revitalizar as zonas rurais.</p>	<p>O programa abrange 58% dos 1,6 milhões de habitantes da Borgonha, em cujas áreas se verifica um crescimento demográfico negativo e o envelhecimento da população. O horizonte económico e social destas zonas tem como principais condicionantes e preocupações o esvaziamento dos polos tradicionais de emprego e a dificuldade de reconversão industrial. Apesar de constituir um apreciável potencial turístico, a região continua confrontada com o problema de um turismo essencialmente de passagem.</p>	<p>1- 530,052; 2- 105,28; 3- 105,556; 4- 0,0 (FEOGA Garantia 45,677); AT- 12,6</p>	<p>FEDER- 200,982 (86%); FSE- 32,69 (14%)</p>	<p>467,348 (62%)</p>
Bretagne	<p>1- Desenvolver e adaptar as competências de mulheres e homens; 2- Ordenar um território equilibrado e atractivo; 3- Melhorar a competitividade das empresas e adaptar a economia regional ao contexto mundial; 4- Plano de desenvolvimento rural regional.</p>	<p>Graças a um balanço migratório positivo, a população da Bretanha (2,902 milhões de habitantes) tem verificado um ligeiro crescimento demográfico. 64% da população e 70% do território encontram-se nas zonas elegíveis para o Objectivo 2, mas as bacias de Brest e Lorient, na costa atlântica, são as que têm maiores problemas em termos do emprego, bastante concentrado na agricultura e no sector agro-alimentar. No plano industrial, a Bretanha sofre o declínio de algumas indústrias, como a da defesa. Como aspectos positivos, contam-se a boa rede de transportes, o alto nível de I&D e a atractividade turística do território.</p>	<p>1- 161,595; 2- 364,95; 3- 567,902; 4- 0,0 (FEOGA Garantia 56,707); AT- 12,514</p>	<p>FEDER- 361,636 (90%); FSE- 42 (10%)</p>	<p>872,016 (79%)</p>

Centre	<p>1- Acompanhar a reconversão das actividades económicas e melhoria da competitividade; 2- Reforço da atractividade dos territórios; 3- Favorecer as condições de um desenvolvimento solidário e de qualidade; 4- Favorecer o desenvolvimento rural.</p>	<p>Enquanto que a parte setentrional da região Centro, com concentrações dinâmicas como Orléans, Chartres ou Tours, beneficie da proximidade de Paris, as suas franjas meridionais (30% da população da região) correm riscos de desintegração deste conjunto, como no caso das cidades de Bourges e Châteauroux, tal como das áreas rurais há muito tempo em recessão. A actividade industrial sofre as consequências da reestruturação de sectores como o do armamento e do automóvel, assim como do declínio pronunciado do vestuário e confecções. Ao nível do turismo, a posição do vale do Loire está consolidada, mas as potencialidades das zonas mais meridionais não estão aproveitadas.</p>	<p>1- 210,603; 2- 195,45; 3- 216,483; 4- 0,0 (FEOGA Garantia 27,727); AT- 11,936</p> <p>FEDER- 530,552 (84%); FSE- 32,6 (16%)</p>
Champagne-Ardenne	<p>1- Preparar o território para acolher novas actividades; 2- Apoiar a criação de actividades e de riqueza; 3- Estruturação de territórios urbanos e rurais; 4- Desenvolvimento agrícola e rural; 5- Protecção ambiental e prevenção dos riscos naturais;</p>	<p>A região conta com 1,340 milhões de habitantes e tem sofrido uma diminuição e envelhecimento da sua população. Trata-se de um território essencialmente rural e tem apenas dois núcleos urbanos com mais de 100 mil habitantes. A indústria agroalimentar e a agricultura constituem dois dos principais suportes económicos regionais. A indústria tradicional (têxtil e metalurgia) atravessam dificuldades e perdas de emprego, particularmente em Ardenne. Verifica-se um atraso substancial em termos de I&D, mas o potencial turístico e ambiental é excepcional. A taxa de desemprego atinge 10,4%.</p>	<p>1- 247,836; 2- 155,828; 3- 173,063; 4- 0,0 (FEOGA 12,173); 5- 46,971; AT- 11,6</p> <p>FEDER- 547,610 (86%); FSE- 29,2 (14%)</p>

Franche-Comté	<p>1- Apoiar o emprego pelo reforço do dinamismo e a diversificação das actividades produtivas; 2- Valorizar o ambiente e as condições de vida para os habitantes e as empresas; 3- Favorecer e acompanhar as políticas territoriais; 4- Suporte regional de apoio ao desenvolvimento rural.</p>	<p>A região contava com 1,097 milhões de habitantes em 1999, dos quais cerca de 545 mil integrados em 262 mil em zona transitória. A taxa de desemprego (7,7%) é inferior à média nacional, mas os jovens licenciados e as mulheres observam grande dificuldade na obtenção de trabalho. Esta taxa relativamente baixa deve-se, em boa parte, ao défice migratório que a região tem vindo a registar., desde os anos 70. A indústria sofre de falta de diversificação. Apenas duas empresas, a Alstom e a Peugeot, dominam a paisagem, ao lado de uma multitudine de PME's especializadas em sectores como o dos brinquedos ou da óptica. O peso das empresas em novos sectores como o da electrónica ou das telecomunicações é infimo. Há um certo equilíbrio espacial entre cidade/campo (42% da população reside em áreas rurais) e os bairros mais desfavorecidos não registam situações de crise. No entanto, a região não conta com uma metrópole estruturante. Parece existir uma certa falta de reconhecimento da região, com consequências no económico.</p>	<p>1- 243,349; 2- 178,204; 3- 138,272; 4- 0,0 (FEOGA 27,250); AT- 10,397. FEDER- 162,608 (88%); FSE- 21,204 (12%)</p>	<p>414,682 (73%)</p>
Haute-Normandie	<p>1- Diversificar a actividade económica e desenvolver as qualificações para o crescimento do emprego; 2- Reforçar a economia portuária e logística; 3- Promover um desenvolvimento urbano duradouro; 4- Favorecer a melhoria e a protecção do ambiente; 5- Consolidar a actividade agrícola.</p>	<p>A região pode caracterizar-se por um tecido industrial denso e fortemente dependente de grupos industriais sediados no exterior. As PME's que procedem às subcontratações (construção automóvel, química, aeronáutica) com essas firmas estão muito vulneráveis às variações das conjunturas. A actividade portuária, o comércio e o turismo são sectores importantes na economia regional. A taxa de desemprego atinge 13,1%. Cerca de 40% dos desempregados têm baixa qualificação. Há problemas de não-renovação de gerações na agricultura.</p>	<p>1- 425,753; 2- 317,6; 3- 137,989; 4- 75,792; 5- 0,0 (FEOGA 5,531); AT- 15,24 FEDER- 252,852 (82%); FSE- 54,483 (18%)</p>	<p>796,231 (82%9)</p>

Languedoc-Roussillon	<p>1- Intervir na criação de actividades e de emprego; 2- Reforçar a coesão económica e social favorecendo o equilíbrio dos territórios; 3- Velar pelo equilíbrio dos territórios interessando-se pelas problemáticas específicas das áreas em contraste; 4- Desenvolvimento rural.</p>	<p>A região assinala um crescimento demográfico notável e uma forte representação da população jovem. O potencial económico regional manifesta-se essencialmente pela importante presença das tecnologias de ponta e uma procura turística crescente. A produção agrícola de qualidade e a riqueza patrimonial dos espaços rurais constituem fontes suplementares de novas receitas. Apesar da elevada taxa de criação de empresas, a taxa de sobrevivência é muito fraca. O turismo é muito marcado pela sazonalidade e faltam as infra-estruturas de comunicação nas áreas rurais.</p>	<p>1- 544,371; 2- FEDER- 153,746; 3- 239,982 (89%); 4- 198,346; 5- 0,0 (FEOGA 45,731); AT- 14,026 FSE- 30,286 (11%)</p>	<p>634,250 (70%)</p>
Limousin	<p>1- Reforçar as condições de base do desenvolvimento regional; 2- Favorecer a criação de empregos e melhorar a competitividade das empresas; 3- Facilitar o desenvolvimento dos territórios e promover as iniciativas locais de cooperação; 4- Acompanhar o desenvolvimento das actividades agrícolas e rurais.</p>	<p>Limousin tem sido marcada, desde o início do Séc. XX, pela diminuição e envelhecimento da sua população. Verifica-se um acentuado desequilíbrio este-oeste, sendo a parte oriental a mais frágil. As empresas artesanais são predominantes e o tecido industrial é constituído essencialmente por PME's. A agricultura é o sector dominante, existindo uma certa especialização regional na produção bovina de qualidade. A oferta local ao nível tecnológico é fraca e o turismo ainda está pouco explorado.</p>	<p>1- 149,31; 2- FEDER- 329,534; 3- 117,483 (85%); 4- 104,29; 5- 0,0 (FEOGA 47,689); AT- 7,431 FSE- 20,078 (15%)</p>	<p>375,659 (64%)</p>

Lorraine	<p>1- Desenvolver as actividades com efeito multiplicador sobre o emprego; 2- Ordenar sustentadamente o território; 3- Apoiar as dinâmicas territoriais e reforçar a coesão social; 4- Desenvolvimento rural.</p>	<p>A Lorraine é caracterizada por uma economia em profunda mutação. Apesar da forte supressão de empregos, durante os últimos três decénios, a indústria ocupa 25% dos activos. De referir que está previsto o encerramento das explorações de hulha em 2005, implicando a perda de mais 8 mil postos de trabalho. A importante fileira da madeira ainda não recuperou da crise, após as tempestades de Dezembro de 1999. A agricultura ocupa 50% do território, mas com muito pouco relevo no VAB regional. O terciário ainda está pouco desenvolvido, mas tem graças a este sector que o emprego assalariado tem crescido. A taxa de desemprego situa-se nos 11%.</p>	<p>1- 457,665; 2- 209,248; 3- 144,822; 4- 0,0 (FEOGA 31,290); AT- 17,717</p> <p>FEDER- 336,281 (88%); FSE- 44,058 (12%)</p>	<p>760,677 (92%)</p>
Midi-Pyrénées	<p>1- Estruturar o espaço regional para a criação de actividades; 2- Promover projectos territoriais; 3- Inovar e desenvolver as empresas valorizando os recursos num contexto ambiental de qualidade; 4- Acompanhar o desenvolvimento rural; 5- Acções de acompanhamento para o desenvolvimento das áreas de montanha.</p>	<p>A região Midi-Pyrénées organiza-se em torno de dois maciços montanhosos: ao norte, o Macisso Central e ao sul, o Macisso dos Pirinéus. As áreas naturais e agrícolas cobrem 94% da região. A indústria ocupa 16% dos activos e está dominada pelos sectores da construção aeronáutica e espacial, electricidade e electrónica, têxtil e couro. A indústria agro-alimentar possui uma forte componente artesanal/familiar e produz essencialmente leite e carne. O turismo encontra-se em crescimento, na senda do sucesso do chamado turismo verde.</p>	<p>1- 419,616; 2- 377,372; 3- 610,177; 4-0,0 (FEOGA 91,572); 5- 15,55; AT- 26,858</p> <p>FEDER- 336,164 (83%); FSE- 68,602 (17%)</p>	<p>1202,758 (83%)</p>

Nord-Pas-de-Calais	<p>1- Promover o desenvolvimento económico ao serviço do emprego; 2- Construir as bases da coesão económica e social; 3- Promover iniciativas territoriais de desenvolvimento sustentável e solidário; 4- Diversificação da agricultura péri-urbana.</p>	<p>Este programa abrange 1,833 milhões de habitantes. A taxa de desemprego de 15%, com tendência para crescer, pode ilustrar a situação económica e social desfavorável da região, que tem vindo a sofrer um forte declínio industrial. Algumas das bacias de emprego encontram-se dependentes de empresas com um peso elevado de mão-de-obra não qualificada. Por outro lado, a criação de empresas em áreas de inovação é rara. O ambiente está marcado pelas sequelas do passado industrial e da pressão urbana actual. Existem, no entanto, alguns 'trunfos', como as bacias de emprego de Lille e de Roubaix-Tourcoing que reforçaram as suas vocações europeia e metropolitana em torno de polos de actividades criadoras de emprego. Quanto ao litoral, beneficia de um forte potencial de desenvolvimento relativamente às plataformas portuárias das indústrias, da ligação transmancha, do turismo e da transformação de produtos do mar.</p>	<p>1- 780,642; 2- 573,921; 3- 506,237; 4- 0,0 (FEOGA 0,833); AT- 17,359</p>	<p>FEDER- 520,212 (86%); FSE- 87,19 (14%)</p>	<p>1437,413 (77%)</p>
---------------------------	--	---	---	---	-----------------------

Pays de la Loire	<p>1- Inscrever uma agricultura multifuncional e de qualidade no desenvolvimento sustentável; 2- Melhor a atractividade do território pela valorização do ambiente, requalificação da áreas urbanas e rurais e difusão da cultura; 3- Melhorar as infra-estruturas para favorecer a criação de empregos; 4- Reforçar a competitividade das empresas industriais, comerciais, artesanais e dos serviços; 5- Favorecer a igualdade de oportunidades pela formação e inserção profissional.</p>	<p>Cerca de 2 milhões de pessoas, 61% da população da região, estão abrangidas por este programa. A região caracteriza-se por uma ampla área rural e um pólo económico dominante constituído pelo conjunto industrial de Nantes-Saint-Nazaire. Verifica-se um certo crescimento demográfico e a taxa de desemprego de 10,7% está próxima da média nacional. A economia regional está marcada por um vigoroso crescimento industrial., assente nos estaleiros navais, têxtil, calçado, electrónica, informática e material eléctrico. A agricultura e o agro-alimentar constituem dois sectores de peso e ocupam mais de 10% dos activos. Contudo, a situação periférica da região tem tido um efeito negativo e tem sido notória a falta de investimentos na área da I&D.</p>	<p>1- 0,0 (FEOGA 39,438); 2- 365,981; 3- 421,961; 4- 817,215; 5- 103,427; AT- 17,732</p>	<p>FEDER- 350,601 (87%); FSE- 50,689 (13%)</p>	<p>1321,772 (77%)</p>
-------------------------	--	---	--	--	-----------------------

Picardie	<p>1- Reabilitação urbana e social dos núcleos elegíveis de Oise; 2- Formação, inserção e igualdade de oportunidades; 3- Desenvolvimento económico e cultural; 4- Ambiente; 5- Reforçar a cooperação no seio dos territórios em torno de projectos estruturantes e colectivos; 6- Desenvolvimento rural.</p>	<p>42% da população, perto de 778 mil habitantes, reside nas áreas elegíveis para o Objectivo 2. A Picardie observa uma taxa de desemprego elevada (12,5%) e, apesar de ter uma população com uma faixa etária jovem bastante importante (28,7% com menos de 20anos), a mão-de-obra ainda apresenta indicadores de sub-qualificação. A indústria, preponderante na região, posiciona-se principalmente nos sectores tradicionais e encontra-se extremamente dependente de centros de decisão exteriores. O terciário está em progressão, sobretudo nas áreas das novas tecnologias, e o turismo tende a tirar proveito de um património natural, cultural e histórico particularmente bem preservado.</p>	<p>1- 25,215; 2- 94,188; 3- 692,718; 4- 63,51; 5- 234,907; 6- 0,0 (FEOGA 4,573); AT- 11,281</p>	<p>FEDER- 222,89 (88%); FSE- 31,399 (12%)</p>	<p>597,952 (53%)</p>
Poitou-Charentes	<p>1- Acompanhar o desenvolvimento das empresas; 2- Apoiar e valorizar os sectores estratégicos; 3- Reforçar a atratividade e a coesão dos territórios; 4- Desenvolvimento rural.</p>	<p>Metade da população de Poitou-Charentes, ou seja 819 mil habitantes, encontra-se no âmbito do Objectivo 2. A região caracteriza-se pela ausência de uma metrópole regional, assim como de uma polarização das actividades e da população nas zonas urbanas. Verifica-se uma taxa de desemprego superior à média nacional, sendo de assinalar a importância dos activos agrícolas e a sub-representação dos quadros e dos profissionais intelectuais.</p>	<p>1- 448,25; 2- 189,067; 3- 263,495; 4- 0,0 (FEOGA 45,999); AT- 14,235</p>	<p>FEDER- 229,841 (87%); FSE- 35,806 (13%)</p>	<p>683,917 (75%)</p>

Provence-Alpes-Côte d'Azur	<p>1- Apoiar projectos estruturantes para reforçar a projecção da região, 2- Favorecer o desenvolvimento das empresas ao serviço do emprego; 3- Garantir a coesão social e territorial; 4- Promover um desenvolvimento que respeite o ambiente; 5- Acompanhar o desenvolvimento rural.</p>	<p>A população abrangida pelo programa eleva-se a 1,327 milhões de habitantes, dos quais cerca de 410 mil se encontram em zonas de transição. O crescimento demográfico foi na ordem dos 5% nos anos 90 e o saldo migratório positivo. Mais de 40% do território é montanhoso e a faixa litoral, marcada por Marselha e Toulon, é fortemente urbanizada e engloba 73% da população elegível. O porto de Marselha é o mais importante de França e do Mediterrâneo e o terceiro da UE. À volta do Étang de Berre a actividade principal é a industrial - petroquímica, siderurgia e aeronáutica, enquanto que nos Alpes-de-Haute-Provence a característica principal relaciona-se com as excelentes condições naturais. O terciário representa 80% dos activos da região, mas a criação de postos de trabalho neste sector não compensa as perdas no primário e no secundário. A região é uma das mais afectadas do país pelo desemprego, com uma taxa de desemprego de 16% (22,3% em Marselha).</p>	<p>1- 444,332; 2- 407,356; 3- 304,314; 4- 69,148; 5- 0,0 (FEOGA); AT- 15,247</p>	<p>FEDER- 274,343 (89%); FSE- 33,082 (11%)</p>	<p>820,398 (66%)</p>
Rhône-Alpes	<p>1- Acompanhar o desenvolvimento local e a inovação; 2- Melhorar a atractividade do território; 3- Reforçar o dinamismo dos actores económicos para consolidar o tecido económico; 4- Reforçar o desenvolvimento rural.</p>	<p>A região Rhône-Alpes estabelece fronteiras com a Suíça e Itália. Em termos económicos e demográficos, é a segunda mais importante a nível nacional, depois da região parisiense. Perto de 1,7 milhões de habitantes, 33% da população total, estão abrangidos por este programa. A região beneficia da influência metropolitana de Lyon, assim como de importantes pólos de desenvolvimento como Saint-Étienne e Grenoble. A sua economia assenta numa indústria densa e diversificada e conta com numerosas PME's. A bacia industrial do Loire atravessa um processo de reconversão. As actividades ligadas ao terciário representam mais de 2/3 do emprego.</p>	<p>1- 126,896; 2- 880,044; 3- 368,707; 4- 0,0 (FEOGA); AT- 24,725</p>	<p>FEDER- 337,965 (83%); FSE- 71,176 (17%)</p>	<p>1049,432 (75%)</p>

Ile-de-France	1- Elaborar mecanismos para reforçar a capacidade local de agir; 2- Melhorar a atractividade para as empresas e pessoas; 3- Apoiar, reforçar e desenvolver o tecido económico e o emprego.	O território elegível representa 0,7% da superfície regional e corresponde a 476 mil habitantes, 4,3% da população total de Ile-de-France. Caracteriza-se por uma proporção elevada de alojamentos sociais (44%). Em termos económicos, a desindustrialização não foi compensada pela terciarização e a progressão das grandes superfícies comerciais fragilizou o comércio tradicional. Este facto acabou por influenciar o crescimento do desemprego, em especial nas mulheres e nas faixas etárias mais jovens.	1- 13,5; 2- 290,272; 3- 98,18; AT- 12,865	FEDER- 119,588 (84%); FSE- 22,727 (16%)	289,731 (70%)
----------------------	--	--	---	---	---------------

ITÁLIA

Emilia-Romagna	1- Apoio às empresas; 2- Programação negociada para o desenvolvimento local.	O Objectivo 2 engloba 130 municípios da região. A zona dos Apeninos caracteriza-se por debilidades estruturais importantes, pela especialização no sector primário e ocorrência de grandes fábricas de produtos químicos. Por sua vez a zona das planícies é fortemente industrializada. Todas têm um ponto em comum no plano ambiental: verifica-se um aumento da poluição, pouca produção eléctrica a partir de energias alternativas e sub-exploração de recursos renováveis.	1- 105,342; 2- 132,336; AT- 7,723	FEDER- 122,7 (100%)	245,401 (100%)
Friuli-Venezia Giulia	1- Competitividade e atractividade da região; 2- Expansão e competitividade das empresas; 3- Utilização e protecção dos recursos ambientais, naturais e culturais; 4- Reforço da economia e restabelecimento das condições sócio-económicas e de mercado nas áreas montanhosas	As áreas cobertas pelo Objectivo 2 correspondem a 58,6% do território e a 23,5% da população total. A região partilha fronteiras com a Eslovénia e a Áustria. Observa-se o abandono das actividades agrícolas, declínio industrial, sub-capitalização das empresas, limitações tecnológicas, serviços às empresas de baixa qualidade e problemas de infra-estruturas. O turismo tem dificuldades competitivas relativamente às regiões limítrofes da Eslovénia e Áustria.	1- 89,137; 2- 145,499; 3- 42,734; 4- 37,195; AT- 8,048	FEDER- 96,543 (100%)	321,809 (99,7%)

marginalizadas.

Umbria	1- Competitividade da economia regional; 2- Competitividade das empresas; 3- Protecção e valorização dos recursos naturais.	As zonas elegíveis constituem a quase totalidade do território regional, com excepção da comuna de Perugia. Os níveis de desenvolvimento são inferiores à média nacional. A fragmentação das unidades de produção local, a sua pequena dimensão e o declínio verificado no emprego, demonstram a necessidade de melhorar o desempenho regional em termos micro-económicos e aceder a apropriados serviços inovadores. 40% dos desempregados concentram-se em três centros urbanos: Perugia, Terni e Foligno.	1- 126,581; 2- 148,696; 3- 110,433; AT- 7,428	FEDER- 150,503 (100%)	372,251 (95%)
Liguria	1- Desenvolvimento e reforço das empresas; 2- Beneficiação do ambiente; 3- Valorização do território.	Este programa cobre as zonas costeiras, urbanas e interiores da região, onde se verificam maiores concentrações populacionais. São três, as principais actividades económicas: as ligadas ao tráfego portuário, o turismo e a indústria. O antigo modelo de desenvolvimento assentava na indústria de base e nas grandes empresas. A Liguria foi, assim, a primeira região italiana a ser confrontada com a recessão na indústria a partir dos anos 70. Em termos demográficos, as consequências reflectiram-se na perda de população.	1- 1368,76; 2- 117,42; 3- 571,707; AT- 7,132	FEDER- 193,093 (100%)	629,342 (30%)

Lombardia	1- Desenvolvimento da competitividade do sistema económico regional; 2- Requalificação do território; 3- Melhoria nos recursos naturais.	20% do território da Lombardia é elegível para o Objectivo 2. A situação económica desta região está marcada por uma forte presença industrial e um grande número de PME's. Contudo, o declínio industrial e os sinais de crise nos têxteis constituem pontos fracos da região. A taxa de desemprego é elevada, em especial nas mulheres e jovens. Apesar da riqueza das paisagens, o turismo não está suficientemente desenvolvido. Em termos ambientais, a situação hidrológica, do sol e do ar suscita preocupações.	1- 132.278; 2- 269,091; 3- 95,009; AT- 13,627	FEDER- 200,387 (100%)	510,005 (100%)
Provincia Autonoma de Bolzano	1- Valorização do património natural, ambiental e histórico-cultural; 2- Desenvolvimento das infra-estruturas; 3- Apoio ao desenvolvimento e à diversificação dos sistemas produtivos locais.	Apenas 18,4% da população total da região está abrangida pelo Objectivo 2. Os territórios elegíveis encontram-se situados a mais de 700 m de altitude e podem ser caracterizadas por uma diminuição progressiva da população, redução das actividades productivas e, cada vez mais, uma agricultura extensiva. A maioria dos activos trabalham no sector primário, enquanto que o secundário, constituído predominantemente por pequenas empresas, regride.	1- 14; 2- 36,023; 3- 14,808; AT- 1,507	FEDER- 32,419 (100%)	64,838 (98%)
Provincia Autonoma de Trento	1- Criar condições económicas para o desenvolvimento comercial e crescimento da produção das empresas; 2- Potenciar os recursos endógenos, locais e ambientais.	Das áreas cobertas pelo Objectivo 2, que abrangem 10% da população da região, 73% encontra-se entre 500 e 1000 m de altitude e cerca de 60% do território regional está ocupado por florestas. O crescimento demográfico tem tido uma tendência negativa. A economia de Trento é caracterizada pela fraca diversificação, falta de serviços inovadores, escarência de pessoal qualificado. O turismo assenta principalmente em estruturas pouco exigentes do ponto de vista financeiro, em alojamentos privados e residências secundárias.	1- 55,541; 2- 16,456; AT- 1,407.	FEDER- 16,878 (100%)	56,261 (77%)

Provincia Autonoma de Toscana	1- Desenvolvimento e reforço das PME's; 2- Melhoria das infra-estruturas; 3- Protecção ambiental.	Apesar dos trunfos e oportunidades de que dispõe, a Toscana sente claras dificuldades competitivas relativamente às regiões vizinhas. Os obstáculos são diversos: extrema fragmentação do sistema produtivo, sub-capitalização das empresas, especialização unicamente em sectores tradicionais, falta de actividades de inovação, infra-estrutura económica sub-equipada. Por outro lado, apesar do extraordinário património natural, a região está confrontada com graves problemas ambientais.	1- 492,319; 2- 443,54; 3- 183,811; AT- 13,9	FEDER- 322,492 (100%)	1127,412 (99%)
Valle d'Aosta	1- Modernização e diversificação da indústria.	A economia regional caracteriza-se pelo forte declínio do sector industrial, com grande peso da siderurgia, forte dependência do sector público, com dificuldade em inovar e em se direccionar para a exportação. O emprego no comércio e turismo, particularmente sensíveis às variações sazonais, tem vindo a diminuir. O ambiente sofre ameaças consideráveis, principalmente pela contaminação dos solos com ocupação industrial.	1- 42,752; AT- 0,231	FEDER- 16,079 (100%)	40,139 (93%)
Veneto	1- Reforço e desenvolvimento das empresas; 2- Infra-estruturas para melhoria da competitividade do sistema produtivo regional; 3- Turismo e valorização do património cultural e ambiental da região; 4- Território e ambiente.	A região é complexa e está marcada pelo contraste entre uma base industrial reconhecidamente competitiva e as áreas montanhosas confrontadas com importantes problemas de desenvolvimento rural. A estrutura económica, sobretudo da planície central, é caracterizada por uma rede de PME's, exportadoras, com capacidade financeira e espírito empresarial. A reconversão de certas áreas industriais tem avançado. O sector primário parece consolidado e existe uma grande variedade de actividades turísticas. Registam-se melhorias na qualidade ambiental.	1- 1169,151; 2- 187,793; 3- 300,202; 4- 103,222; AT- 2,289	FEDER- 286,065 (100%)	572,129 (32%)

Lazio	1- Valorização do ambiente; 2- Reforço das redes materiais e imateriais; 3- Modernização das estruturas locais; 4- Melhoria da competitividade das empresas.	45% da superfície total da região está coberta pelo Objectivo 2. Roma, onde se concentra a maior parte da população da região, constitui o principal centro de atracção e o sistema económico está orientado para o mercado nacional. Verifica-se, no sector industrial, uma estrutura de produção composta de empresas de dimensão muito pequena. ao mesmo tempo, os serviços, a administração pública e o turismo constituem os pontos mais fortes da economia regional. Tornam-se necessárias medidas de protecção ambiental.	1- 98,513; 2- 266,169; 3- 325,659, 4- 212,507; AT- 15,269	FEDER- 371,523 (100%)	845,474 (92%)
Piemonte	1- Internacionalização; 2- Qualificação e apoio às empresas; 3- Desenvolvimento local e valorização do território; 4- Coesão social.	A região confronta-se com um decréscimo da população, um importante fenómeno de desurbanização e um processo de desindustrialização, apesar da utilização intensiva dos recursos regionais. A região possui um assinalável potencial tecnológico e científico.	1- 122,05; 2- 602,934; 3- 422,25; 4- 98,6; AT- 6,599	FEDER- 488,6 (100%)	1111,183 (89%)
Abruzzo	1- Competitividade do sistema regional; 2- Competitividade e desenvolvimento das empresas; 3- Protecção e valorização dos recursos ambientais e culturais.	A maior parte das áreas não-costeiras da região são elegíveis para o Objectivo 2. Caracterizam-se por estruturas produtivas pouco competitivas, falta de infra-estruturas e de uma rede de serviços. Verifica-se uma tendência demográfica desfavorável e diminuição do emprego. A região tem importantes recursos naturais e paisagísticos.	1- 249; 2- 349,25; 3- 285,667; AT- 8,872	FEDER- 185,436 (100%)	484,813 (54%)
Marche	1- Desenvolvimento e reforço do sistema produtivo; Protecção ambiental e revalorização do território; 3- Diversificação económica e valorização das potencialidades locais.	Na maior parte do território regional, apesar de algumas diferenças, verificam-se problemas de desenvolvimento em áreas rurais. O sector industrial, intensivo em mão-de-obra, apesar de contar com grande quantidade de pequenas empresas está perante um período de crise no têxtil e vestuário. O sector terciário não está desenvolvido e o turismo é sazonal, de curta duração, com instalações hoteleiras de baixa gama. O ambiente enfrenta problemas relacionados nomeadamente com carência de infra-estruturas.	1- 120,565; 2- 127,822; 3- 64,985; AT- 4,85	FEDER- 125,283 (100%)	250,566 (79%)

LUXEMBURGO

Luxemburgo	sem informação			41 (100%)
REINO-UNIDO				
East Midlands	1- Empresas e inovação; 2- Ambiente favorável ao investimento - oportunidades de desenvolvimento estratégico; 3- Desenvolvimento local sustentável.	A população sob acção do Objectivo 2 eleva-se a 1,459 milhões de habitantes, numa região composta por áreas urbanas, rurais e de extracção de carvão. A economia está centrada em torno de 4 actividades principais. As áreas rurais dependem da agricultura e do turismo, sectores mal remunerados e de pouca qualificação. As bacias hulhíferas continuam ligadas à indústria do carvão, apesar da redução drástica no emprego durante os anos 90. Actualmente, é a indústria têxtil que domina a economia, empregando 25% dos activos das áreas urbanas, não obstante serem os serviços que preponderam em termos de emprego. Há graves problemas de exclusão social e uma taxa de criminalidade elevada. Verificam-se situações críticas ao nível ambiental, em particular nas zonas de industrialização antiga.	1- 436,774; 2- 451,628; 3- 101,286; AT- 6,765	FEDER- 876,230 (88%); FSE- 343,017 (91%); 33,513 (9%)
East of Scotland	1- Desenvolvimento económico estratégico; 2- e sectores estratégicos; 3- Desenvolvimento económico local.	A população elegível neste programa atinge 550 mil habitantes. A região sofre problemas de reestruturação nos sectores industriais tradicionais. No sul, a paisagem económica está dominada pelo carvão, indústrias de defesa, metalomecânica e petroquímica. No norte, a crise na agricultura e nas pescas, assim como a diminuição do turismo, têm criado dificuldades económicas e uma certa decadência de centros urbanos como Dundee e Falkirk. Todavia, é visível a crescente prosperidade de Endibourg em sectores como os dos serviços financeiros, biotecnologia e semi-condutores.	1- 227,18; 2- 281,443; 3- 130,8; AT- 11	FEDER- 579,303 (89%); 250,54 (100%)

East Wales	1- Desenvolver PME's competitivas; 2- Desenvolvimento rural sustentável; 3- Regeneração da comunidade urbana.	Cerca de 600 mil pessoas ficam abrangidas por este programa. A economia regional é diversificada e relativamente próspera, apesar de em certas áreas ter performances inferiores à média britânica. A situação estratégica da região, próxima do corredor M4, das Midlands e do Noroeste de Inglaterra, também a tornam uma excelente candidata a investimentos estrangeiros. No entanto, as áreas rurais ainda se encontram muito dependentes de uma agricultura em perda. As áreas urbanas sofrem os problemas das crises do sector mineiro e de outras indústrias tradicionais. Em geral, a região tem problemas quanto à baixa qualificação da mão-de-obra e ao lento crescimento da economia.	1- 195,273; 2- 46,095; 3- 54,642; AT- 7,254	FEDER- 121.12 (100%)	213,906 (71%)
East of England	1- Formação, crescimento e desenvolvimento das PME's; 2- Lugares, sectores e centros estratégicos; 3- Regeneração da economia local.	A população elegível atinge perto de 470 mil habitantes (151 mil em zonas de transição). A região conta com uma indústria particularmente competitiva, assim como um certo número de empresas especializadas na área das tecnologias de ponta. A região beneficia de uma situação geográfica privilegiada (perto de Londres, fácil acesso à Europa continental), da presença de várias universidades, de um património cultural assinalável. Porém, a região tem um PIB p.c. fraco, o nível de investimentos e o crescimento económicos são irregulares. Verificam-se problemas ambientais graves, sobretudo nas áreas urbanas, dificuldades na rede de transportes e lacunas em termos de formação e qualificação da mão-de-obra.	1- 134,404; 2- 195,188; 3- 90.004; AT- 3,854	FEDER- 142,466 (91%); FSE- 13,854 (9%)	378,557 (89%)
London	1- Desenvolvimento económico local; 2- Desenvolvimento das empresas e competitividade; 3- Infra-estruturas e ambiente.	Este programa abrange aproximadamente 853 mil pessoas, mais 36 mil em regime transitório. A rápida queda de várias indústrias provocou desequilíbrios económicos importantes na região de Londres. A taxa de desemprego subiu aos 22% em certas áreas e as zonas elegíveis para o Objectivo 2 fazem parte das mais desfavorecidas do país, segundo os diferentes índices de pobreza. Apesar de constituir um dos centros financeiros do mundo, Londres é uma cidade muito contrastada do ponto de vista económico.	1- 86,017; 2- 243,4; 3- 324,334; AT- 10,21	FEDER- 228,547 (88%); FSE- 31,343 (12%)	545,818 (82%)

North East of England	1- Estabelecer uma cultura de empresa; 2- Crescimento e competitividade das PME's; 3- Oportunidades de empregos estratégicos; 4- Comunidades alvo.	2,3 milhões de habitantes desta região, acrescidos de 313 mil em regime transitório, beneficiam deste programa. A região tem conhecido fortes mudanças estruturais suscitadas pelo declínio da construção naval, siderurgia, metalomecânica e exploração de carvão, com consequências no aumento do desemprego, manutenção de salários baixos, emigração. O PIB é 15% inferior à média britânica. No entanto, o sector dos serviços progrediu e novas indústrias chegaram à região.	1- 305,064; 2- 941,061; 3- 334,184; 4- 299,211; AT- 13,572	FEDER- 581,33 (81%); FSE- 135,67 (19%)	1594,458 (84%)
North West of England	1- Empresas e ideias; 2- Recursos humanos e comunidades; 3- Investimento regional estratégico.	Os indicadores económicos são em geral nesta região inferiores às médias britânica e comunitária. A economia regional permanece ligada a indústrias em declínio, à agricultura e ao turismo balnear, verificando-se um crescimento dos serviços a ritmo inferior ao observado nacionalmente. Apesar de uma taxa de desemprego elevada, a evolução no emprego tem sido positiva, a mão-de-obra é qualificada, generalizou-se o recurso às tecnologias de informação e as chamadas indústrias culturais surgiram com certo ênfase.	1- 772,83; 2- 349,734; 3- 757,873; AT- 27,168	FEDER- 808,33 (100%)	1707,881 (90%)
South East of England	1- Desenvolvimento das empresas e inovação; 2- Desenvolvimento territorial; 3- Património, cultura e ambiente; 4- Desenvolvimento económico local.	Perto de 89 mil habitantes ficam abrangidos pelo Objectivo 2, acrescidos de 75 mil que beneficiam de apoios transitórios,. Tratando-se, essencialmente, de cidades litorais sem grande tradição industrial, é fundamental considerar a perda de importância do turismo balnear a partir de uma certa democratização das férias no estrangeiro. O turismo cultural terá um lugar central na recuperação económica da região.	1- 26,7; 2- 34,416; 3- 26,501; 4- 10,288; AT- 2,138	FEDER- 35,7 (100%)	82,136 (82%)
South West of England	1- Renovação da economia de proximidade; 2- Desenvolvimento das PME's, tecnologias e inovação, 3- Preparar o futuro das actividades económicas tradicionais.	As áreas elegíveis para o Objectivo 2 concentram cerca de 709 mil habitantes. Nas áreas rurais a crise da agricultura e as pressões sobre o turismo provocaram o declínio destes sectores, principais geradores de emprego. Bristol e Plymouth também sofreram quebras no emprego devido aos problemas na indústria da defesa, nos anos 90, e, em Torbay, acresce a diminuição do emprego nas actividades ligadas à pesca.	1- 55,136; 2- 223,597; 3- 163,503; AT- 3,896	FEDER- 154,71 (82%); FSE- 35,01 (18%)	401,320 (90%)

South of Scotland	1- Empresas competitivas; 2- Locais competitivos; 3- Recursos humanos e comuniaddes locais.	A população elegível a título deste programa eleva-se a 246 mil habitantes. O abrandamento da economia rural comportou dificuldades para alguns pequenos centros industriais. A queda do têxtil e as reduções de efectivos promovidas por grandes multinacionais tocaram gravemente a região. Com dificuldade em impedir a emigração dos mais qualificados, a região sofre a falta de mão-de-obra qualificada. O ambiente natural é o principal trunfo da região.	1- 58,584; 2- 80,605; 3- 28,554; AT- 5,118	FEDER- 73,13 (100%)	151,717 (88%)
West Midlands	1- Desenvolver uma base económica diversificada e dinâmica; 2- Criar condições favoráveis ao crescimento do emprego; 3- Regenerar as comunidades.	As áreas Objectivo 2 cobrem um pouco menos de metade da população total da região (2,413 milhões de habitantes) e 1,108 milhões de habitantes estão abrangidos por um regime transitório. A economia regional depende fortemente da indústria (30% dos activos), onde também se encontram os principais problemas estruturais, relacionados com o facto de se tratar sobretudo de sectores tradicionais. Começam a surgir novas empresas, capazes de inovar e de se adaptar às novas exigências do mercado, mas também a empregar pessoal qualificado.	1- 1145,285; 2- 756,572; 3- 352,775; AT- 12,918	FEDER- 709,812 (83%); FSE- 144,398 (17%)	1762,930 (78%)
Western Scotland	1- Desenvolver a competitividade e a capaciaddde de inovação das PME's; 2- Desenvolver a região enquanto espaço competitivo; 3- Melhorar a coesão económica e social.	Nesta região, cerca de 2,3 milhões de habitantes encontram-se nos territórios elegíveis para o Objectivo 2. As bases tradicionais da prosperidade regional encontram-se em transformação desde há duas décadas. O carvão, a siderurgia, a construção naval e as indústrias pesadas entraram em perda e o sector dos serviços, a indústria electrónica e as tecnologias de ponta cresceram significativamente. A taxa de desemprego mantém-se elevada, os níveis de precariedade e de trabalho parcial estão em crescimento, os resultados em termos de criação de empresas e da sua fixação regional são medíocres, os problemas de pobreza e de exclusão social estão presentes.	1- 422,866; 2- 571,54; 3- 405,193; AT- 24,162	FEDER- 419,206 (87%); FSE- 64,084 (13%)	1261,568 (89%)

Yorkshire and Humber	1- Uma nova agenda para as empresas; 2- Eliminar os obstáculos à competitividade; 3- Apoiar a renovação social e económica sob impulso das comunidades; 4- Criar empregos pela diversificação das actividades; 5- Um parceria para o investimento Objectivo 2.	Este programa abrange uma população de 1,5 milhões de habitantes elegível para o Objectivo 2, mais 500 mil em regime transitório. Apesar de uma economia com grande diversidade, a dinâmica não é suficiente e as novas empresas têm uma taxa de sucesso problemática. As indústrias em declínio são numerosas e nas áreas rurais a agricultura continua a ser essencial.	1- 322,071; 2- 379,998; 3- 311,647; 4- 314,75; 5- 67,967; AT- 15,196	FEDER- 448,36 (87%); FSE- 69,48 (13%)	1109,368 (79%)
SUÉCIA					
Oarna	1- Quadro de vida da comunidade; 2- Desenvolvimento dos recursos humanos; 3- Economia e infra-estrutura.	Oarna não é uma região contínua. Cobre o conjunto das ilhas situadas ao longo da costa oriental e ocidental sueca e as ilhas dos quatro maiores lagos. A população total é de 90 mil habitantes, dos quais 60 mil vivem na ilha de Gotland. Existem vários problemas de infra-estruturas, nomeadamente de redes de transportes, em matéria de tecnologias de informação e ao nível do ensino (há ilhas em que os alunos têm de se deslocar para outras ilhas). A cultura reveste-se de uma importância particular para esta ilhas e a beleza ambiental torna-as um destino turístico dos mais apelativos. Se este facto gera rendimentos, não deixa de provocar inconvenientes como sejam o da pressão ambiental, do desemprego sazonal e dos preços elevados dos alojamentos.	1- 20,684; 2- 13,542; 3- 64,464; AT- 2,4	FEDER- 25,313; FSE- 4,687 (16%)	75,729 (75%)
Västra	1- Desenvolvimento industrial e ambiente empresarial; 2- Cooperação entre empresas e estabelecimentos de ensino.	A oeste da Suécia, esta região conta com cerca de 526 mil habitantes em territórios elegíveis para o Objectivo 2, a maior parte das quais em áreas rurais. No início dos anos 90, 20% da mão-de-obra estava desempregada. A partir de 98, a situação melhorou e a taxa de desemprego situa-se em 6%. A indústria ainda constitui uma das actividades com mais empregos, mas tem sido o crescimento do terciário a compensar as perdas nos restantes sectores.	1- 400,378; 2- 21,647; AT- 8,715	FEDER- 114,966 (92%); FSE- 9,534 (8%)	272,476 (63%)

Norra	1- Desenvolvimento das empresas; 2- Um desenvolvimento apoiado no conhecimento.	As áreas elegíveis cobrem três condados da Suécia central e uma população de 611 mil habitantes. Em 1999 a taxa de desemprego atingia 12%, mais 5% do que a média nacional. Os sectores fortemente intensivos em capital (29%) e em qualificações (26%) geram a maior parte do emprego, enquanto que a I&D fornece 10% dos activos. As empresas da região adaptam-se bem à mundialização e procuram um ambiente que estimule a inovação. São indispensáveis investimentos nos transportes, comunicações e redes de informação.	1- 561,986; 2- 57,32; AT- 9,6	FEDER- 162,122 (88%); FSE- 22,878 (12%)	456,671 (73%)
Sodra	1- Melhoria do quadro de vida e desenvolvimento económico; 2- Desenvolvimento dos recursos humanos.	Situa-se no sudeste da Suécia os cinco condados abrangidos pelo Objectivo 2, com uma população de 325 mil habitantes. O PIB p.c. representa 82% da média da UE e a taxa de desemprego eleva-se a 7,4%, equivalente à média nacional. Um grande parte da mão-de-obra encontra-se na indústria, sendo os restantes sectores mais importantes a agricultura, a silvicultura e a saúde.	1- 277,328; 2- 37,07; AT- 5,81	FEDER- 70,9 (85%); FSE- 12,6 (15%)	207,297 (65%)